

PONTE GRANDE SOBRE O RIO TIETE — S. PAULO

Aquarela de Felisberto Ranzini.

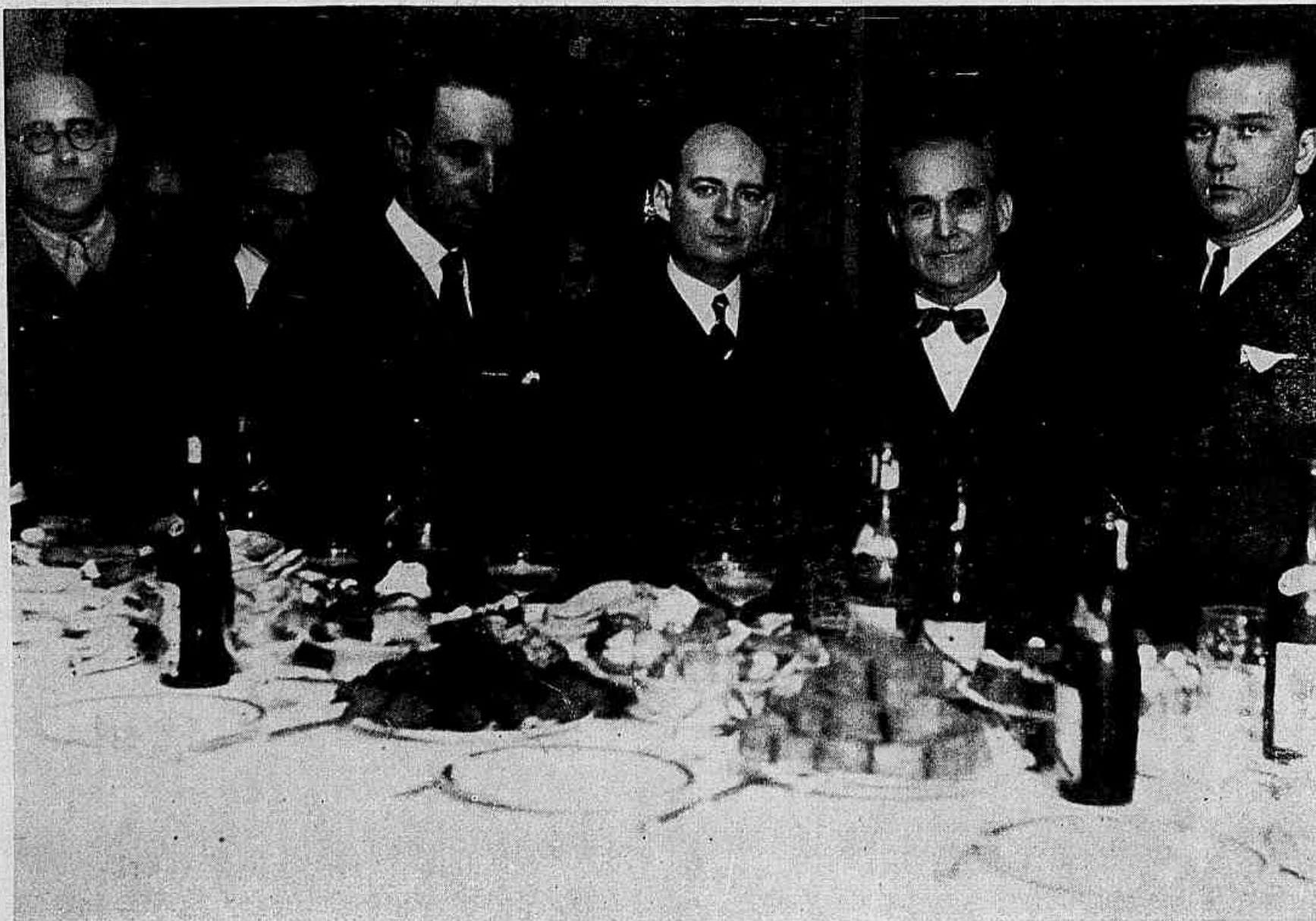
Revista da Semana

ANO XLII — N.º 39

27 de Setembro de 1941

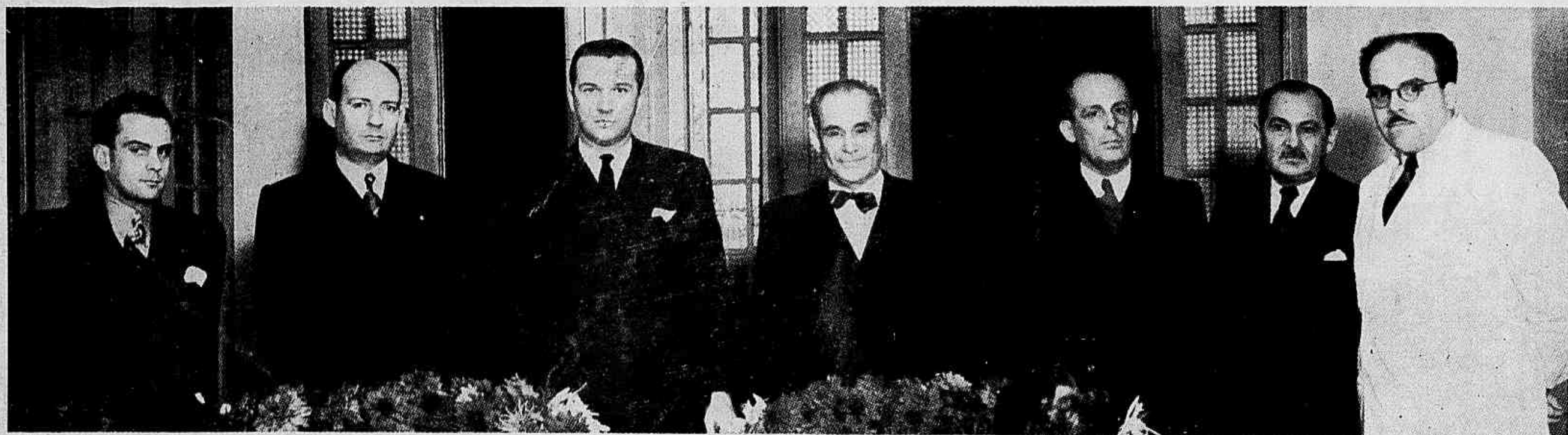
1\$500 em todo o Brasil





Sindicato dos Contabilistas do Rio de Janeiro

O presidente do Sindicato dos Contabilistas do Rio de Janeiro, dr. Moraes Junior, entre o representante do Ministro do Trabalho, dr. Pericles de Carvalho e o dr. Luiz Augusto do Rego Monteiro, diretor do Departamento Nacional do Trabalho.



A mesa que presidiu á sessão solene comemorativa do 25.º aniversário do Instituto Brasileiro de Contabilidade.

dia 20 deste mês, o 25.º aniversário de sua fundação.

As solenidades constaram de uma romaria aos tumulos dos fundadores falecidos, Augusto Carlos Setubal, Joaquim Teles e senador João Lyra; missa em ação de graças, rezada na Igreja de S. Francisco de Paula e uma sessão solene, seguida de baile em quatro salões da sede do Sindicato, á Avenida Tomé de Souza, n.º 170 — A.

Das solenidades realizadas na sede do Sindicato damos nesta pagina alguns aspectos.

Um grupo de moças que tomaram parte nas festividades comemorativas do 25.º aniversário do I. B. C.

O Instituto Brasileiro de Contabilidade, que, por exigência da nova legislação social, teve a sua denominação alterada para Sindicato dos Contabilistas do Rio de Janeiro, comemorou solenemente, no

Um aspecto da assistência á sessão solene.



A HUMANIDADE E OS CAVALOS

NO antigo prado da Moóca, em São Paulo, vinte famílias pobres habitavam as cocheiras abandonadas. No tempo dos cavalos, as báias podiam ser visitadas, a qualquer hora, por diplomatas sutis e poetas líricos de alta estirpe: era tudo espelhante de asseio e bom gosto... Os pobres não tinham, porém, quem lhes acudisse á limpeza das cavalariças e estas se tornaram, em breve, focos de sujeira e de detritos sórdidos... Mas sempre serviam àquela miséria e remediavam aquele desamparo. Os cavalos envergonhar-se-iam de habitá-las como estavam ultimamente — mas os pobres davam graças a Deus por aquele abrigo, que os preservava do frio e da chuva... Um dia, apareceu por lá um fiscal da Municipalidade (oh! a alma gelada dos fiscais!) — e ordenou o despejo imediato das vinte famílias. Foi um súbito debandar de gente esquálida, dessa que a Fome marca com o estigma da sua mão descarnada. Trastes misérrimos espalharam-se em frente ao Prado, que foi, um dia, o orgulho da Cidade e o ponto de reunião elegante da Paulicéia. Camas, mesas, cadeiras, trapos, caixas velhas — todos os cacaréos anônimos da pobreza encheram, por um momento, as calçadas da aristocrática Moóca... E, como os infelizes não têm parentes, tiveram de dormir ao relento — e, por sinal, fazia um luar puríssimo, dessa beleza bíblica que evoca a noite em que São José, com a Sagrada Família, fugiu para o Egito...

Tal é o drama pungente que um jornal de São Paulo nos relata, através de uma reportagem que tem o sabor acérrimo das lágrimas mal contidas... Parece incrível que, em nosso século, assistido das luzes da Ciência e dos milagres da Mecânica, haja quem negue aos homens o direito de herdar os despojos dos cavalos... A Miséria que habita uma cocheira brada aos céus com a eloquência desesperada das grandes injustiças sociais. Ninguém ignora os requintes de cuidado, assistência e conforto que os criadores prodigalizam aos seus cavalos de raça. Cada um desses bichos de pedigree ilustre pouco tem que invejar á magnificência de Luís XIV em Versalhes... Um batalhão de serviçais — médicos veterinários, tratadores, enfermeiros, assistentes, técnicos, até calistas e pedicuros — encarrega-se de lhes conservar a saúde, o «moral» e a alegria de viver. Um cavalo racé é um príncipe de quatro patas. Já não falo aqui das delícias da celebridade e do retrato na primeira página dos jornais: falo da vida puramente fisiológica, que lhes decorre assegurada por todos os requintes da Higiene e todas as graças da Fortuna! Tudo o que comem e bebem é examinado e medido por homens de alto saber, cuja família se sentiria feliz com os restos desses banquetes opíparos e equinos... As moscas não os hostilizam e eles nem sabem o que é a intimidade esgotante de um carrapato! Sôros preciosos os imunizam de infecções possíveis e vagas... Banham-n'os todas as manhãs, pesam-n'os todas as tardes. Se perderam uma grama (por uma vigília mais filosófica ou por excessos de prazeres mundanos) os telefones tilintam muito cedo e põe-se em pé de guerra um batalhão de especialistas nervosos e ilustres!

Sua função única é correr, num belo prado, por entre gritos de estímulo dos torcedores, sob o binóculo trêmulo de damas ofegantes e deliciosas! Se ganham a corrida dezenas de fotógrafos lhes fixam a imagem gloriosa, os jornais cinematográficos lhes disputam os primeiros flagrantes e só não lhes metem o microfone ao focinho porque nem todos os homens ainda entendem a linguagem superior do relincho! Publica-se, então, a sua biografia, com todas

as minúcias devidas ás personalidades célebres, enaltecem-se as qualidades de seus avós, e os episódios mais vulgares da sua infância aparecem como indícios de grandes feitos e prenúncios de vitórias relinchantes!

Se os homens tivessem para com seus irmãos miseráveis a décima parte do carinho que consagram aos cavalos de corrida, haveria, decerto, menos lágrimas no mundo e menos injustiça na terra!

De todos os seres da Creação, o mais abandonado dos homens é o próprio homem. Por que? Porque nem sempre o filho de Adão é fonte de rendimento para seus semelhantes... Um bom corredor é um bilhete de loteria armado de quatro patas velozes — e uma fonte de vaidade e de comoção... A vaidade e a ambição — eis as duas grandes forças motrizes do gênero humano. Em que interessa a um capitalista elegante uma família pobre — em que há uma mulher de face terrosa, duas ou três crianças ramelentas e uma velhinha que só sabe tremer e pedir? O mais que um pobre pode fazer é rezar pelos que lhe fazem bem — mas o Céu está tão longe e a pista tão próxima!

Demais disso, do ponto de vista estético, um cavalo de raça é infinitamente mais belo do que uma mãe faminta e suja... Que linhas puríssimas tem um árabe puro sangue, desses que atraem o lorgnon fútil das damas e o olho faminto dos jogadores! Como se há de apostar numa criança enferma, que vive num estábulo e acabará, decerto, na vala comum? Nos pobres, até a morte é inestética — porque cheira a trapo e a fome...

A prova disso é que as cocheiras da Moóca eram palácios quando os cavalos a habitavam, e hoje são chiqueiros — porque os homens delas se apoderaram... Que engulhos não terão sublevado o estomago burocrático desse fiscal quando levou a ordem de despejo a meia centena de miseráveis! Como cheira mal a pobreza!

A verdade é que as cocheiras da Moóca perderam, com os cavalos, todo o direito ao respeito dos emissários da Municipalidade. Em vez de «puros sangues», pobres mulheres esfarrapadas, com o cabelo em falripas e a face emaciada pela fome, em vez do relincho alegre das arrancadas heróicas, o monótono gemer da desgraçada espécie humana... Não se pode entrar aqui sem levar ao nariz um lenço bem sortido de água da Colônia. A Miséria, além de ser escura como um mistério, cheira mal como uma chaga!

Foi, também, num estábulo que Nossa Senhora se abrigou, vai para 2.000 anos, com o Menino Jesus a palpar-lhe no ventre... Foi num presépio que se consumou o maior e o mais singelo drama da história dos homens e dos deuses... Mas, felizmente para os destinos da alma humana, lá não apareceu nenhum fiscal da Prefeitura de Belém... E o boi, o carneiro e outros bichos de alma serena puderam adorar o Menino Deus, sob o olhar vigilante de uma estrela... E os pastores puderam cantar, no silêncio profundo da noite de Natal:

«GLORIA A DEUS NAS ALTURAS!...»

FERREIRA

A DESFORRA

Conto de
E. G. GLUCK

Jerônimo Ratineau era um individuo acanhado, tímido. E não que a vida, com exigências e maus tratos, o houvesse levado ao estado de espírito em que a gente se julga incapaz de qualquer coisa de belo ou de superior e tem, a bem dizer, medo de tudo... Ratineau não se podia considerar uma vítima da adversidade. Não havia sofrido maiores desastres ou contratempos. Aquilo, portanto, aquela especie de fraqueza moral não obedecia a nenhuma causa concreta. Era a sua natureza mesma. Julgava-se inferior aos outros, sem a si mesmo se poder explicar por que. Receava ser ofendido, humilhado; e, ao sentir qualquer afronta, abstinha-se de reagir. Resignava-se, maguado ou envergonhado, para evitar afronta maior.

Sempre assim fôra. Já no primeiro collegio se mostrava um rapazinho insignificante, sem confiança em si nem coragem para enfrentar os que o provocassem. Podia ser apenas um menino bem comportado, si o deixassem. Como, porém, os camaradas, abusando do seu feitio timorato, o perseguiam com travessuras e caçadas, o acusavam das diabruras que eles próprios praticavam, descarregando nele todas as culpas e todas as antipatias, Jerônimo passava, ainda por cima, por mau estudante, songamonga, hipócrita, um desses tartufos infantis que, conforme vulgarmente se diz, fingem que não quebram um prato e botam a prateleira abaixo. E era com ele que os professores mais vezes se irritavam; era a ele que aplicavam a maior parte dos castigos.

Cresceu, fez-se homem, sem deixar de ser, naquele particular, uma especie de criança. Apurado para o serviço militar, não aprendeu no quartel a fazer respeitar a sua dignidade de homem igual aos outros, melhor, em varios sentidos, que muitos outros. Continuava embaraçado, poltrão. Nenhum superior gostava dele. E Jerônimo, sem iniciativa, sem energia, nada realmente tentava para destruir aquela impressão geral.

Terminado o serviço militar e chegado o momento de deixar de ser unicamente filho de familia, passando a ganhar a sua vida, entrou, como empregado subalterno, para os escritorios duma empresa de estrada de ferro. Como os condiscipulos na escola e os camaradas no regimento, os colegas agora judiavam dele ao menor pretexto. Sempre que podiam, descarregavam sobre Jerônimo o trabalho que aos outros competia. Sem protestar, para não provocar desagradados que lhe valessem maiores males, Jerônimo prolongava as horas de trabalho, levava serviço para fazer em casa. E como, apesar de todo o esforço, todo o sacrificio, fatalmente se atrasava nas tarefas, o sr. Charmalion tomara-o positivamente à sua conta.

Charmalion era o chefe da contabilidade. Essa idéa de chefe enchia-o de importancia. Tinha a mania da autoridade. Dava as ordens como si os empregados da sua secção fossem, positivamente, seus criados. E ultra-respeitoso, bajulador perante os diretores da companhia, vingava-se nos que tinha sob as suas ordens, do servilismo a que, em relação aos patrões, se considerava obrigado.

Está claro que para Charmalion o pobre Jerônimo Ratineau se tornou um verdadeiro bode expiatório. O pobre rapaz não sabia que fazer para atenuar aquela animosidade furiosa. Dedicção ao serviço, obediência incondicional, nada amansava a furia de tal chefe. Assim foram passando os meses, os anos, sem que a situação do nosso triste heroi se alterasse — a não ser para peor. Um dia, porém, com surpresa de todos os companheiros e sem enviar qualquer desculpa ou explicação, Ratineau deixou de comparecer ao escritorio.

No dia seguinte, novamente Ratineau faltou à hora de começar o serviço. E nem novas nem mandados! O sr. Charmalion indagou si alguém podia imaginar que fim levava o empregado desaparecido. Ninguém sabia. A vida de Ratineau não interessava a pessoa alguma, si não para o explorarem ou abusarem do seu "pacifismo". Telefonou-se para varios lugares sem resultado. Até que o chefe resolveu mandar à residencia que constava do registro dos empregados da empresa um subalterno encarregado de averiguar o que teria acontecido. Mal, porém, o emissario partia, entrava Ratineau, calmamente, no escritorio. Mil exclamações o receberam.

- Ratineau!
- Até que enfim!
- Que foi? Que aconteceu?
- Por que não veio ontem?
- E hoje, só aparece a estas horas?
- Esteve doente?
- Foi preso?
- Diga, diga!

Mas Ratineau, sem responder palavra, sem manifestar o propósito de dar ao chefe a menor satisfação, foi se sentar, como de costume, à mesa de trabalho. Todas as atenções se voltavam para ele. Os colegas presentiam que alguma coisa de extraordinario ia succeder... Nisto, a voz encolerizada do chefe atroou o recinto:

— Ratineau!

Jerônimo, que afixava pachorrentamente um lapis, nem chegou a voltar a cabeça para atender ao chamado. Limitou-se a perguntar:

— Que é que há?

— O senhor... rugiu Charmalion — o senhor não está no seu estado normal!

— Engana-se... replicou o outro. — O meu estado é normalíssimo. Não faço o menor caso das suas recriminações, sorrio com desprezo da sua arrogancia e da sua estupidez. E, como é o senhor que me parece transtornado e eu não estou disposto a aturá-lo, vou passear um pouco, para lhe dar tempo de se acalmar.

O chefe espumava de raiva:

— Pois o senhor atreve-se...

— À volta espero encontrá-lo mais razoavel. Viva!

— Vou dar parte ao diretor! ameaçou Charmalion.

No dia seguinte, Ratineau tornou a faltar à hora do serviço.

— Esse idiota vai ver o que lhe acontece! anunciava o chefe. — Vai ver! Vai ver!

Por volta das 14 horas, Ratineau entrou na sala. Saudou os colegas com certo ar de superioridade e dirigiu-se à sua carteira. Acendeu um charuto, desdobrou um jornal e entregou-se à leitura como se estivesse sozinho e em sua casa.

Charmalion foi a ele e ordenou-lhe que o acompanhasse à sala da direção.

— Para que? O senhor diretor deve estar ocupado, não quero incomodá-lo.

— Mas sou eu que mando! berrou Charmalion.

— E por que não vai sozinho? Nessa idade ainda precisa de companhia?

Charmalion saiu da sala, desvairado; e dali a pouco voltava, precedido do diretor. Os empregados esperavam, com a respiração suspensa...

— E' verdade o que o sr. Charmalion acaba de me comunicar? perguntou o diretor.

— E' até a única verdade que ele tem dito em toda a sua vida.

O diretor fingiu não reparar na insolencia daquela resposta e acrescentou:

— Pois então concedo-lhe cinco minutos para escrever uma carta ao seu chefe, pedindo-lhe desculpa do que aconteceu. Do contrário, será despedido!

— Perfeitamente! concordou Ratineau, preparando-se logo para escrever.

Charmalion sorria, triunfante. Os empregados pareciam convertidos em estátuas.

Ratineau apresentou a carta ao diretor. Quando, porém, este estendia a mão para a receber, o modesto empregado disse:

— Talvez seja melhor lê-la eu proprio. Com licença.

E leu:

"Senhor Diretor. Venho pedir-lhe o obsequio de aceitar a minha demissão. E' com a maior satisfação que me retiro deste escritorio, onde, durante alguns anos, suportei os acessos de estupidez e os assomos de insolencia do mais antipático dos chefes"...

— Este homem enloqueceu! exclamou o diretor.

— Não, senhor... explicou Ratineau, sorrindo. — Acabo de herdar uma fortuna que me livra para sempre das grosserias do sr. Charmalion. E esse repentino favor da sorte fez de mim completamente outro homem. Já não tenho medo de ninguém nem de coisa nenhuma! Vou receber a bagatela de milhão e meio de francos; e tenciono colocar boa parte do meu capital nesta companhia. Quer dizer que, perdendo-me como empregado, o senhor me ganhará como acionista.

Mal Jerônimo proferira estas palavras, já o diretor lhe segurava afetuosamente o braço, dizendo:

— Vamos para o meu gabinete, meu caro Ratineau. Ali conversaremos mais à vontade...

E retiraram-se ambos, sem fazer mais caso do chefe de contabilidade que, arrependido e esmagado de vexame, só pensava agora na maneira de evitar as represalias de Ratineau...

M. CAVALCANTI DE CARVALHO

ADVOGADO

EDIFICIO CANDELARIA — Rua São José, 83-85 — 2.º andar

Sala 208 — Fone 42-4859 — RIO

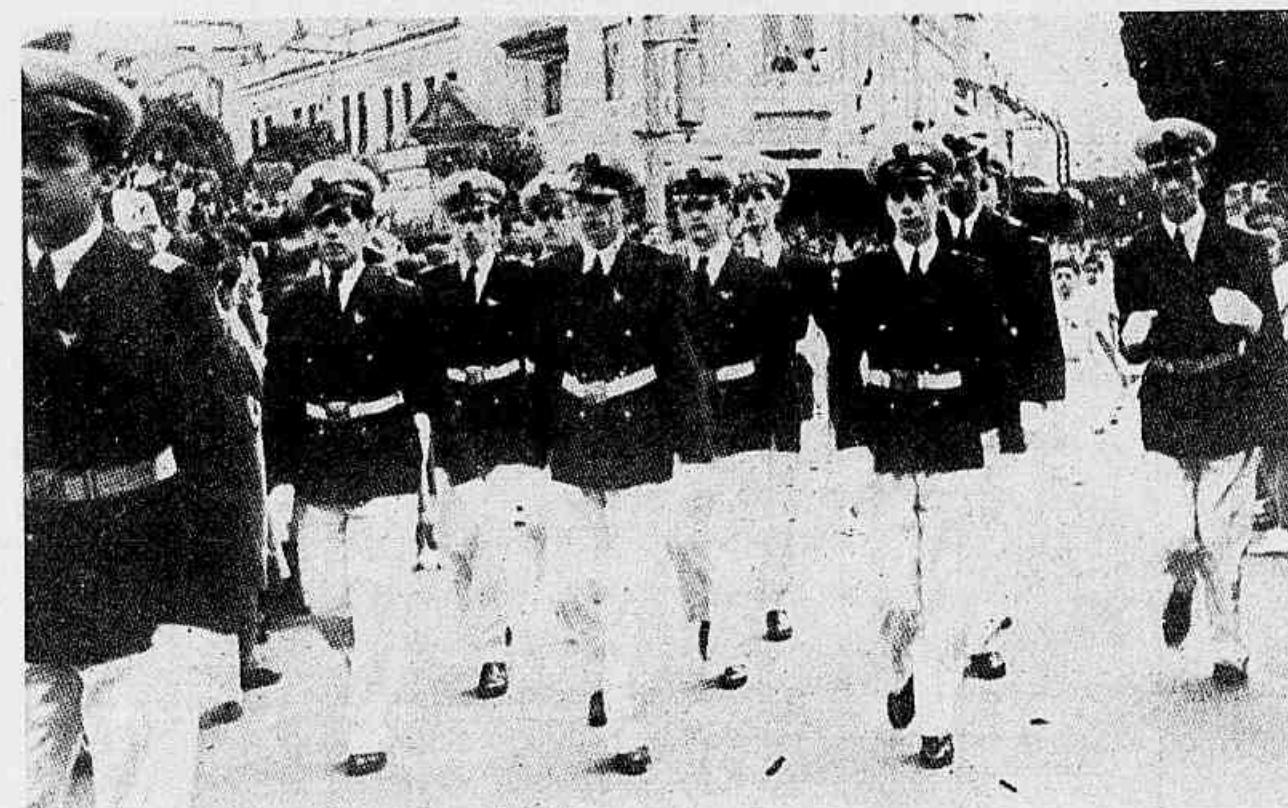
DOS ESTADOS

De
Minas
Geraes

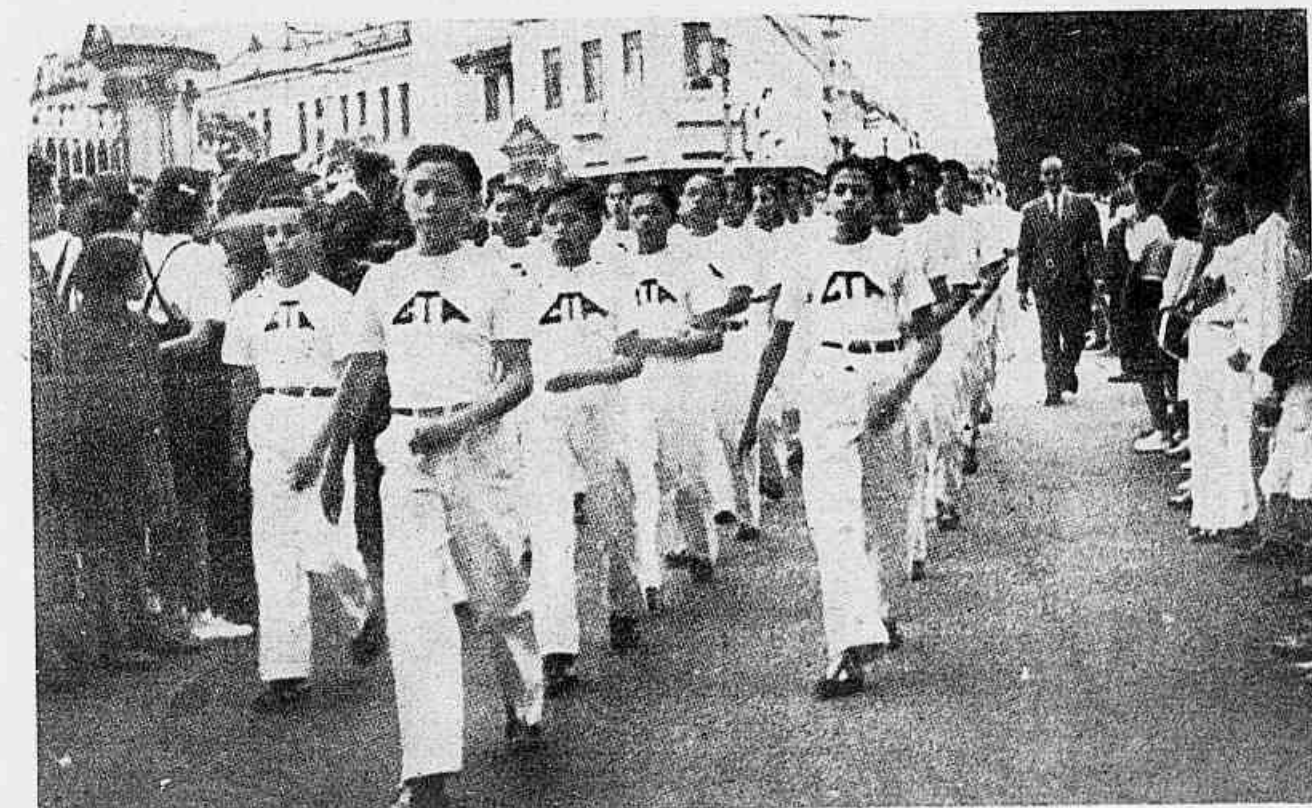
Parada da Juventude em Belo Horizonte. Porta-bandeira do Ginásio Tristão de Athayde.



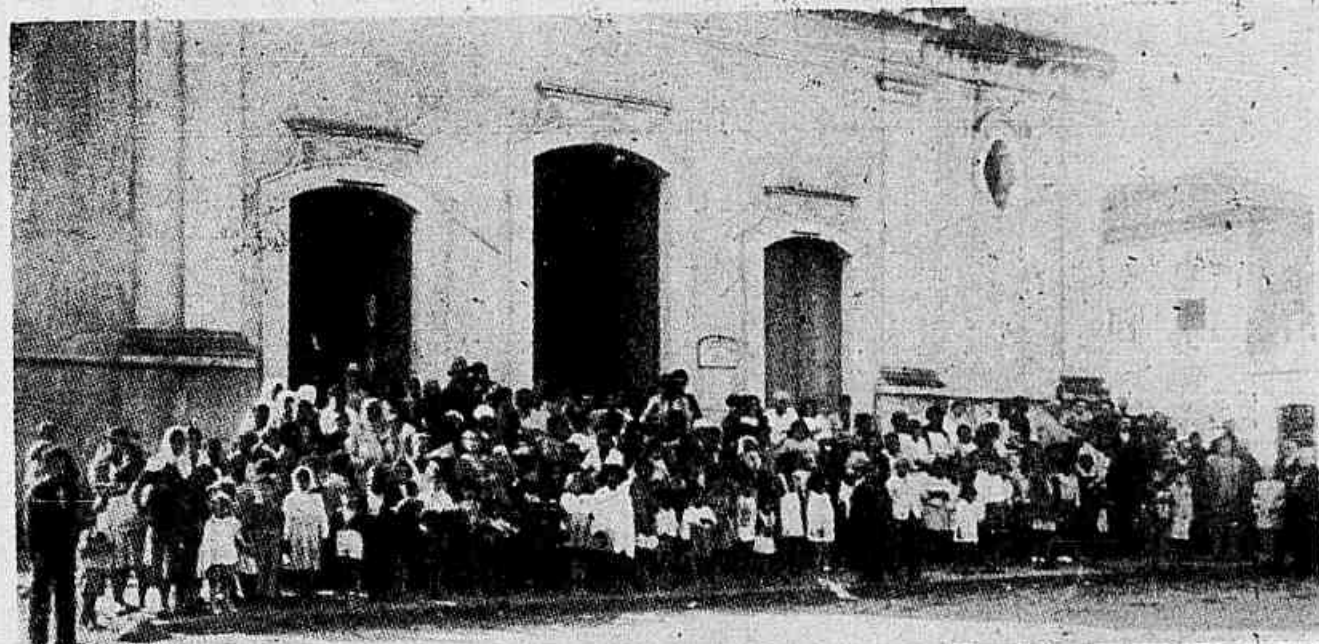
A bateria do Ginásio Tristão de Athayde dirigindo o desfile da juventude com que foi celebrada em Belo Horizonte a "Semana da Pátria".



Jovens do corpo discente do Ginásio Tristão de Athayde desfilando na Parada da Juventude.



Outro aspecto da mocidade do Ginásio Tristão de Athayde, desfilando na capital mineira.



Pela benemerita e humanitária, Conferência da Sociedade de São Vicente de Paulo, em Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul, foram distribuídos cobertores, pelúcias e outros agasalhos aos pobres do município, com a presença de muitas pessoas gratas, diretoria e membros da Conferência. Damos aqui dois aspectos apanhados no local da distribuição.

REVISTA DA SEMANA
PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A DECANA DAS REVISTAS NACIONAIS

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA
EDITORIA
AMERICANA

Diretor: GRATULIANO BRITO
ASSINATURAS

BRASIL E AS 3 AMERICAS:

Um ano 63\$000
6 meses 32\$000

REGISTRADA:

Um ano 80\$000
6 meses 40\$000

ESTRANGEIRO REGISTRADA:

Um ano 170\$000
6 meses 90\$000

AVULSO 1\$500
ATRAZADO 2\$000

R. VISC. DE MARANGUAPE, 15

TELEFONES:

DIREÇÃO 22-2622
GERÊNCIA 22-2550

REDAÇÃO 22-4447
PUBLICIDADE 22-9570
FOTOGRAFIA 22-1013
PORTARIA 22-5602

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:

"REVISTA" — RIO DE JANEIRO
SUCURSAL EM SÃO PAULO:

Largo do Paissandú n.º 124
fone: 4-6070.

End. Telegráfico: "REVISTA"

Tem agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil.

REPRESENTANTES:

Nos Estados Unidos da América do Norte — S. S. Koppe & Cia. — Times Bldg. New York City.

Em Portugal — Agência Geral de Publicações — Rua do Arsenal 84. Lisboa.

Na Africa Oriental Portuguesa — D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques.

No Uruguai — Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originais enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datilografados.

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

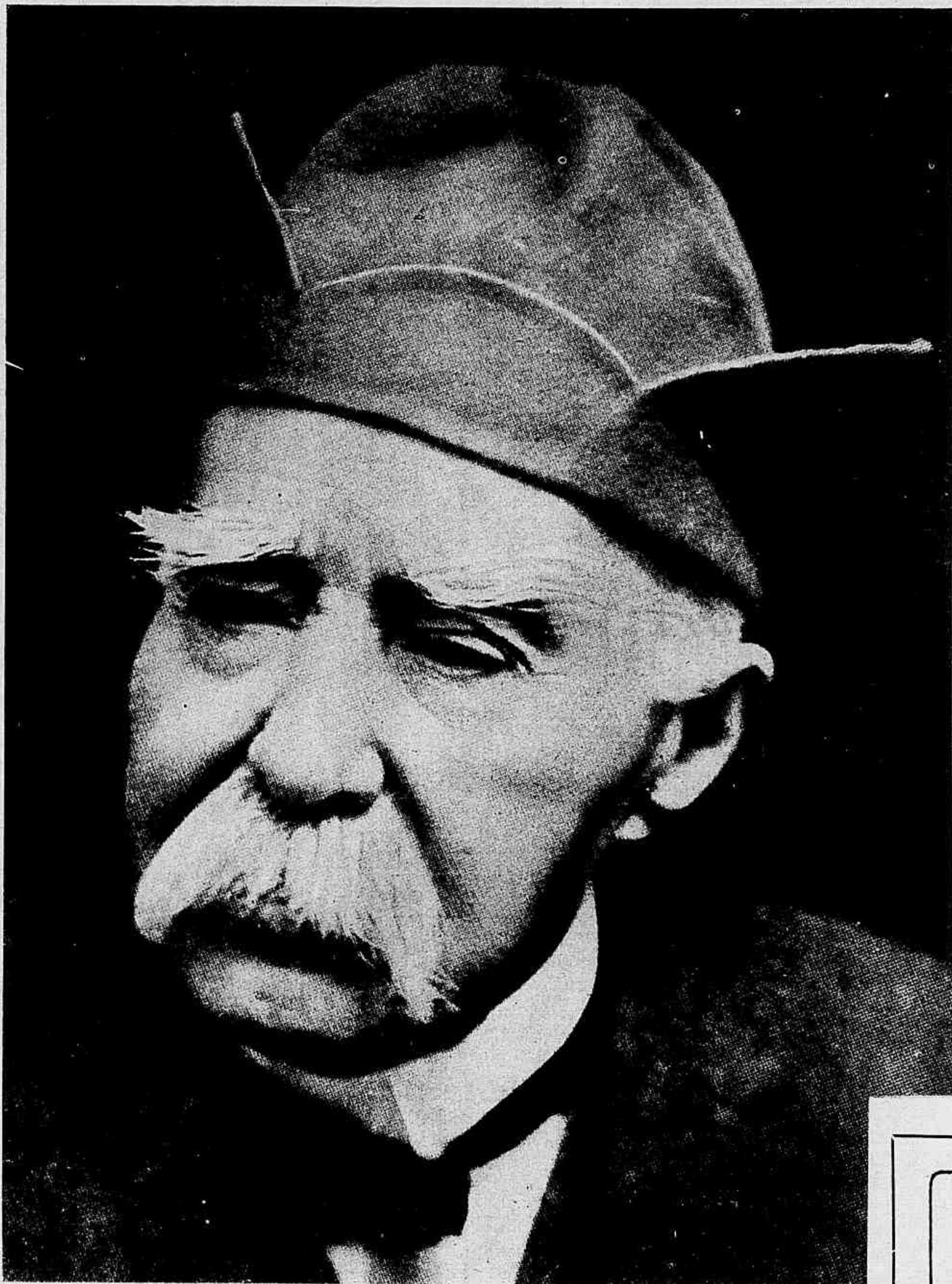
ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

A CENA MUDA

A melhor revista cinematográfica

♦♦ Todas as terças-feiras. ♦♦

O Centenario do nascimento de Clemenceau



GEORGES BENJAMIN CLEMENCEAU nasceu na Vendée — Mouilleron-en-Pareds — aos 28 de Setembro de 1841.

Filho de um medico de Nantes, estuda na cidade natal, até aos 18 anos. Do pai, recebe o exemplo da austeridade republicana, que lhe molda o espirito, fortemente tocado desde a mocidade pela cultura antiga.

Em 1860 Clemenceau chega a Paris. A juventude das escolas está em plena efervescencia republicana.

Recomendado por seu pai ao celebre Arago, colabora nas pequenas folhas efemerias. Funda com Jules Meline, Eugene Frotot, Pierre Denis e outros... illustres desconhecidos, o jornal "Le Travail", cuja manchete indica: — "Le Travail parait quand il peut".

Um debutante de então, Emile Zola, entrega ao redator chefe do "Le Travail" uma de suas produções. Aguarda a publicidade. Os dias passam, nada. Impaciente, Emile Zola se dirige ao jornal. Clemenceau o atende e, com rude franqueza, pondera:

— Meu caro amigo. Procure outro officio, o senhor não será jamais um escritor.

Evidentemente o Tigre erra no apressado vaticinio. Uma das particularidades do tempo e do homem: o jornal de Clemenceau publica varios artigos encomiasticos sobre as obras de Michelet. O epilogo da tentativa não se faz demorar. A folha de Clemenceau, após 9 numeros, é suspensa e o diretor preso por 70 dias.

Após a conquista do titulo de doutor em medicina, em 1865, Clemenceau se dirige a Londres, apresenta-se a Stuart Mill e Herbert Spencer, e segue para os Estados Unidos afim de completar seus estudos.

Na America, da lições de literatura francesa, envia artigos para o "Temps", que os publica, sem admitir que os assine em vista da obscuridade do nome do autor.

Não obstante seu desapontamento sobre a questão dos negros, a America o encanta. Ele assiste á democracia em marcha e o que mais o choca é o imperio da ação individual. Cada cidadão nesse país, observa, póde construir sózinho a propria carreira.

♦♦♦

A guerra de 1870 encontra Clemenceau na America. Quanto rapidamente possível procura regressar á França

e chega somente a tempo de assistir ao "tragico epilogo".

Constituido o governo da Defesa Nacional, Arago confia-lhe a Prefeitura de Montmartre, distrito que o elege seu deputado em 1871.

Nessa oportunidade, após a transferencia da Assembléa para Bordeaux, se junta a Gambeta, Vitor Hugo, Quinet, Louis Blanc e forma, com 106 outros, o grupo de protestatarios que recusa ratificar as preliminares de paz negociadas por Jules Favre e Thiers, e protesta contra a anexação da Alsacia e Lorena ao Imperio alemão.

Clemenceau sugere que os dissidentes enviem um manifesto aos deputados daquelas provincias, no qual se lê na parte final: "Aconteça o que acontecer os cidadãos da Alsacia e Lorena permanecerão nossos compatriotas e nossos irmãos e a Republica lhes promete eterna reivindicção."

♦♦♦

De 1871 a 1875 faz parte do Conselho Municipal de Paris e em 1876 é novamente eleito deputado.

Sua atividade parlamentar é multiforme. Em geral o apresentam como se fôra um vulgar demagogo, um simples demolidor. Nada de mais falso.

A "derrubada" de varios Ministerios tem por causa alguma coisa acima de competições partidarias, posto que corresponde, no maior das vezes, a questões de principios ante os quais Clemenceau jamais transige.

Todavia um balanço sereno de

suas contribuições oferece ao observador algô de concreto em sua obra politica.

Pertence Clemenceau á categoria dos homens publicos que abandonam a outrem projetos secundarios e permanecem nas alturas das grandes questões. Não apresenta, á consideração da Camara, projeto de um qualquer alinhamento de ruas ou quejandas de igual quilate, antes afirma direções de uma peleja mais grave impedindo com seus discursos o êxito, ainda que temporário, dos inimigos da Republica acastelados em varios clãs. Não obstante a França lhe deve varias iniciativas proveitosas, tais como o intento da pacificação dos espiritos após a Comuna, parte considerável da legislação sobre o ensino laico e finalmente o imposto sobre o rendimento. Tudo isso representa o contingente de dezessete annos em que tem uma cadeira na Camara.

Muitas vezes o verberam acirrados inimigos o se haver oposito á expansão colonial da França. Nesse particular os factos mostram, numa evidência categorica, que Clemenceau se enganara. As colonias, em 1914, ajudaram consideravelmente a vitória. Receava o velho "Tigre" que a França dispendendo energias e somas fabulosas no aparelhamento das colônias poderia enfraquecer-se no continente.

Antes do afastamento da Camara, em 1893, funda um jornal, "La Justice", e tem por colaboradores vultos eminentes que deixam renome na politica, no jornalismo e nas letras francesas: Pichon, Camille Peletan, Aulard e vinte outros.

♦♦♦

Em 1892 trava com Dérouléde memoravel batalha parlamentar. Atacado vivamente pelo leader nacionalista como protetor e agente de estrangeiros aceita o desafio.

A apostrophe de Dérouléde é imperativa. "Há entre nós um homem complacente, devotado, infatigável intermediário de estrangeiros, ativo e prigoso. Todos vós o conheceis, seu nome está em todos os lábios, mas ninguém o pronuncia. Há três cousas nesse homem que assustam: sua pistola, sua espada e sua lingua. Afronto as três e o nomeio, é o Sr. Clemenceau."

O "Tigre" aceita o desafio. "As lutas de partido são fecundas. Há mortos e feridos mas resta a consolação de tombar por uma causa. Essas campanhas recebemo-las de nossos antepassados, saibamos legar-las a nossos pósteros. Tenho apenas a dizer: o Sr. Dérouléde mente."

Segue-se o duelo, aliás sem resultado, todavia o renome de Clemenceau duelista é tão grande que no dia do encontro as gazetas parisienses já haviam preparado o necrológio do adversario.

♦♦♦

De 1893 a 1906 permanece afastado da Camara. Nesse periodo trabalha na imprensa para ganhar o pão de cada

3 TYPOS PARA
TODOS OS GOSTOS

VERMOUTHS
BRANCO SECCO,
TYPO TORINO E
BRANCO DOCE
DUBAR

Uma vida que espelha a grandeza da França

dia. Apostrofa os inimigos com veemência e ironia: "a solidão é só, só os animais covardes marcham em grupos". Aos 52 anos não se julga alquebrado e bem poderia ter repetido nessa época, a bela sentença de Ruy Barbosa quando o denominaram "velho". — "Só me sinto velho quando não tenho que fazer".

Clemenceau tem, e muito. Em treze anos edifica uma obra literária e filosófica notável. Escreve, *La Mêle Social*, 1895, *Le Gran Pan*, 1896, *Le Plus Fort*, 1898, *Au Fils des Jours*, 1900, *Aux embuscades de la vie*, 1903 *Au pied du Sinai*, 1904.

O espírito de todos os seus livros, irônicos, filosóficos, eloquentes é sempre o mesmo: colocar acima da Pátria a justiça ou procurar juxtapô-las, defender a herança integral das garantias civis legadas pela Grande Revolução, esclarecer o povo, de modo a evitar que o corrompam e dêe abusem; lutar contra os preconceitos em busca da verdade. Tais os elevados intentos de Clemenceau, que afastado das lides parlamentares fala à França do tope do livro e das janelas abertas da imprensa.

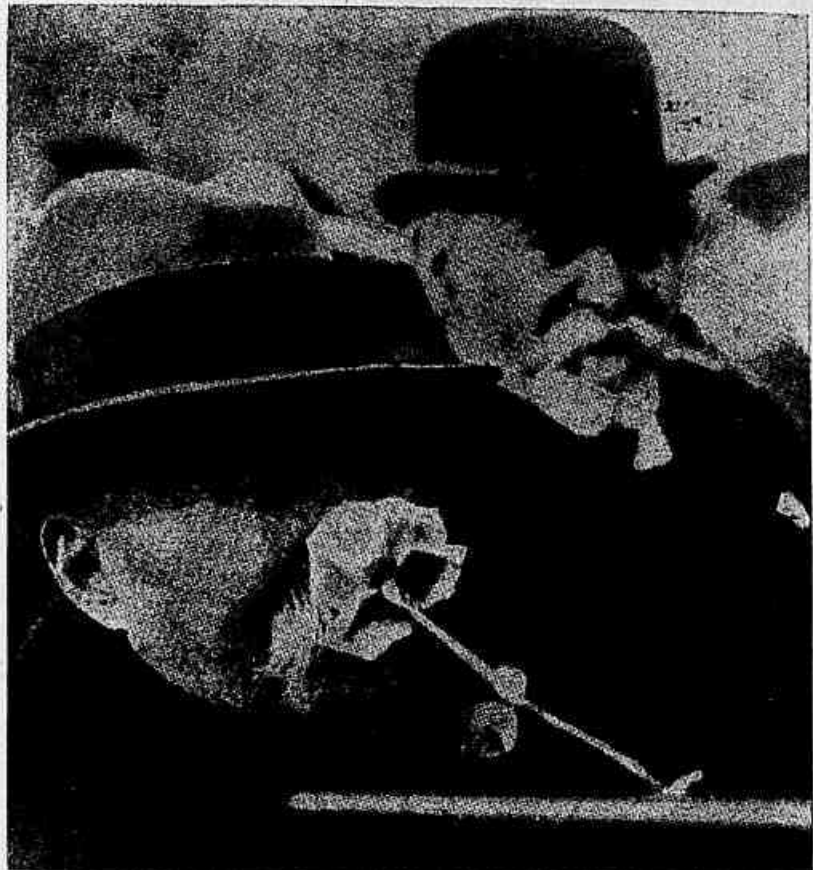
Não obstante o processo Dreyfus haver incendiado a atmosfera partidária da França Clemenceau participa tardiamente na épica batalha.

Redator-chefe da "Aurora" recebe e publica a celebre carta de Emile Zola cujo título é de sua autoria, pois, como se sabe, o romancista dera ao "J'accuse" o primitivo nome de "Carta a Felix Faure".

Todavia quando entra no debate procura assinalar as questões de princípios através de magnífico discurso em que fixa sua orientação doutrinária.

Em 1906, convidado pelo Premier Sarrien, entra no Ministério onde ocupa a pasta do Interior. Sete meses após é chamado à Chefia do governo, constituindo-se o "Ministerio Clemenceau", que permanece no poder 2 anos e oito meses.

Homem de governo ei-lo obrigado a seguir orientação diferente do jornalista de oposição. Consideráveis



Clemenceau em New York, tendo á sua esquerda M. Jusserand.

dificuldades se lhe apresentam, internas e externas e a todas conjura sem quebra de princípios.

A principal das agitações internas consiste nas greves que cream uma atmosfera de desconfiança reciproca entre as aspirações sociais e o Poder.

Clemenceau inaugura um novo método, aliás sem resultado. Atravessa a multidão e parlamenta, é Ministro, sem nenhuma escolta, com o Comité grevista. Aconselha e ameaça. Quer evitar a violência por meio de transações. Não o consegue e se vê obrigado — à contre-cœur — ao emprego da força. Alguem o questiona lembrando-lhe seus princípios liberais, seu acatamento ao direito de opinião. Ouve e responde: — "agora estou do outro lado da barricada".

Nessa oportunidade trava com Jaurès um debate oratório digno de ambos:

"Interpelado direta e pessoalmente pelo Sr. Jaurès quero, em primeiro lugar, render homenagem à nobre paixão de justiça social que anima tão magnificamente sua eloquência. Num movimento irresistível de idealismo, ele quer uma humanidade feliz. O Sr. Jaurès fala do alto, absorto pela sua faustosa miragem, mas eu no campo trabalho num sólo ingreto que me recusa a colheita: daí a diferença de pontos de vista que sua benevolência custa tanto a me perdoar. Ele ofertou-me algumas flores, mas bem depressa reconheci que era para imolar-me mais pomposamente no altar do coletivismo, infelizmente não sou por hábito uma dessas vítimas resignadas prontas a estender a mão ao ferro de Colchas, um pescoço inocente.

Debato-me, grito, revolto-me e foi para protestar que subi à tribuna. Si vossa palavra se tivesse unido à minha, quantas desgraças teriam sido evitadas. Vós me dominais do alto de vossas concepções socialistas, vós tendes o poder máximo de evocar, com vossa varinha, palácios deslumbrantes. Eu sou um artesão modesto das catedrais, que leva uma pedra obscuramente ao conjunto da obra e que nunca verá o monumento que constrói. Dou a impressão de rebaixar meu papel; na minha opinião eu o engrandeço, pois os vossos palácios fantásticos se desmancharão em poeira ao contacto da realidade, enquanto que um dia a grande catedral republicana erguerá sua flexa para o céu".



Clemenceau em seu leito de morte. Desenho de M. René Godard.

A principal questão exterior é a luta com a Alemanha. Os sucessos de Casablanca estão fervendo. O Embaixador de Berlim comparece ao Ministério e ameaça: — Se a França não ceder, em 48 horas abandono o país.

O gesto equivale a uma declaração quase implícita de guerra.

Clemenceau não se intimida. — "Senhor Embaixador, o primeiro expresso parte às 10 horas. São apenas 6 e Sua Excelência tem tempo de preparar as malas."

O representante da Alemanha permanece em Paris e a guerra é evitada.

Sem perder de vistas tudo que passa além dos Vosges e do Reno, colabora com rara inflamação em favor da lei de 3 anos de serviço militar, apresentada e sustentada pelo Ministério Barthou, em 1912.

Em Maio de 1913 sente que se aproxima a borrasca e pondera: — "Não se trata de organizar uma bela defesa triunfal, mas, pelo contrário, é mistér uma dura organização que não deixe ao inimigo um átomo sequer de chance para realização de seu supremo intento: nossa destruição integral."

Tal a linguagem do "L'Homme Libre", que fundara em 1913 e prossegue seu curso, como se fôra um marco de resistência, um estímulo à energia do povo francês.

Em 1914 foi dos primeiros a dar exemplo de união sagrada. Comparece à reunião de diretores de jornais e aperta a mão de Ernest Judet, que tanto o ferira por ocasião do Processo Dreyfus.

No "L'Homme Libre", transformado em "L'Homme enchainé", modificação que constitui uma especie de desafio aos que pretendem diminuir a liberdade de critica, Clemenceau levanta a bandeira da colaboração militar norte-americana em favor dos aliados. Todos os artigos de guerra, publicados no "L'Homme Libre" os reúne num livro cheio de fé na vitória, "La France devant l'Allemagne".

Em 1917, após a queda do gabinete Painlevé, o Presidente da Republica entrega o governo a Clemenceau. Ao "Tigre" cabe conseguir a vitória. Esmaga o derrotismo, entrega os traidores aos tribunais, sem preocupações de

pessoa ou posto. Excita, trabalha, age e faz com que outros o sigam na mesma tenacidade, na mesma confiança. Quando se apresenta à Camara para leitura da declaração Ministerial tem uma só palavra: "Eu faço a guerra até à vitória". Dir-se-á que esse homem reúne todas as virtudes de uma raça, todos os anseios de uma grande Nação. Está em toda parte: nas trincheiras, nas ruas, nos gabinetes. Nas ocasiões mais sombrias é o mesmo crente no sucesso das armas aliadas. As esperanças se concretizam e, do alto da tribuna da Camara, em Novembro de 1918, em frases de fogo, anuncia o armistício — A França, ontem soldado de Deus, hoje soldado da humanidade, será sempre o soldado do ideal!

♦♦♦

Nas discussões do Tratado de Paz sofre as primeiras decepções. Todavia não há em seus lábios uma só lamúria. Advoga, em vão, uma aliança militar entre a Inglaterra, França e Estados Unidos, unico meio de garantir — acentua — o futuro contra a insubordinação fatal do vencido. Restaura com seu voto os povos oprimidos, ainda mesmo os que não se envolveram na guerra, é o centro para onde convergem todos os reclamos, todas as petições. Não admite que um só palmo de terra alemã seja anexado contra a vontade das populações respectivas. Para ele basta o retorno da Alsacia e Lorena ao seio da mãe pátria. Dá-se por pago de todas as lutas e sacrificios. Sem abandonar os princípios que advoga recusa declarar, quando candidato á presidencia da Republica, que aceita o restabelecimento da Embaixada junto ao Vaticano. Os católicos votam contra ele e elegem Deschanel.

Proscrito pelas urdiduras da politica é aclamado pelo Povo Francês. Sem queixas retorna à vida privada e só interrompe sua determinação para marchar á America e responder ás acusações póstumas que lhe fizera o marechal Foch.

São seus ultimos atos. E que atos!...

A polêmica com Foch, que o apodara de não ter suficientemente defendido os direitos da França na elaboração do Tratado de Versalhes é penosa a Clemenceau, mas não recua. Traça um livro vigoroso, o ultimo. "Grandeurs e misères d'une victoire", e restabelece as posições respectivas entre ele e seu critico: "Le pays nous jugera."

Na America fala uma linguagem positiva, o que lhe permite a posição particular da jornada, feita tão somente a titulo individual. Concita os Estados Unidos a sustentarem a França contra a Alemanha, no proprio interesse da segurança futura de ambos: "Não venho pedir-vos dinheiro. Venho apenas vos lembrar que, no futuro, estareis ameaçados, tanto quanto a França e a Inglaterra". Proscrito, vive do passado e jamais descuida do futuro da França. Presentiu no afrouxamento geral dos caracteres a derrocada que desgraçadamente se verificou. Num instante de desalento escreve: "La France sera ce que les français auront mérité".

A morte vem busca-lo, aos 89 anos, em 23 de Novembro de 1929. O enterro tem carater particular, quase clandestino. A politica não se aproxima do corpo inanimado do Grande Homem. A família, os intimos, eis todo o cortejo.

Mas, numa presença incomensuravel, a França comparece, de luto, na contração fisica das faces de seus filhos autênticos, que choram e exaltam o pai da vitória.

Tal a existencia quasi legendária dêsse Georges Benjamin Clemenceau, cujo testamento assegura a tempera de um homem, em toda expressão que o termo comporta: "Quero ser enterrado de pé para ter sempre a cabeça acima do coração e o coração acima do estomago."



Díário de Notícias

O jornal dos bairros residenciais

Ninguém pode hoje viver, na cidade como nos campos, sem um mínimo de conhecimentos sobre os factos de cada dia, sobre os progressos económicos, científicos, artísticos, sociais. Quer isso dizer que ninguém pode hoje viver sem a permanente companhia de um criterioso e moderno órgão de informação.

Faça do

Díário de Notícias

o seu jornal

O Matutino de Maior Circulação do Rio de Janeiro

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma ação certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Pega as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

ESTROFES

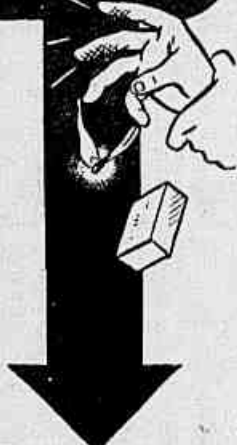
Ha, estranhas noites nas quais as flores têm uma alma, e no ar flutua arrependimento.

Ha, estranhas noites nas quais as flores têm uma alma. Nesses dias, sou terno como uma mulher.

Ha, claras manhãs de rosas se engrinaldando em que a alma tem alegrias de águas vivas nas rochas, em que o coração é um céu de Pascoa cheio do badalar dos sinos,

Deixa aí Menino!

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de empolas. O remédio de confiança mundial. Exija o legítimo



MENTHOLATUM

a carne sem macula e o espirito irrepreensível.

Ha dias taciturnos em que o mais caro passado parece um cenário desbotado onde se agita uma desgraçada e vaga lembrança.

Ha dias em que, cansado do peso de conhecer-me, sigo curvado como um velho.

Samain.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

O CABELLO



rãro



rãso



do bêico



môsta



pincél



rãro

"cavãha"



passa piólho



suíça



costelêta



na venta



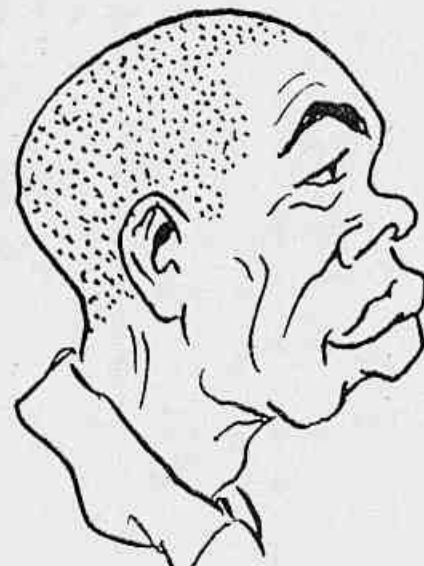
córda de relógio



topete



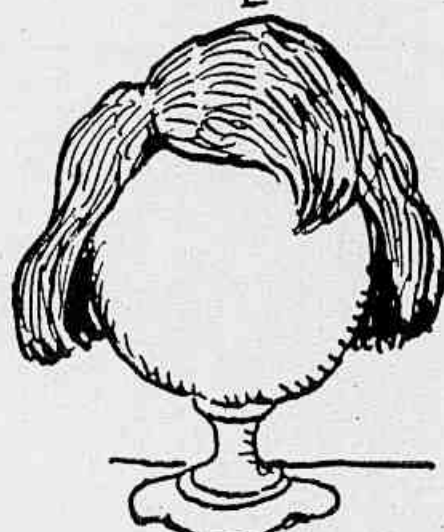
sem testã



estovinha



estovão



postico



PAUL

lambusádo



rebélde



coroádo



desérto

Santos e Efemérides da Semana

SETEMBRO

27 São Cosme e São Damião. — Irmãos, de origem árabe, que exerciam a profissão de médicos em Egeu. Professando a religião cristã, foram presos por ordem do governador Lísias e decapitados em 303, aproximadamente.

— **Santa Judith.** — Viuva de Manassés, rico cidadão judeu, cortou a cabeça de Holofernes, general enviado por Nabucodonosor, rei da Assíria, para sitiar a cidade de Betulia, na Judéa. Este acontecimento memorável, que provocou a libertação dos israelitas, remonta ao ano 659, antes de Cristo.

— Nasce no Rio Grande do Norte Luiz Gonzaga de Brito Guerra, barão do Assú, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1818). — Falece no Rio Manoel Pinto Ribeiro Pereira de Sampaio, igualmente ministro do S. T. J. (1857). — Falece o almirante Elisário Antonio dos Santos, barão de Angra, comandante de divisões na guerra do Paraguai (1883). — Falece em Minas, França Junior, folhetinista, comediografo, patrono da cadeira 12 da Academia Brasileira (1890).

28 Santo Exuperio. — Bispo de Toulouse, sucessor de São Silvío. Em um tempo de fome, vendeu até os vasos sagrados de sua igreja, para auxiliar os pobres. Teve a dor de vêr sua patria assolada pelos vândalos e godos. Morreu em 411.

— **Santa Eustáquia.** — Filha de Santa Paula e discipula de S. Jerônimo. Após a morte de sua mãe, governou um convento de virgens, em Belém. Tendo escapado dos incêndios de 416, acabou seus dias tranquilamente, em 419.

— Nasce em Minas Gerais José Ildefonso de Souza Ramos, visconde de Jaguarí, senador do Imperio e ministro de Estado (1812). — Falece no Rio Laurindo Rabelo, doutor em medicina, professor, poeta, patrono da cadeira 26 da Academia Brasileira (1864). — É aprovada pelo Senado, e sancionada pela Princesa Isabel, Regente do Imperio, a lei chamada do "Ventre livre" (1871). — Aparece no Rio de Janeiro o diário "Cidade do Rio", de José do Patrocínio (1887).

29 São Miguel. — Arcanjo. Príncipe dos Anjos e protetor da Igreja. Precipitou no abismo Lucifer e os anjos rebeldes. O bispo de Avranches fundou em 907, no rochedo hoje chamado Monte São Miguel, um convento que lhe é consagrado.

— **Santa Petronia.** — Virgem da Persia, martirizada cruelmente em razão da sua fé cristã, em época desconhecida.

— Nasce o almirante Barroso (Francisco Manuel Barroso da Silva), barão do Amazonas, o glorioso herói de "Riachuelo" (1804). — Falece no Rio Machado de Assis, romancista, contista, poeta, grande figura da nossa literatura, primeiro presidente da Academia Brasileira (1908).

30 São Jerônimo. — Nascido em 246 em Stridon, na Panônia, foi para Roma fazer seus estudos e aí recebeu o batismo. Seus grandes conhecimentos determinaram que o papa Damasio o escolhesse para seu secretario. Por morte deste, retirou-se para um convento em Belém. Foi um dos mais sábios doutores da Igreja.

— **Santa Gaína.** — Virgem armenia, martirizada sob Diocleciano por motivo de sua fé religiosa no cristianismo, ao mesmo tempo que suas companheiras (século III).

— Falece em La Turpinière Augusto de Saint-Hilaire, grande botânico, que viajou durante seis anos por varias provincias do Brasil (1853). — Falece no Rio, Joaquim Tiburcio Ferreira Gomes, ministro do Supremo Tribunal Federal, primeiro nomeado na República (1903).

OUTUBRO

1 São Remigio. — Nascido em 438, aproximadamente, nos arredores de Laon. Foi nomeado bispo de Reims aos vinte e dois anos. Batizou o rei Clovis em 496 e realizou numerosas conversões entre os francos. Morreu, diz-se, com a idade de 95 anos, cercado de uma estima universal.

— **Bemaventurada Luiza de Savoia.** — Filha de Amadeu, duque de Savoia; neta de Carlos VII e sobri-

nha de Luiz XI. Desposou Hugo, senhor de Chatillon e, enviuvando aos vinte e sete anos, entrou para a Ordem das Clarissas, no Convento de Orbe, e aí morreu em 1503.

— Tratado preliminar de Santo Ildefonso, fixando os limites entre os dominios portugueses e espanhóis na America (1777). — Aparece no Rio de Janeiro o primeiro numero do "Jornal do Comercio" (1827). — Falece no Rio Americo Lobo Leite Pereira, ministro do Supremo Tribunal Federal (1903).

2 Os Santos Anjos da Guarda. — Festa instituida a pedido de Fernando da Austria, em 1608, pelo papa Paulo V. A celebração foi fixada em 2 de Outubro pelo papa Clemente X.

— **São Ligorio.** — Bispo de Autun e Ministro do rei Childerico. Este, baseado em falsas informações, exilou-o num mosteiro. Após a morte de Childerico, retomou o lugar de bispo de Autun, mas teve de sofrer perseguições inúmeras de Ebroin, *maire* do palacio, o qual acabou por mandar matá-lo, em 678.

— **Santa Celina.** — Virgem de Meaux, que tomou o véo quando Santa Genoveva foi a essa cidade, e pas-

sou o resto da vida entregue á pratica de todas as virtudes (seculo VI).

— Falece no Rio Grande do Sul o marechal Francisco José de Souza Soares de Andréa, barão de Caçapava, pacificador do Pará e de Santa Catarina (1858).

3 São Geraldo. — Soldado a principio, converteu-se em Saint-Denis, aonde fôra mandado. Ordenado padre, fundou na sua terra de Brogne um convento, ao qual deu a regra de S. Benedito e que não tardou a contar um grande numero de religiosos. Foi a Roma e morreu cheio de santidade, em 3 de Outubro de 959.

— **Santa Terezinha do Menino Jesus.** — Virgem de Alençon. Educada no convento dos Beneditinos de Lisieux, pediu admissão no Carmelo. Após haver realizado varios milagres, foi assaltada por grave doença do peito, que a arrebatou dentre os vivos aos vinte e quatro anos (1873-1897).

— Nasce no Rio de Janeiro Carlos de Laet, professor, filologo, jornalista, polemista, da Academia Brasileira (1847). — Falece no Rio José Eloi Otoni, poeta (1851). — Falece no Rio Antonio Augusto da Silva, ministro do Supremo Tribunal Federal (1892).

40 GRAUS Á SOMBRA

Val baixar a temperatura

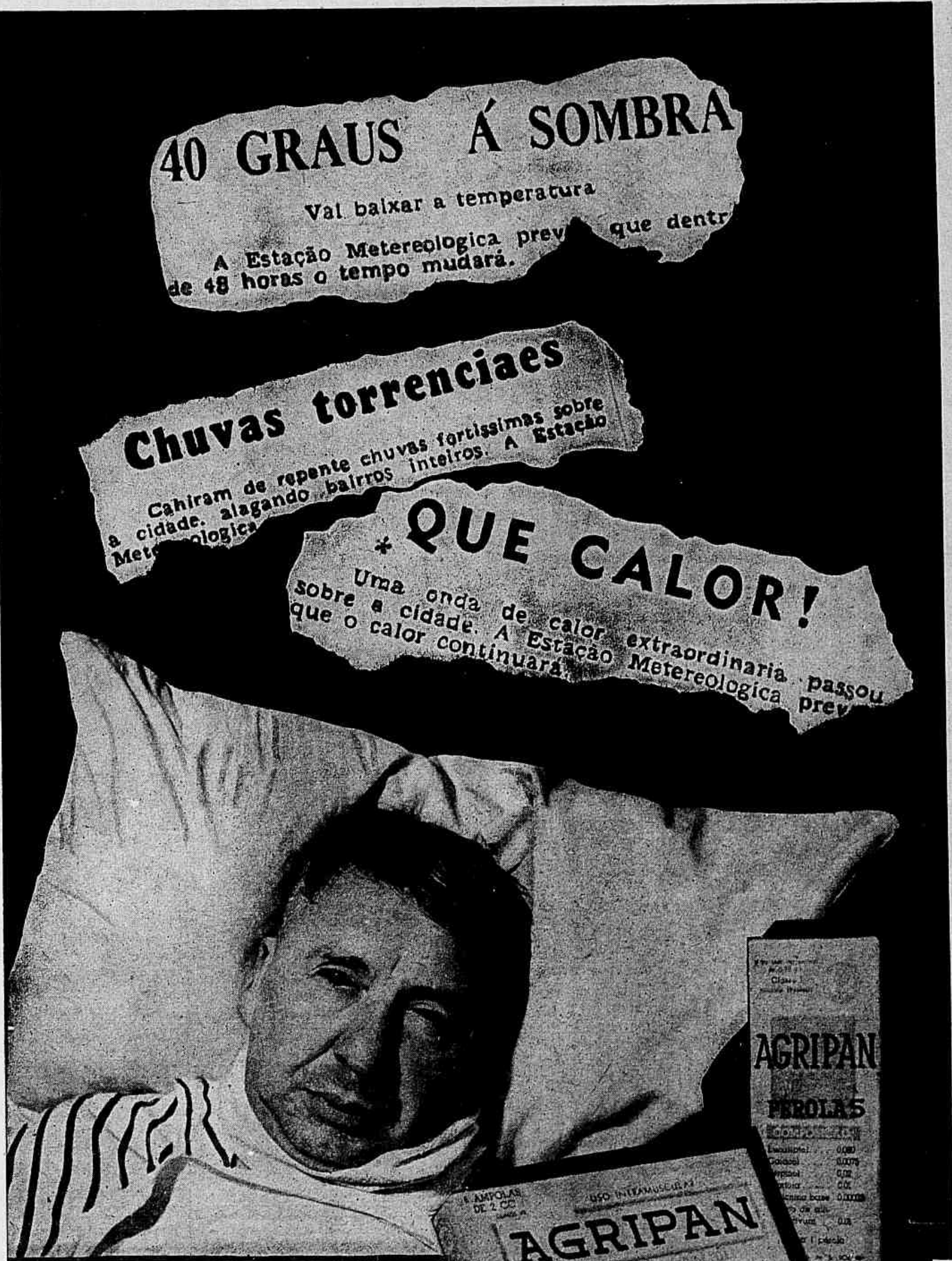
A Estação Meteorologica prev. que dentro de 48 horas o tempo mudará.

Chuvas torrencias

Cahiram de repente chuvas fortissimas sobre a cidade. alagando bairros inteiros. A Estação Meteorologica

QUE CALOR!

Uma onda de calor extraordinaria passou sobre a cidade. A Estação Meteorologica prev. que o calor continuará.



TEMPO INCERTO?
GRIPE NA CERTA!
AGRIPAIN

um produto * RAUL LEITE *



MENINOS DE HOJE

Que futuro pode reservar o magistério a uma moça bonita como você?

TEATRO MUNICIPAL

Terminada a temporada lírica oficial, terá início, imediatamente, a temporada nacional de ópera, que constará de sete récitas noturnas, e, possivelmente, quatro vespertais. A ópera "Malazarte", de Lorenzo Fernandez, será representada em primeira audição, e foi escolhida para abrir a nova estação. Louvamos o maestro Piergile por esta iniciativa de grande alcance e alta significação para os compositores brasileiros, que tem tido nas temporadas do Municipal um trato pouco lisonjeiro. E não só os compositores, mas também os cantores.

Além de "Malazarte", o maestro Piergile disse-me pretender repetir "Tiradentes", de Eleazar de Carvalho, assim como levar à cena, em primeira audição, o "Bailado das Garças", de minha autoria.

Parece que os compositores brasileiros serão lembrados na temporada nacional. Que não se esqueçam do nosso Carlos Gomes, são os meus votos.

Vejamos agora como transcorreram os últimos espetáculos da temporada oficial.

"O BARBEIRO DE SEVILHA"

A velha e sempre bela ópera de Rossini teve um desempenho maravilhoso. Com Schipa, Vaghi, Baccaloni, Borgioli e Sá Earp nos papeis principais, o espetáculo não podia ter melhor desempenho, quer na parte vocal quer na parte cênica, onde

todos, com exceção de nossa Sá Earp, são mestres consagrados.

Schipa, apesar de velho, ainda é Schipa, o divo cuja voz maravilhou o mundo contemporâneo. É claro que não pode mais cantar óperas de bravura, mas os



O baixo Giacomo Vaghi.

seus pianíssimos, modo de cantar e frasear são inimitáveis.

Baccaloni, o incomparável baixo-cômico, deu-nos um Dom Bartolo digno de todos os elogios. Por que cantou apenas esta ópera? Justamente nessa temporada em

que nos ressentimos da falta de cantores de qualidade, como conceber que Baccaloni cante apenas uma vez? Borgioli, que em virtude de se achar doente de uma sinusite, não vinha cantando bem, desta vez excedeu minha expectativa. Tivemos um **barbeiro de qualidade**, difícil de ser imitado, sob todos os pontos de vista.

Vaghi esteve ótimo em Dom Basilio.

Maria Sá Earp cantou com maestria e desembaraço, revelando grande progresso.

A orquestra esteve muito bem, tendo sido dirigida pelo maestro Genaro Papi, que o fez com sobriedade e de cor.

O coro não comprometeu o espetáculo, um dos mais interessantes da temporada presente.

"TRAVIATA"

Na 11.ª récita de assinatura ouvimos a "Traviata", ópera de Verdi, queridíssima do público.

Norina Greco foi a personagem principal. Bela artista e bela cantora, deu-nos uma Violeta interessante, embora tivesse desafinado por diversas vezes. Aliás é este o principal defeito de Norina Greco. Não apanha as notas com justeza, por isso sua afinação é sempre duvidosa.

Tito Schipa foi o Alfredo da noite. Como no "Barbeiro de Sevilha", esteve admira-



O soprano Norina Greco

vel. Borgioli no papel de George Germont também satisfaz. Darcilla Barros, Olheim, Oliviero, Girotti, Sargenti e Perrotta, nos demais papeis, agradaram. O corpo de baile, sob direção de Maria Olenewa, esteve imponente nas danças do 3.º ato, destacando-se Luiza Carbonell, Yuco Lindberg e Madeleine Rossay, que foram os solistas. O coro, afinado e justo, completou a parte vocal do espetáculo.

A orquestra, dirigida pelo maestro Genaro Papi, portou-se bem.

Por motivos alheios à minha vontade não pude assistir às representações de "Otelo", de Verdi, que muito me interessava, por se tratar não só de uma das mais belas óperas do imortal compositor italiano, mas também porque tem sido pouco representada no Brasil; e "Iris", de Mascagni, que constituiu a 14.ª récita de assinatura e que é, igualmente, uma das óperas mais interessantes do repertório italiano.

Disse eu noutra ocasião que uma orquestra só, não podia ao mesmo tempo fazer as temporadas sinfônica, de bailados e de óperas, e que, no todo ou em parte, essas temporadas oficiais ficariam prejudicadas pela carência de tempo para a preparação de tudo, mormente no curto prazo de três meses, que é o tempo de que nos temos servido. Eis que, agora se efetiva meu ponto de vista.

Não foram representadas as seguintes óperas, constantes do repertório oficialmente anunciado: "Salomé", de Strauss, ópera maravilhosa, quase desconhecida entre nós; "Gianni Schicchi", que é considerada a mais bela partitura de Puccini, o célebre autor da "Boemia", e que seria representada juntamente com a "Salomé"; "Thais", maravilhoso drama de Massenet, grandemente apreciado pelo público; "Guarany" e "Lo Schiavo", de nosso querido Carlos Gomes, e "Dom Pasquale", de Donizetti. No mesmo programa oficial se lê: **Repertório em eventual reprise:** "Lucia de Lammermoor", "Barbiere di Siviglia", "Traviata", "Trovatore" e outras.

O que observo é que, as óperas anunciadas em eventual reprise, como diz o programa oficial, foram as representações nas récitas de assinatura, ao contrário das que acima nos referimos. Sobre quem pesa a responsabilidade, e quais as causas que determinaram essa irregularidade?

A pergunta dá lugar, propositadamente, a uma infinidade de respostas, mas a principal, isto é a que se nos afigura mais evidente é esta: as óperas não ficaram preparadas no tempo em que o encarregado da temporada esperava. O caso de "Salomé" é o mais típico. Trata-se de uma ópera de grandes dificuldades para orquestra, pois como sabemos, R. Strauss escreve como se todos os músicos fossem solistas, o que não sucede com a orquestra do Municipal e possivelmente com as orquestras de ópera de outros países.

É preciso tempo para preparar. A orquestra Municipal tocaria a "Salomé", mas teria que ser aumentada, e necessitaria de um mês exclusivamente para a preparação desta ópera. Quando a direção do teatro anunciou "Salomé", tinha a certeza de que não a representaria. A irre-

Seja sua
própria
ENFERMEIRA



No fim de um ano, quanto somarão esses dias de dores, roubados aos afazeres e às alegrias da vida?

Afastede si os padecimentos periódicos. A SAUDE DA MULHER - regulador, tônico, anti-doloroso - é o remédio que lhe restituirá a tranquilidade. Ele tem no nome o resumo de suas virtudes:

A aproximação do período mensal é, para as senhoras que não têm boa saúde, um tormento e um pesadelo. A simples lembrança dos sofrimentos que se avizinham perturba-lhes a tranquilidade e as põe em sobressalto.

A SAUDE DA MULHER

Senhoras!

CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUACÃO
APR. PELA DRS. SAMY. IL. 56 - J. L.

BICODE
DE / ENHORA / E VERRUGA /
ELIMINACÃO GARANTIDA
TRATAMENTO / DA CUTI /
PELA / CIENCIA MODERNA
LUCIO GILBERTO ZILLI
SÃO PAULO AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1471

gularidade não se limita ao facto de não se poder levar óperas anunciadas, mas também na má execução das outras por falta de tempo para ensaios. Os músicos durante os três meses da temporada ficam exaustos, com a quantidade de ensaios

as representações das óperas, a Municipalidade não gasta uma soma que poderia ser despendida durante o ano, sem o sacrifício da saúde dos seus músicos, como acontece atualmente?

Será possível que varios anos de experiencia de nada valham para uma questão da importancia desta?

Pensarão as autoridades que os bailados foram executados com maestria pela orquestra? Que o último concerto sinfônico de Wolff esteve à altura dos demais e compatível com a nossa sensibilidade artística? Só se pode admitir tais hipóteses si não se lêem os críticos, não se ouvem os músicos — que são os mais sinceros embora parte interessada — e não se atende ao proprio encarregado geral da temporada, que fica quase louco para resolver os tremendos problemas que surgem a cada passo, pela falta de organização. O "Boris Godunow" não podia ser levado com tão poucos ensaios como o foi. O maestro Guarnieri esforçou-se para fazer o melhor, mas era impossível. Lutando com cantores fracos (com poucas exceções), Guarnieri deu-nos um "Boris" um tanto arrevezado, mas, devido à premência de tempo, não podia fazer melhor. Vaghi, vocalmente não esteve num dos seus bons dias. Não só desafinou algumas vezes, mais ainda: a voz saia-lhe velada em todos os registros. Não creio seja decadência, pois ainda é bem moço. Talvez indisposição de momento. Cenicamente esteve ótimo.

Nos demais papeis tivemos: Wanda Otílica, Alice Ribeiro, Olheim, Mariowe, R. Galeno, Baronti, Sidney Rayner, que positivamente não é um tenor de classe, Wanda Wermínska, Baronti, que esteve muito bem como cantor e como ator, Oliviero, José Perrotta, Boscacci. As danças do 3.º ato agradaram, mas o coro precisa de ensaios suplementares.

E assim transcorre uma temporada em que o Estado gasta centenas de contos, cheia de irregularidades e imperfeições de toda sorte. O que é isso? Falta de organização; exclusivamente falta de organização, repito.



O tenor Sidney Rayner.

(pela manhã, à tarde e à noite), que chega a ser um caso de estudo por parte das autoridades competentes, no que concerne à higiene. Por que a Prefeitura não aumenta o ordenado de seus músicos, e passa a orquestra à disposição do encarregado geral da temporada desde Fevereiro?

Pagando os ensaios extraordinários e



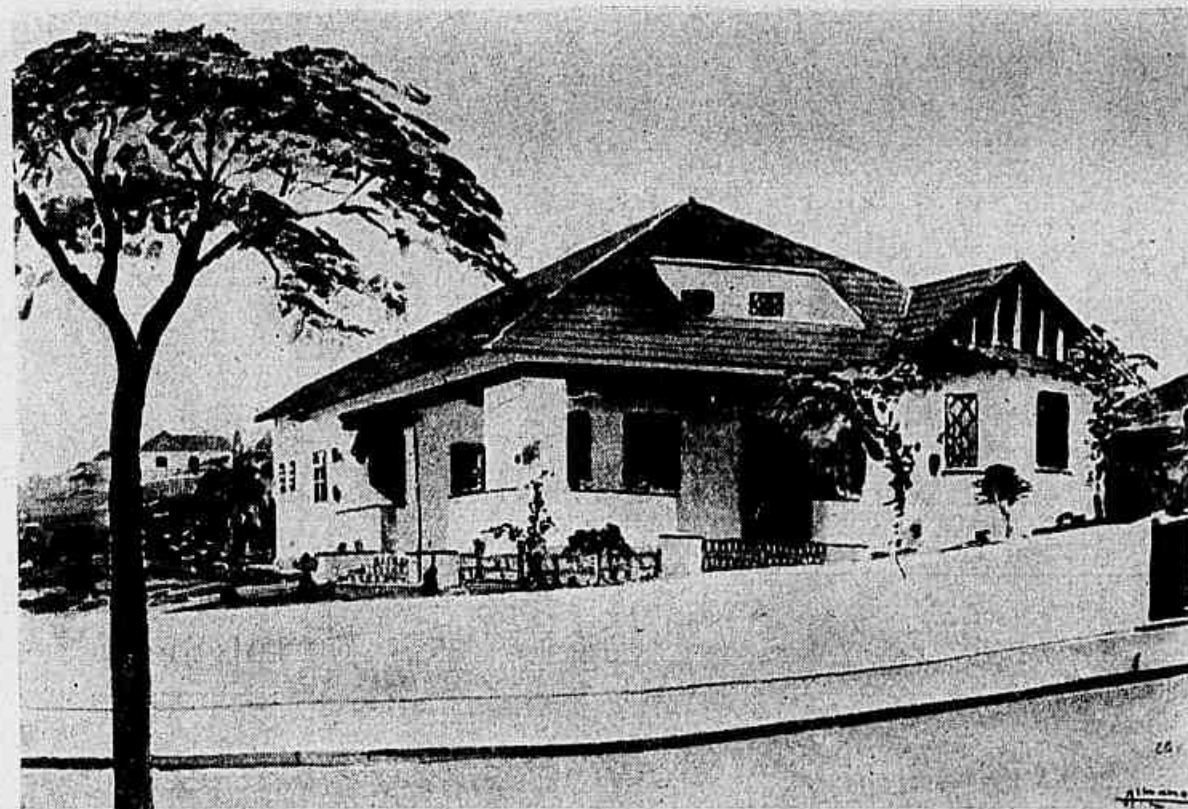
PAULO DE FRONTIN

A passagem do aniversário do nascimento de Paulo de Frontin foi assinalada por uma homenagem promovida pelo Centro Carioca que levou ao busto do inolvidável mestre da engenharia, situado na Praça Floriano, grande número de pessoas, inclusive representações dos poderes públicos e de associações culturais. Coube ao engenheiro Jerônimo Cavalcanti a principal oração, que consistiu de um perfil do grande benfeitor da terra carioca. As alunas da Escola Paulo de Frontin, que estiveram presentes à solenidade, cantaram o hino nacional brasileiro.

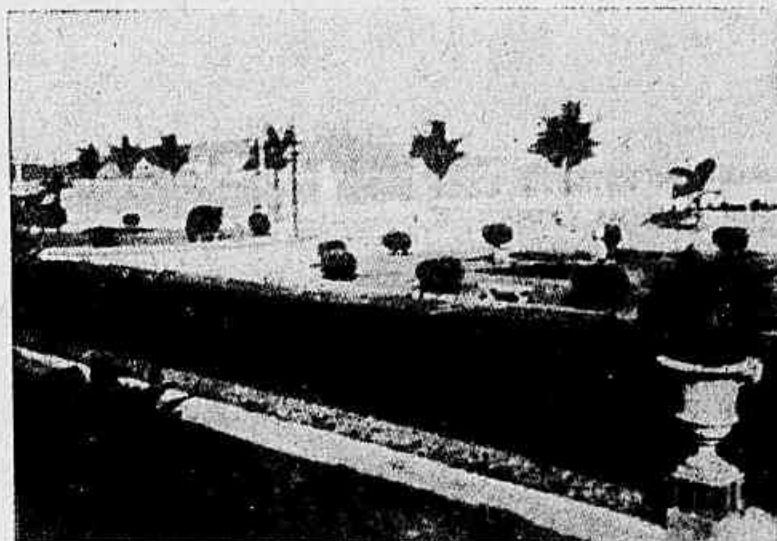
NO CAMPO E NA CIDADE



E' tão bom viver no campo, contemplar o horizonte das campinas, o arvoredo que se perde na distancia, a passarada irrequiesta e sentir o agradável mutismo das flores, tão escasso no tumulto das agitações citadinas! Mas, o útil e o agradável é o que todos aspiram e com razão! E para se viver no campo e ao mesmo tempo na cidade, tirando os proventos desta, oriundos do trabalho quotidiano de cada um, e o bem-estar daquele, só construindo o seu lar no Jardim Guanabara, ali na Ilha do Governador!



JARDIM GUANABARA, localizado como está, a 40 minutos do centro enervante desta grande metrópole, oferece a todos quantos almejam viver no campo e na cidade essa ventura! Os seus terrenos maravilhosos, bem feitos, salubres, ao lado de exuberante vegetação, ao pé de ótimas praias de banho, estão ao alcance de todo aquele que aspira uma vida melhor, mais tranquila e feliz!



Visite-o, pois, no domingo próximo. — E para esse passeio cheio de encanto, alegre, contemplando toda a beleza sem par da maravilhosa baía de Guanabara, não deixe de levar sua família. São 40 minutos de percurso, somente!

Ficará conhecendo o Jardim Guanabara, onde estão à venda, a longo prazo, sem juros, os melhores terrenos do Rio de Janeiro!!

Sem compromisso de compra, peça hoje mesmo prospectos e informações a

JARDIM GUANABARA

Avenida Rio Branco, 108 — 13.º andar. — Fone 22-6752 — RIO —

(Legalizados e inscritos sob N.º 14, no 7.º Ofício de Imóveis, Lei 58)

FIGURAS E FACTOS



Grupo feito no Grill do Casino da Urca, por ocasião da homenagem prestada por colegas, amigos e admiradores do dr. Eurico Serzedello Machado, nosso confrade, por motivo de sua promoção, por merecimento, na Alfandega do Rio.



INSTITUTO BRASIL-ESTADOS UNIDOS A propósito da presença de vários educadores, escritores e cientistas norte-americanos entre nós, o Instituto Brasil-Estados Unidos promoveu uma reunião de seus sócios em honra dos visitantes. Temos aqui um aspecto apanhado durante o cordial agreement.



PROFESSOR ABELARDO CONDURŨ Pelo clipper da Pan American chegou na semana passada do Pará, o professor Abelardo Condurŭ, prefeito de Belém. O distinto viajante, que teve desembar num flagrante feito no aeroporto Santos Dumont, á sua chegada.



EM MONTEVIDÉU Nota gráfica tomada em Montevideú, nos salões do Club Brasileiro, por ocasião do torneio de bridge ali organizado com o concurso das equipes do Jockey Club, Club Uruguay, Tennis Club e Golf Club da capital uruguaia, certame esse que constituiu um verdadeiro acontecimento social.



LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS

— O aniversário desta Instituição foi comemorado este mês com uma brilhante solenidade a que compareceram numerosas pessoas de nosso meio social e intelectual. Ao acadêmico Gustavo Barroso coube a principal oração da noite.



Senhorinha Odirce S. Magalhães Barata, da sociedade paraense.

NAMOROS...

HOJE já não se namora... O namoro ficou tão velhinho, tão passadista, que o encerraram na arca das recordações.

Cerimonioso, galante, o namoro era poeticamente encantador. Os namoros começavam sempre nas missas, nas ledainhas, nas quermesses, nos bailes e acidentalmente na rua porque a moça só saía a compras ou a visitas, mas, sempre acompanhada.

Depois a jovem aguardava palpitante a declaração. Era indispensável. Quantas moças ficaram toda a vida esperando a declaração desejada. E quanto rapaz tímido envelheceu sem ousar confessar seu amor.

Os mais ousados aproveitavam a despedida furtiva á porta da igreja, o comentário ao leilão de prendas, o giro de uma valsa e em duas palavras diziam tudo.

Mas os tímidos lançavam mão das cartas, levadas sempre pelo moléque da casa, pela mucama da Sinhá e às vezes pela "comadre", tipo providencial de velha complacente, que havia em todos os lares.

Eram os "11 letras", espécie de eufemismo de alcoviteiro ou ainda "páu de cabeleira". Figuravam como mensageiros dos namorados. Levavam cartas curiosas que eram lidas e relidas entre rubores, tremeliques e emoções. Hoje seriam simplesmente ridículas.

Num manual de namorados, esquecido num arquivo de raridades, encontrou-se uma carta assim:

"Minha querida Senhora

Sinto-me profundamente emocionado, ao escrever-lhe esta carta. A causa desta comoção é o receio de serem repudiadas as minhas pretensões, o que me faria o mais desventurado dos mortais.

Desde que vi a Sra., naquele lindo domingo de Maio, que a amo. O meu amor, começado na casa de Deus, parece ser ótimo presagio para minha felicidade.

O sentimento que lhe consagro, o mais nobre e sublime que pode sentir o peito humano, não permite abafar por mais tempo esta confissão.

Mas, si o puro amor que a Sra. me despertou, não puder encontrar eco no seu peito, si for obrigado a suportar os rigores do seu desprezo, juro-lhe que jamais este amor deixará de acompanhar o meu triste viver. Mas, não. A sra. é boa e, de certo, corresponderá com o mesmo ardor a esta chama que devora o peito do que, dependendo da sua resposta, será o mais feliz ou infeliz dos homens.

Eternamente atento, devotado e respeitoso servidor
Jorge."

A's vezes, porém, o amor nascido com tanto entusiasmo era severamente proibido.

Os namorados tinham que lançar mão de artifícios para se comunicarem. Foi assim que surgiu a linguagem do léque, da bengala, das flores, a telegrafia amorosa, etc...

Quando num baile os namorados se encontravam e não podiam falar-se, o léque aberto encostado á face direita queria dizer — "Sim", á esquerda — "Não". Mas, si era levado

Por

Mariza Lira



entre-aberto ao ouvido direito valia pelo aviso: "Tenha cuidado! Estão nos observando". E por aí além.

Por sua vez o homem também se utilizava da bengala para falar... calado. Quando a encostava ao queixo queria dizer — "Preciso falar-te". Segura-la ao meio com a mão esquerda significava — "Espero-a", multiplicando-se os movimentos expressivos.

As côres falavam pelos namorados: gravata amarela queria dizer — "Estou desesperado". Si a moça trazia vestido azul claro era uma afirmativa: "Sou-te fiel". Si o namorado trajava terno côr de alecrim queria exprimir — "Saudade". Enfim, a gama das côres revelava sempre pensamentos de amor.

As flores, porém, é que marcavam as horas.

A imprensa serviu muitas vezes de "11 letras" para os namorados.

Já em 15 de Agosto de 1875 a *Gazeta de Notícias* publicava:

J...

Em teu olhar já não diviso
A muda esperança de outr'ora
Era d'alma o teu sorriso
Fulgente como a aurora.

Em teu rosto ledo e risonho
Li — á esperança do meu porvir:
Porem, bem cedo se mudou num sonho
Tudo, crenças, teu olhar, sorrir...

G. M.

E pelos jornais eram anunciados todos os detalhes do namoro, declarações, encontros, ciúmes, desesperos e até brigas.

Entre os namoros havia varias classes: "o namoro relampago", viu, gostou e casou. "O namoro a prazo fixo", com tempo marcado para a espera do pedido. "O namoro a prestações", os constantemente interrompidos por brigas e arrufos. "Os namoros cabulosos", que não se decidiam nunca, namoros que se chamavam também de "chove não molha", hoje seria um "léro-léro". O caso é que havia gente que se namorava toda a vida e não casava nunca. Eram adeptos de que "o melhor da festa é esperar por ela".

Havia ainda os "namorados sem ventura", os "coiós sem sorte", que por mais força que fizessem nunca arranjavam uma namorada. Viviam a "arrastar a asa" e a fazer "pé de alferes", a tudo quanto era moça. Acabavam se contentando com uma trintona, tipo "saldo de balanço"... e olhe lá.

Os namorados-poetas viviam escrevendo versos capengas á sua musa, quasi sempre uma gorducha, pesadona, sardenta, que só sabia fazer "crochet" e assassinar ao piano o "Quando o amor morre".

O seresteiro era sempre mal compreendido. Em noite enluarada, de "pinho" na mão, chapéu do lado, lenço ao pescoço, lá ia o trovador para debaixo das janelas da querida e começava a cantar:

Acorda, Adalgisa
Pois que a noite é bela,
Vem ver o luar.

Mas, emvez da Adalgisa, que muitas vezes se chamava Eulalia, quem acordava era o pai que, num amplo camisolão, chegava á janela e arrefecia o amor do modinheiro com um violento jarro d'água ou descia ao portão para correr o baritonio com uma rodada de páu.

Uma classe pitoresca de namoros eram os chamados "para passar tempo". Rapazes sabidos, que, sem amor, á falta de outro divertimento namoravam as moças quel borboletas, e moças sapecas colecionadoras de apaixonados que acabavam ficando p'ra tias. Ah! "Ficar pra tia"! Que espantinho medonho para as moças de todos os tempos...

O mais pérfido dos namoros era o chamado "namoro por tabéla". A's vezes um rapaz gostava de uma irmã mais severamente vigiada que outra, namorava esta para chegar áquela. A's vezes a "vitima" era uma prima, uma amiga pobre ou feia, que servia apenas de degráu para o namorado alcançar a sua preferida.

Arranjar um namorado, deixem lá falar, sempre foi o problema mais sério para as moças de todas as épocas. Marido então, nem se fala! Que coisa difícil de achar, mas mais difícil ainda era acertar com êle. Porque o casamento sempre foi, é e será um bilhete de loteria, quasi todos saem brancos.

Os namorados "lampeão de esquina" ficaram na história pitoresca do Rio. Que paciência tinham esses moços! Deixavam-se ficar horas a fio em pé numa esquina á espera de uma escapula providencial, que favorecesse a namorada trocar meia duzia de palavras ternas entre-meadas de sorrisos doces.

Não menos penosa era a posição do "sentinela", que se quedava nos portões em conversas intermináveis, por meses e anos...

A entrada na casa dos futuros sogros era uma conquista que valia por uma vitória. Pois, com todo êsse rigor, muito estudante espertalhão arranjava um "compromisso" com a filha do Cuêdes, só para ter onde jantar aos domingos, dia dos namorados.

Hoje já não há mais namoro. O "flirt" audacioso, rapido e banal expulsou Cupido. O amor dos moços perdeu aquele encanto de receios, duvidas e ridiculos.

O rapaz hoje "vôa" p'ra cima da "garota do outro mundo", que si não o achá um "pedaço páu", tira "um fiapo" ou dá-lhe "o contra".

Si êle é "pirata" cava logo outro "pedaço" e não "banca" o "trouxa".

A "guria" vai contar o "caso gozado" á "turma": — Não vê que eu ia "topar" aquele "Tarzan de alfaiate", que vive a "pão e laranja". "Que baixo"!

E êle vai tirar "casquinhas" com aquela outra "morena do barulho..."

O "flirt" é pura "tapeação".

A sedução feminina se completa e se valoriza com o suave colorido das faces e o acento prodigioso dos lábios! Aumente o fulgor de sua beleza usando o

ROUGE e o BATON
Lalaque

Com "LALAQUE" sua boca ficará maravilhosa, seus olhos fulgirão com mais harmonia, aumentando a fascinação do seu rosto.

ROUGE e BATON
Lalaque

A' VENDA EM
TODO O BRASIL

T. TARQUINO

LIVROS NOVOS

A IMPRENSA PARAIBANA, ensaio de José Leal — João Pessoa, 1941.

O sr. José Leal é presidente da Associação Paraibana de Imprensa, condição que bem atesta a competência e o prestígio que lhe assistem para escrever uma obra desta natureza. A investidura em tal cargo e tal honraria significa não apenas que o sr. José Leal conhece de veras o jornalismo do seu Estado mas também que o preza e ama sinceramente. Do contrário, não se sujeitaria ao trabalho e às responsabilidades dum posto sem de certo outra recompensa senão o júbilo de bem servir aquilo que muito veneramos ou aqueles a quem muito estimamos.

Esse culto e essa bemquerença naturalmente levaram o sr. José Leal a querer inteirar-se da história da imprensa paraibana desde o seu nascimento e acompanhá-la nas suas lutas e nos triunfos ou revêzes, através das suas fases de prosperidade e dos seus períodos de perseguição e penúria. Assim ele nos pode falar dos homens que daqueles jornais fizeram ponto de partida ou de ascensão para mais desejáveis misteres; dos que ali se esforcaram e sofreram em pura perda; dos que, cercados de admirações e amizades, se deram por bem pagos da labuta; finalmente, dos que enriqueceram ou aparentemente se enobreceram à custa dos humildes que se lhes dedicavam. Estas grandezas e estas misérias não as conta explicitamente o sr. José Leal na sua exposição; qualquer, porém, as poderá depreender dos simples dados com que ele documenta a existência da imprensa na Paraíba, desde o seu primeiro órgão, o *Português*, aparecido em 1818, até às folhas dos nossos dias.



AVE DE ARRIBAÇÃO, romance de Afonso Alberto — Rio de Janeiro, 1941

A julgar por este livro (e não nos consta outro do autor) o sr. Afonso Alberto tem prazer em espantar os leitores e irritar a crítica. Este último objetivo ele mesmo o afirma, e não em prefácio ou nota mas dentro do romance em que se cita com o nome verdadeiro, além talvez de nele figurar incógnito, isto é sob a máscara dum dos personagens. Aparece com efeito, a páginas tantas, certa certa "dum velho amigo, Afonso Alberto, escritor de quem os críticos diziam cobras e lagartos". E nas "orelhas" do volume há outras alusões ao romancista, como por exemplo:

"Uma vez, numa recepção em certa Embaixada, uma dama cheia de curiosidade e de sorrisos, impecavelmente virtuosa e impecavelmente feia, perguntou a Afonso Alberto:

— Quais as razões que o levam a escrever livros?

— Razões semelhantes às que levam outros a amestrar pulgas, a fabricar alfinetes ou a estudar a função do rabanete na digestão das cabras...".

Como se vê, o propósito de se singularizar, assombrando o burguez e escandalizando a opinião corrente, constitui no autor de *Ave de Arribação* uma espécie de programa, se não uma forma de ideal. Livrando-nos as aventuras duma heroína de amores fáceis e aventuras superficialmente cosmopolitas,

não perde o sr. Afonso Alberto ensejo de expandir a sua ousadia, tentar os seus paradoxos. De vez em quando dá-lhe para filósofo, sociólogo, moralista; é, porém, à crônica que ele se entrega de preferência, com a apresentação de tipos de bordo, figuras de hotel e de casino; o campeão esportivo, a estrela de cinema, o larápio de smoking, a donzela depravada... E há páginas curiosas e que realmente vale a pena ler.

INSTANTES... EMOÇÕES, versos do sr. Andrade Muller — Rio de Janeiro, 1941

O sr. Andrade Muller é um poeta moderno que não rompeu de todo com as normas e os modelos da tradição. Preza ainda a plástica dos versos e a música das rimas. Nem sempre obedece aos canones sagrados por que se guiaram as máximas criações poéticas do gênio humano — ao passo que do abandono de tal culto não resultou até hoje, ao que conste, nenhuma obra superiormente duradoura... Enche páginas de versos livres; de repente, porém, deixa de resistir ao império do ritmo, à soberania harmoniosa. E sempre no que diz havemos de reconhecer a elevação de certos pensamentos, a nobreza de certas emoções, a frequência das belas imagens e das frases que brilham. Página que dá bem idéia do livro é a intitulada *Regresso do sertão*:

Nada te trouxe, nem um verso ao menos,
da saudade sem par que caminhou comigo...
Para que dividir com olhares profanos
o que senti sozinho,
e, em pensamento,
reparti contigo?

Eras comigo em tudo:
nas noites de luar e nas manhãs alegres;
nas tardes nevoentas de queimadas;
no rolar da canôa, sorrateiro e mudo,
nos largos rios calmos;
na grandeza sem par d'esses sertões bravios;
na caçada sutil e no sabor dos riscos;
nas horas do repouso;
no longo cavalgar dos dias quentes
e nos frios poentes,



quando centenas de aves policromas,
vêm, serenas e mansas,
como traços de côr, riscando o espago,
no rumo do nascente, para o pouso...

Nada gravei das emoções intensas,
da saudade profunda que senti...
Mas nos céus dos sertões deixei, contente,
— em doidas revoadas ao poente —
qual milhares de pássaros cantando,
os versos que compuz pensando em ti...

NO PAÍS DOS ANÕES, conto para crianças, de Maria do Carmo Ulhôa Vieira — São Paulo, 1941

Trata-se da aventura fantasista do menino Toto e do seu cão Tupi. Atrás dum bezouro formosíssimo, como ele nunca vira nem imaginara, o gurí foi dar a uma floresta e entrou pela fenda aberta no tronco duma árvore gigantesca. E começaram a suceder-lhe coisas espantosas, a ele e ao fiel Tupi que falava agora como qualquer de nós. A história prossegue entre episódios de sonho magnífico e lances de verdadeiro pesadelo. E termina com uma lição de moral.

É sem dúvida uma obra pela qual as crianças se interessarão, tanto mais que a ilustram sugestivos desenhos de Kurt Eppenstein. Uma vez mais, porém, em livros para crianças, temos que lamentar o abandono ou a ignorância das regras de gramática. Peor do que isso: quem escreveu estas páginas mostra até desconhecer a significação, a razão de ser dos termos elementares da linguagem; e assim, por exemplo aplica mais em vez de *mas*: "Cansou-se de bater, *mais* não obteve resposta... Deixe de filosofar, Tupi... *Vá mais* é farejar o buraco e descobri-lo".

A empresa editora desta série infantil devia, antes de imprimir tais obras, mandá-las rever por um professor... ou um bom aluno de primeiras letras.



SANGUE, SUOR E LAGRIMAS, discursos de Winston Churchill, tradução de R. Magalhães Júnior e Lya Cavalcanti. — Rio de Janeiro, 1941.



O escultor Modestino Kanto fez para este Salão da Escola Nacional de Belas Artes um retrato de Winston Churchill. Na nobreza, possante, rija, perpétua do bronze, a fisionomia do estadista parece assumir a sua autêntica expressão para a imortalidade. A testa larga e alta reflete e decide soberanamente. Os olhos, um dos quais ligeiramente cerrado, dão ao mesmo tempo a idéia de ver e de adivinhar, futurar. A boca mantém-se um momento imóvel mas sente-se a ansiedade de alma, o frêmito interior que por ela se vai expandir aos ouvidos do mundo. Há naquela máscara alguma coisa de irresistivelmente hercúleo e serenamente persuasivo. Mas o artista — embora as mãos de certo modo deixassem de lhe obedecer, trabalhando por si mesmas, inspiradamente — interessava-se sobretudo pela robustez, o prestígio combatente do personagem... e do símbolo. E intitulou a sua obra: *O Tank*.

Em *Sangue, suor e lágrimas*, primitivamente *Into battle* ("Em batalha" ou "Batalhando") há a marcha lenta mas poderosa do espírito para o qual se volta hoje, mais que para qualquer outro ponto donde possa vir a decisão dos destinos, a atenção universal. Estes discursos constituem as etapas da sua avançada sábia e prudente, inspirada, magnífica. Aqueles mesmos que o não admirem de todo e até os que o detestem terão que o acompanhar por estas páginas, respeitosamente. E, seja qual for o resultado final do empreendimento em que ele entrou de corpo e alma, o seu nome e a sua obra já se tornaram, e para sempre, gloriosos.

J. L.

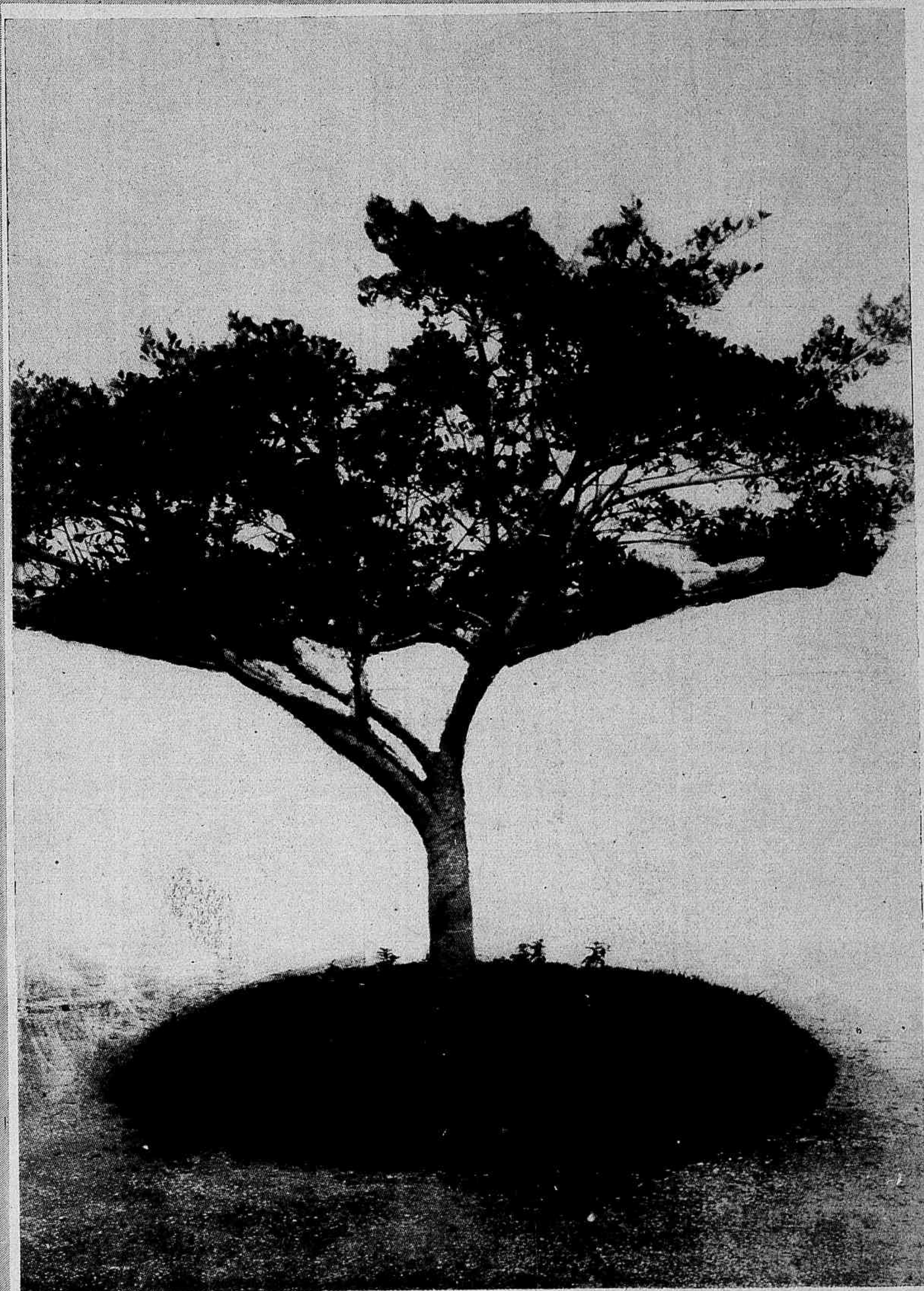
A LUTA CONTRA A LOUCURA, de Lowell S. Selling. — Tradução de Adalberto de Lima Cavalcante.

Em *A Luta Contra a Loucura* — como diz o tradutor, nome aliás de relevo na ciência psiquiátrica brasileira, ex-director do Hospício de Alienados de Recife, — o autor aborda assunto interessantíssimo acerca do que se vem fazendo para melhorar a insanidade mental, passando em revista a vida dos precursores que lutaram diante de críticas humilhantes, sem lhes dar importância, caminhando sempre para a frente, consoante acontecera com muitos mártires da ciência, na certeza plena de estar prestando grande serviço à causa da humanidade; e vem, desse modo, ao encontro dos sofrendores e dos cientistas que passaram a admirar aqueles que estudaram dedicadamente as doenças mentais.

Esse livro, que tem no original estilo de simplicidade encantadora, teve no tradutor um interprete fiel, perfeito dos pensamentos de Lowell, acompanhando-o até na linguagem, igualmente simples, mas muito agradável, devendo ser lido por cientistas e mesmo por estranhos ao assunto, pois todos só lucrar poderão com a sua leitura, que, página a página, cada vez inspira mais simpatia.

H. L.

ESTA ÁRVORE...



... é uma das relíquias da cidade catarinense de Laguna. É a "Árvore de Anita", que já vai a caminho do centenário.

Data da época da revolução dos "Farrapos", dessa memorável jornada republicana em que Ana de Jesus Ribeiro, que vira a luz do dia em Morrinhos no dia 30 de Agosto de 1819, ingressou por amor, unindo o seu destino ao de Garibaldi, em pleno esplendor dos seus vinte anos. A luta no sul entrava no nono ano. Garibaldi levou aos "farrapilhas" o seu contingente de iniciativas audaciosas. Sonhou com uma esquadra. Tinha dois lanchões na lagoa dos Patos — o "Rio Pardo" e o "Seival" — mas não podia conduzi-los ao oceano, por que a armada imperial bloqueara a barra do Rio Grande. E então, em 1839, transportou por terra, em carretas puxadas a bois, os dois lanchões, repetindo, quatro séculos depois, o que os venezianos fizeram em 1439 para conduzir suas naus ao lago de Guarda. O "Rio Pardo" perdeu-se em luta. Proclamou-se a República Catarinense em Laguna. E o "Seival" ficou, desse tempo, como único sobrevivente. Na sua quilha, porém, nasceu uma árvore, a "Árvore de Anita". A heroína foi morrer longe da terra natal, finando-se, na odisséia de uma fuga, em um barracão humilde de um logarejo italiano, em 4 de Agosto de 1849. O "Seival" ficou. E durou até bem pouco tempo. A árvore, essa recolheram-na as mãos de Antonio Joaquim de Souza, que a ofereceu ao Governo Municipal de Laguna, e o então superintendente, major Oscar Guimarães Pinho, mandou plantá-la no local onde hoje se encontra, na Laguna histórica, no jardim "Calheiros da Graça".



A POESIA DOS Canhões

Texto de *Mario Barata*

Fotos de *Arnaldo Vieira*



Num canhão colonial do reinado de D. João V encontram-se estas "alças" de grande valor artístico e interessante concepção.

Os velhos canhões têm história e tiveram vida. Uma história meio lendária, de quando lutaram contra os filibusteiros que, percorrendo as nossas costas na sua vida aventureira, que é hoje poetizada, procuravam roubar os tesouros das cidades, as reliquias das igrejas e, às vezes, por amável galanteria e refinado bom gosto, as mais interessantes beldades que os nossos avós caprichavam em esconder no interior das sobradões e das casas grandes.

Esses canhões, que pontecavam as praias e os promontórios do nosso litoral com seus perfis elegantes e insolentes a um tempo, que nas horas difíceis da nossa história enfrentaram flamengos e franceses, bretões e castelhanos, hoje, nos lugares em que se encontram esquecidos dos homens ingratos e egoístas, relegados pelo tempo trágico e mau, não assustam a mais ninguém nem ameaçam os "piratas" que em passeio com as namoradas se aproveitam do seu bronze heráldico como de um banco para descansadamente investirem com palavras doces contra a cidadela inerme de um coração feminino.

Velhos canhões da nossa terra, que ao envez de medo e morte espalham poesia e sensibilidade; que nos trazem à lembrança não as horas cruentas das batalhas e sim um quê de beleza e de emoção, como

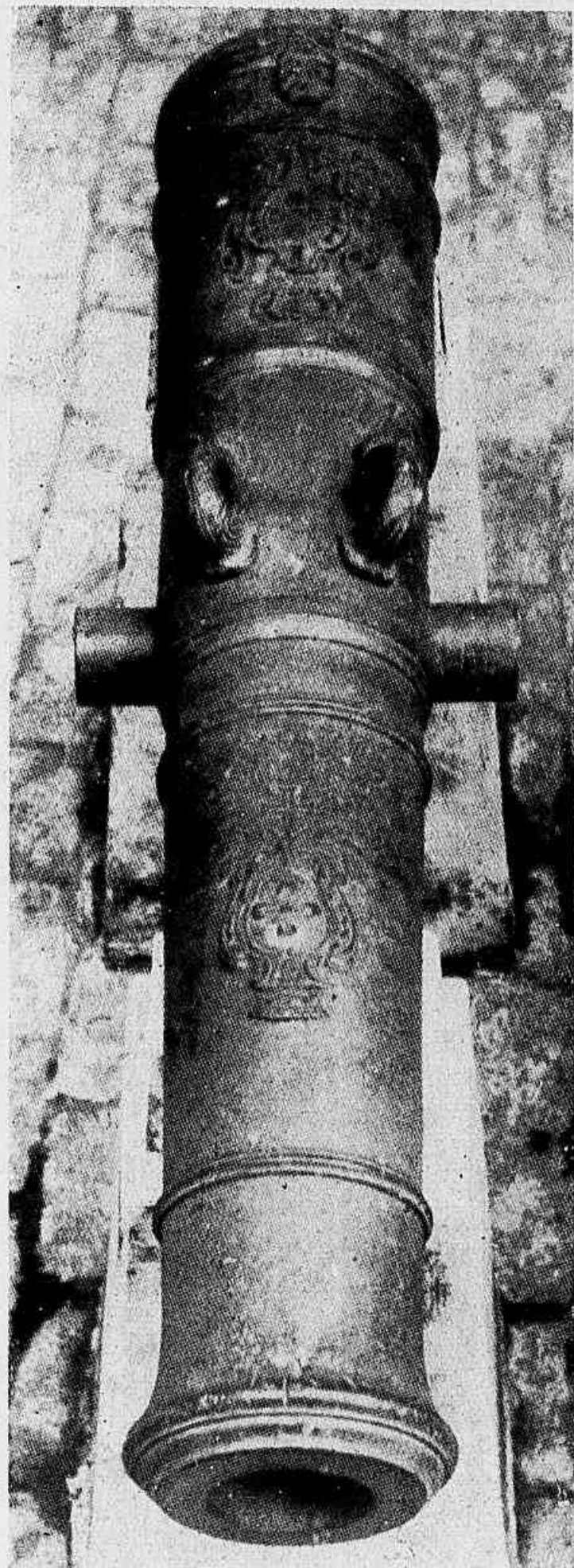


Ao lado: Eis portentoso e expressivo canhão em que o antigo escudo de Portugal encima o nome do rei: IOANES V. Está no pátio do Museu Histórico havendo sido salvo da fundição.

A epigrafia dos canhões é curiosa: "A Deus peso seu favor nas batalhas que tiver para sair vencedor". Anno 1631. M. Chawes vam Dam.



Interessantíssima "cascavel" de velho canhão feito especialmente para Portugal em Genova, no ano de 1714, por Jacobus Rocca. Obra de escultura cuidadosamente trabalhada, que bem mostra a beleza e arte, preocupação de seus fundidores.



Um canhão de 1765, isto é, da época pom-balina. Documenta ele de maneira forte a influência de Sebastião José de Carvalho, que em 1759 havia expulsado os jesuítas do Brasil e de Portugal. No canhão acham-se as armas do Rei, mas também estão, heráldicas e altaneiras, as do primeiro ministro.

si a vida do passado fosse o que há de mais feliz, pois ficamos esquecidos de que no nosso próprio destino há, marcada, a estranha realidade da vida de todos nós e de todos os tempos.

Canhões com braços de reis cujos nomes soam hoje esplendorosos e perfeitos; com cuidados artísticos que nos deixam inveja das 72 horas integrantes do dia dos homens do vosso tempo e da boa vontade que tinham em embelezar e requintar tudo — os moveis, as porcelanas, os talheres, até as armas, só se esquecendo de embelezar a própria vida, o próprio íntimo que, como o dos homens do nosso século, era cousa que não valia a pena melhorar.

Canhões com epígrafas curiosas e com "cascavéis" esculturais... Dia a dia se tornaria mais fugidia a lembrança que temos dos feitos da vossa juventude nos anos em que zombáveis de tudo e faláveis arrogantemente ser a vossa palavra a última razão, si o destino irônico não reunisse novamente e não arranjasse outras mãos para polir o vosso bronze e admirar o vosso brilho remojado.

Mas não vos iludais. Nem vós, o signo da força, escapastes ao signo da vida.

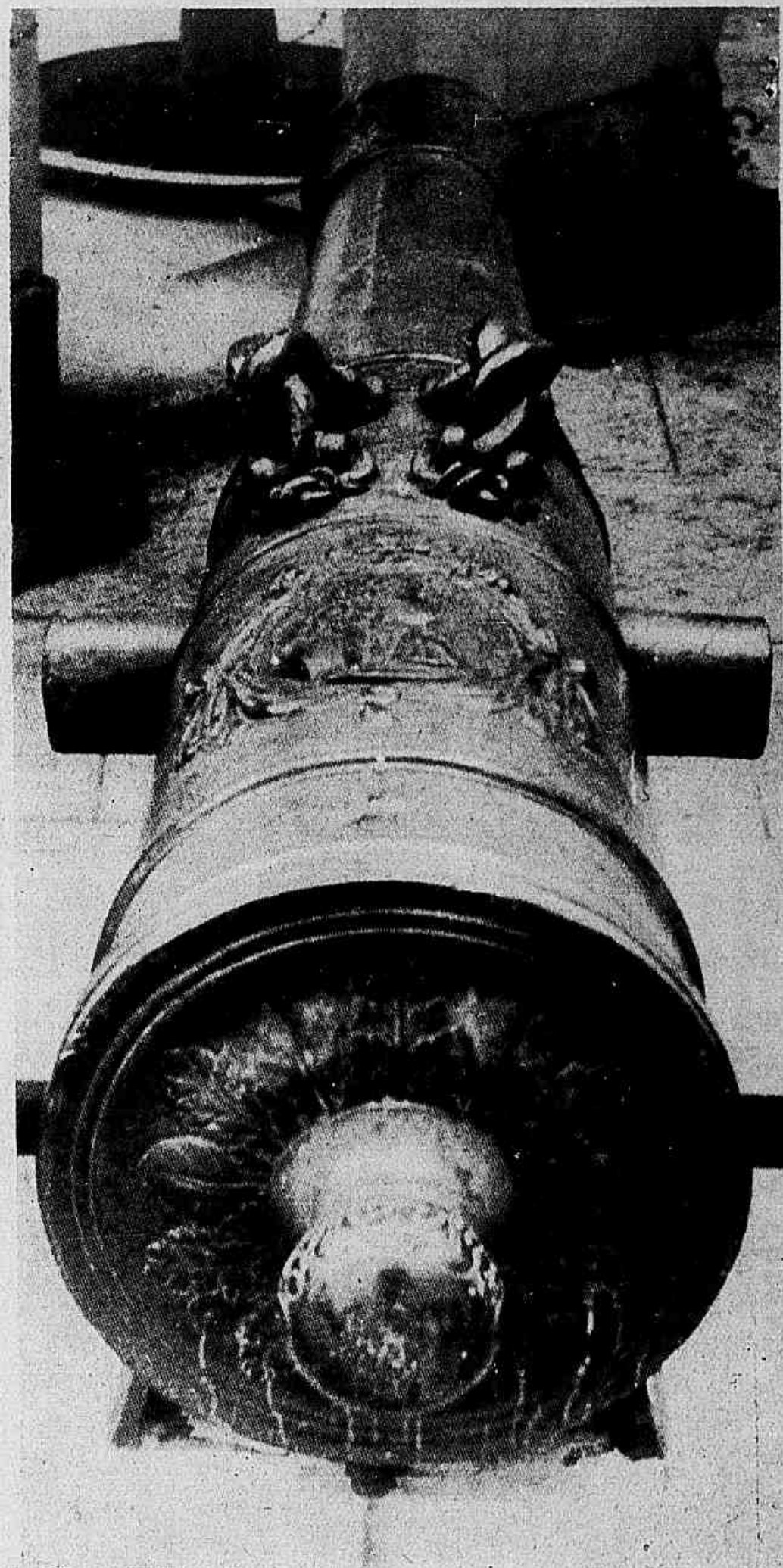
Si não fostes derrotados nas lutas contra galeras inimigas e contra homens enraivecidos, fostes vencidos na vossa própria arrogância pelo lento passar do tempo.

Não esqueçais nunca mais que a *ultima ratio* é a tragedia irremovível da própria vida.

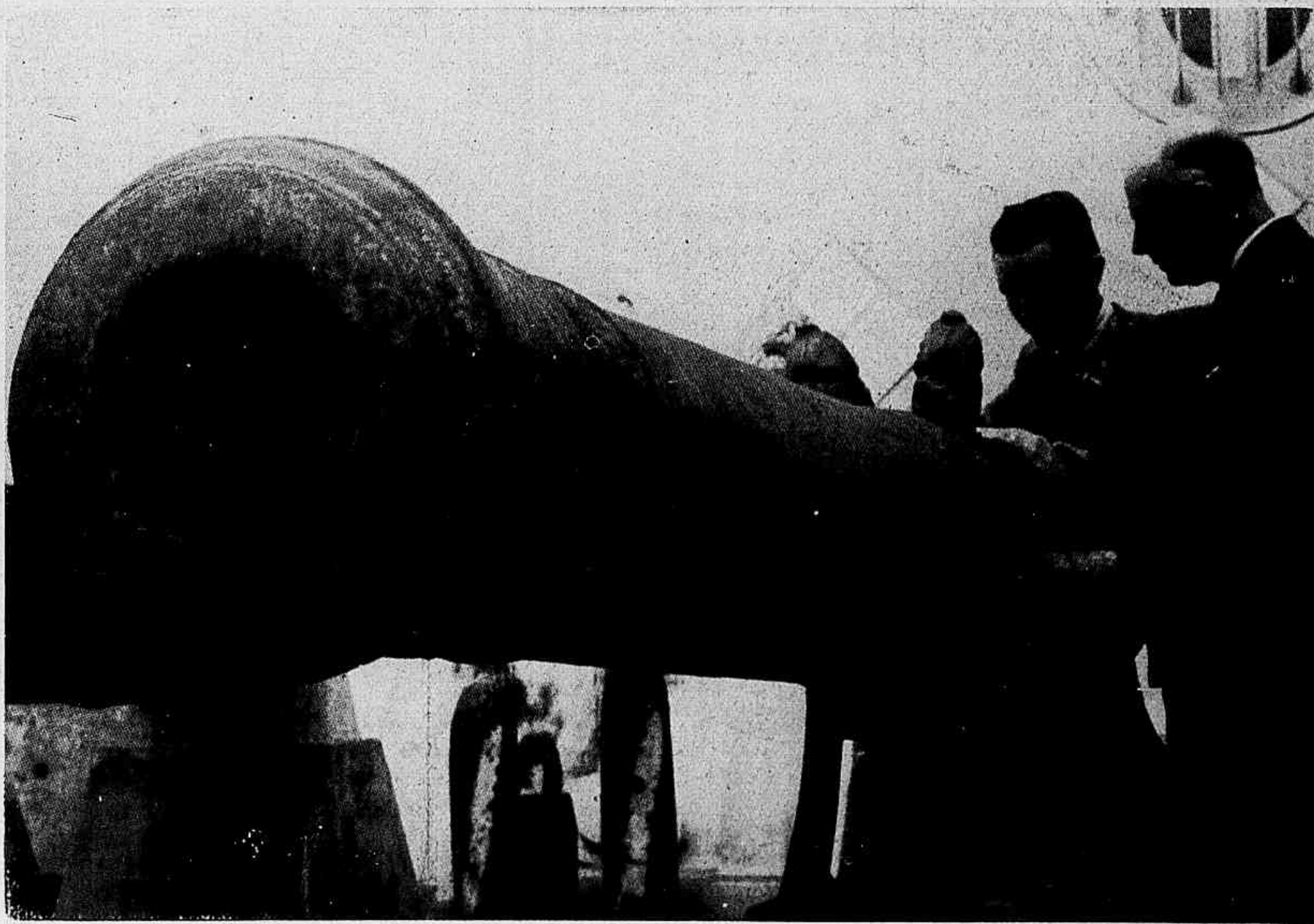
E não vos orgulheis da suavidade com que nos envolveis quando apareceis no canto de velho forte ou na arcada duma ponte de pedra colonial.

A própria transformação dos sentimentos que inspirais é a vossa própria humilhação a vossa maior e mais sublime derrota. Vivereis séculos porque inspirais amor. Viverdes 30 anos inspirando temor.

Quando os olhos de hoje vos descobrem no Museu Histórico Nacional ou num recanto antigo, não vos temem nem vos respeitam. Mas vos acariciam e sentem-se felizes em vos ver. São duas lições de filosofia num único facto. Uma, os homens vos dão; outra vós daes aos homens.



Belo canhão de 1710 que deve ter sido deixado em nossa terra pelos franceses de Duquay-Trouin. Nos menores detalhes observam-se a intenção artística que presidiu à fundição da velha arma. A efígie do Rei-Sol domina soberanamente, em baixo-relevo, todo o conjunto.



O dr. Menezes de Oliva explica curiosos pormenores da vida desta canhão de bronze que o tempo patina mais e mais. Traz em si o ano em que foi feito — 1629 — e o trígono da Companhia das Índias Ocidentais, encimado pela letra Z, marca de Zelande. Tomou parte nas invasões holandesas no norte do Brasil.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

27 Sras. Maria Delina Guimarães, Plácida de Oliveira e Ligia La Porta; contra-almirante aviador naval Virginius Brito de Lamare; drs. Leite de Assunção, Ezequiel Lima e Colatino de Araújo Góis.

28 Senhorita Eulalia Crockotte de Sá e Siria da Silva Laplana; sras. Maria da Silveira, Jandira Avila da Silva, Maria da Gloria Marcondes da Luz e Sára Rodrigues Caldas; capião de mar e guerra Americo de Araújo Pimentel; drs. Duarte Lima, Guilherme Catumby e Delfim Moreira Junior.

29 Sras. Ramarilia da Silva Trindade, Candida Mourão da Silva, Etelvina de Azevedo, Silvania Martins Gelmim, Amelia de Almeida Santos e Conceição Watz; embaixador José Bonifacio de Andrada e Silva; drs. Altino Arantes, Abelardo Luz e Alvaro Simões Lopes.

30 Sras. Anita Leite Guimarães, Ester Almeida, Edite Garcia da Costa e Ruze Mendes Ribeiro; drs. Plinio Casado, Edgard Ribas Carneiro e Feliciano Sodré.



Senhorita Conciglia Lazzaro Bernardo, natural de São Paulo, onde atualmente reside.

1 Consulesa Odete de Carvalho e Souza; dr. Amelio de Campos Brandão; meninas Maria Carmen, filha do casal José Euwaldo Fontes Peixoto, e Noemi, filha do sr. Azarias de Araújo Santos.

2 Condessa Candido Mendes; sras. Nadir Silva e Vera Tinoco Balloussier; drs. Max Fleiuss, Abelardo Maranhão e Paulo Magalhães.

3 Sra. Mariinha Duarte; drs. Rodrigues Alves Filho, Carlos Correia e Augusto Accioly Carneiro.



CONFERENCIAS

— O conhecido artista J. P. Chablotz realizará terça-feira, 30, às 17.30 horas no salão da Escola de Belas-Artes uma conferência sobre "O Carater revelador do grafismo e da pincelada do artista", na série do Instituto Brasileiro de História da Arte.

— No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro realizará hoje às 17 hs. o dr. Max Fleiuss uma conferência sobre o historiador Manuel Barata, que foi senador da República durante 15 anos e depois de Pedro II é a pessoa que mais doações fez ao Instituto Histórico.



Narcisa Mara, a jovem e promissora artista que aparece no filme "Romance Proibido" editado pela "Cinédia".



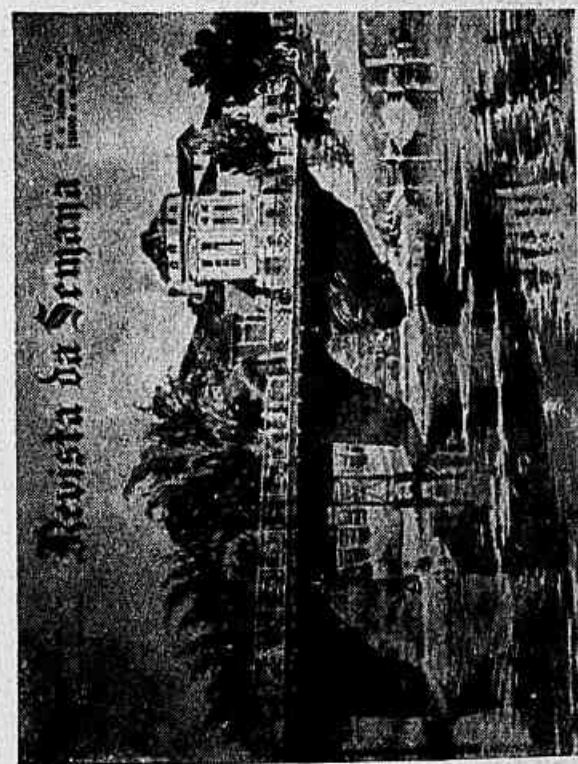
Chá oferecido á senhora Sophia Magno de Carvalho, pelas suas alunas, por motivo de seu aniversario natalicio, na Confeitaria Colombo.



Senhorita Maria de Sá Earp, artista brasileira que brilhantemente atuou na temporada lirica oficial deste ano.

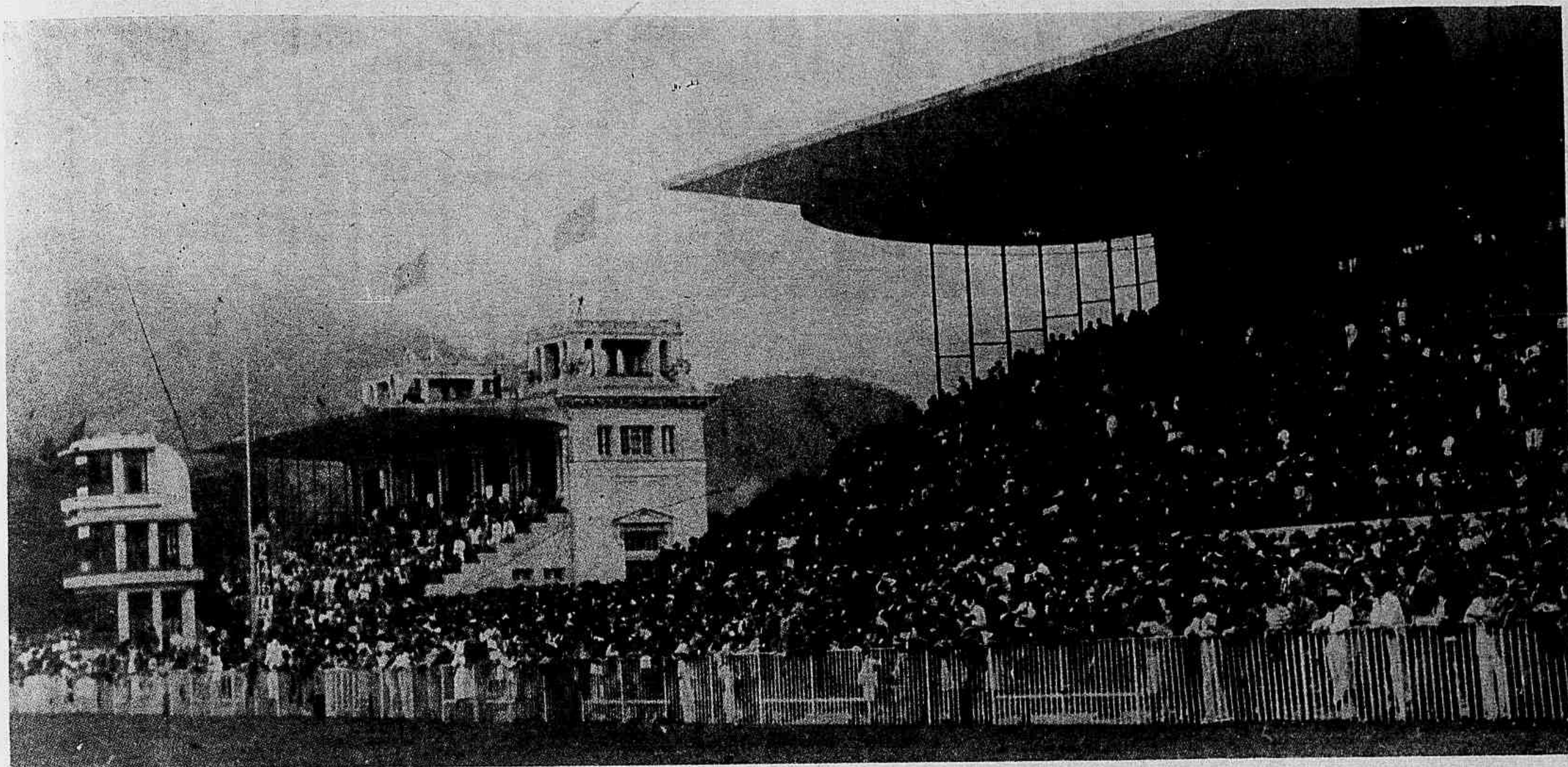
NOSSA CAPA

Este número da REVISTA DA SEMANA traz na capa uma aquarela do conhecido artista brasileiro F. Ranzini. Talento confirmado e já bastante conhecido dos leitores da REVISTA DA SEMANA, que lhe tem publicado varios trabalhos, Ranzini dispensa qualquer comentario. Esta sua aquarela foi inspirada por aquela ponte velha tão familiar aos que visitam S. Paulo, e que é um traço de união entre dois bairros da bela capital paulista. Com a publicação deste trabalho a REVISTA DA SEMANA espera concorrer para divulgação das boas obras e corresponder ao bom-gosto do seu público.



Aspecto apanhado nos salões do Automovel Clube por ocasião de um dos ultimos chás dançantes promovidos por iniciativa do Clube Militar.

JOCKEY CLUB MUNDANO



Nuvens negras descem sobre as montanhas, mas não metem medo aos verdadeiros "turfmen"...

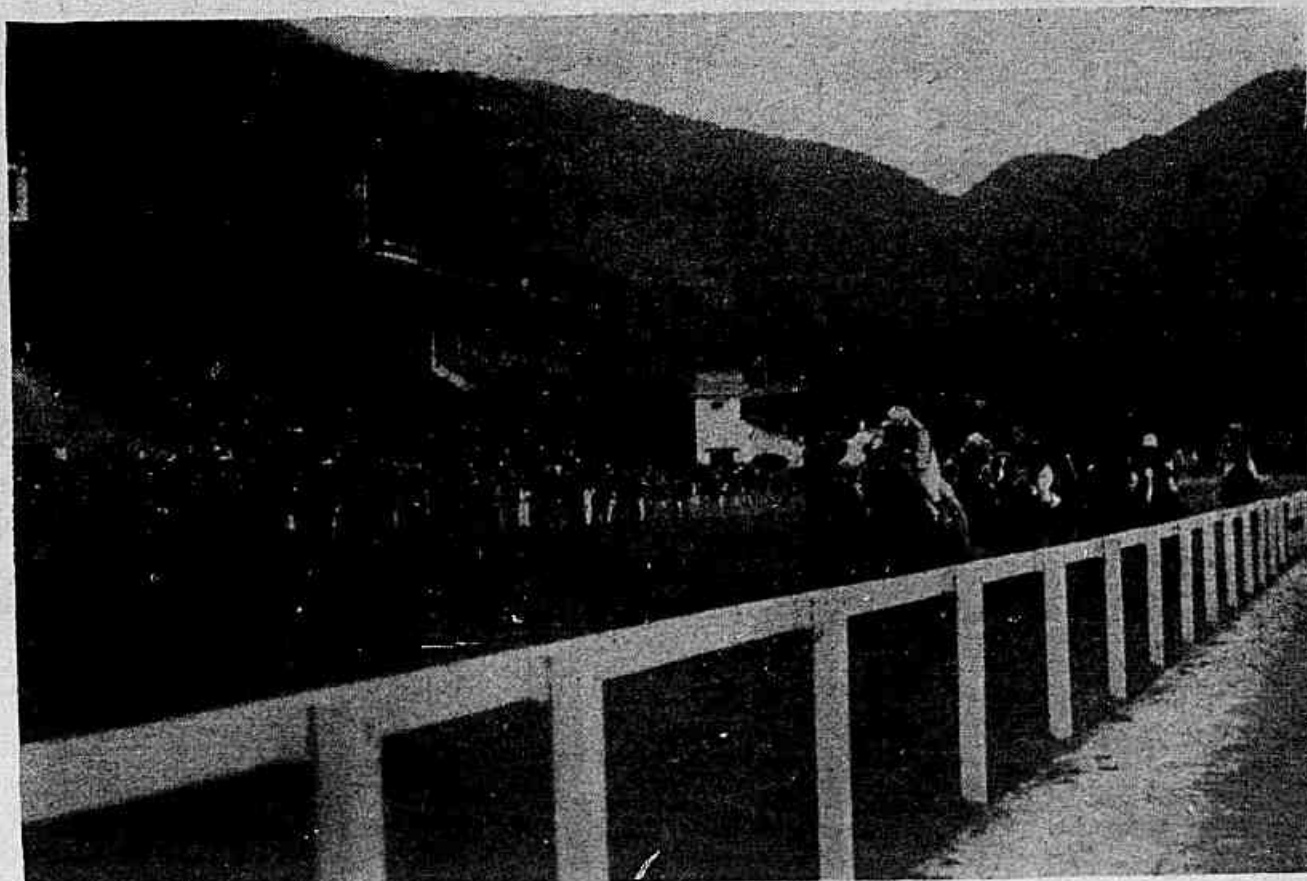


O seu aspecto mundano e altamente elegante não perde o encantamento habitual.

Um domingo chuvoso no Jockey...



Nas tribunas não chove e, num dia frio, um bom vinho tem sempre um sabor especial...



E na grama molhada os azares quasi sempre surpreendem os apostadores com rateios polpudos...



"Situações Dramáticas"

Luiz Cancio era muito acanhado, um espírito de épocas remotas.

Certa vez deliberou confessar com toda a franqueza, por intermédio de confidencial missiva, a paixão que lhe torturava a todo o instante a alma e lhe oprimia o coração.

Senhorita Paulina Maria, no entanto, não lhe aceitou a cômica: apreciava-o muito, simpatizava com ele; não o desejava, contudo, para marido. Acerca disso, fez ponderações judiciosas, usando sempre de manifesta delicadeza.

Encavacou o pobre.

Como continuasse a dona do seu coração a tratá-lo com deferência e singular urbanidade, pensou estivesse ela mais concorde, e redigiu outra missiva, mensageira do ardente amor.

Encontrou o ídolo em dado momento, de modo a poder entregar-lhe a carta, sem ser percebido por indiscreto olhar.

Com suores frios, estremecimentos, cheio de solitudes, com moderada indecisão, puxou da carta que trazia no bolso e, por mais esforço feito, como criancinha enfezada, conseguiu apenas dizer secamente: — Tome...

Paulina Maria, bastante traquejada em matéria de namoricos, percebeu-lhe pelo semblante, pelo acanhamento excessivo, mais ou menos do que trataria a missiva, e respondeu prontamente, com vivacidade, ao tímido cavalheiro, sem haver tocado de leve na jeremiada epistolar: — Já sei o que é mas, desculpe-me, não quero!

Em seguida lhe voltou as costas.

Debalde insistiu o desventurado: — Tome...

Ela, porém, já lhe não dava atenção.

Abatido, tornou o amoroso missivista a deitar a carta no bolso. Nunca se sentiu tão pequenino, tão indigno do próprio "eu". Achava-se mais ascoroso do que o mais nojento reptil.

Quando, momentos depois, saiu à rua, parecia-lhe rir-se dele toda a gente. Afigurava-se-lhe que todas as pessoas, encontradas no caminho, sabiam do caso grotesco. Tinha vergonha de si próprio.

Daí a dias, houve mais um precoce descrente do amor: bem equipado, provido de boa munição bélico-amorosa, assentou praça de soldado no batalhão dos celibatários.

Depois, como o tempo fosse passando sem se lhe aproximar um casamento, certo dia sorriu Paulina Maria para Luiz Cancio.

Oh! A boca mimosa, um mimo eterno, um suave encanto, com aquele sorriso cheio de doçura, lembrou-lhe tudo que é sublime e delicado.

Neutro dia, não sorriu apenas: riu bondosamente.

E teve ele a perfeita ilusão de ouvir o murmúrio das águas cristalinas de pequenina fonte do prado, o cício da brisa na folhagem.

Sentiu-se vencido; rendeu-se ao riso; deu baixa do batalhão dos celibatários.

Uma vez estava triste, pensativo. Despontava Vesper. Viu então canoro pássaro, num galho de velha árvore, compor o hino da saudade em sucessão de acordes harmoniosos. Em seguida, bateu asas e foi-se embora.

E ficou Luiz pensativo. O pássaro andaria talvez procurando a companheira ou evocando dias felizes. E, agora, se recordava do passado e pensava no futuro.

Mais tarde, contrairam matrimônio Luiz Cancio e Paulina Maria.

O esposo, porém, não teve a habilidade de encher plenamente o peito da esposa com todo o grande amor que devia dedicar-lhe. Não lhe tinha amizade. Tudo era paixão, arrefecida com a posse. O egoísmo dominava-o.

Sem ser tratada com o carinho a que julgava ter direito, em pouco tempo a esposa sentiu deserto o coração palpitante.

Teve Luiz Cancio necessidade de fazer algumas viagens e, de volta, antes de tudo, cuidava dos negócios a seu cargo, visitava os amigos para, por último, ir à casa abraçar aquela a quem em primeiro lugar deviam os seus olhos ter a dita de ver, e os braços o prazer de cingir.

Deu-lhe, é verdade, tudo quanto desejava ela possuir: o lindo bangalô, a fina baratinha, o precioso aparelho de rádio e, por fim, o violão de alto preço e ótima qualidade. Contratou também o professor do instrumento musical, habil artista que, na ausência do nescio esposo, lhe ganhou o terno coração da desconsolada esposa.

Quando, ainda bem cedo, certa vez, de longa viagem chegou Luiz Cancio, às nove horas da manhã, um mensageiro dos Correios e Telégrafos batia ao portão do bangalô.

Aquele se aproximou, recebeu o despacho telegráfico, sacou moeda de mil réis para dar ao funcionário.

Este se recusou: — Não devo aceitar. Estou cumprindo a minha obrigação.

Já com uma nota de dez mil réis na mão, Luiz Cancio insistia:

— Receba. Apreciei muito o seu gesto. E' para comprar uma lembrança... Receba. Não faça cerimônia.

Ainda assim, o rapazola quase resistira, mas, sem querer, a nota escorregou mansamente na algibeira.

Depois, abriu Luiz Cancio o telegrama endereçado à esposa e o leu. Apoderou-se-lhe o ciúmaria.

Percebeu, então, o mensageiro ter ficado ele mal humorado.

Hui! Ali não andava coisa muito boa... — Seu doutor não manda nada?

— Não. Obrigado.

Saía o mensageiro da agencia postal-telegráfica, para entrar em folga, quando divisou a senhora ao longe, correu e alcançou-a a pequenina distancia do bangalô.

Narrou-lhe o acontecido. O marido dela era tão bom homem, que desejava o rapazola evitar-lhe maiores desgostos. Uma costureira não poderia dar um jeito naquilo?!

Com certa dissimulação, contou-lhe a senhora o que devera causar aborrecimento ao marido e aceitou o oferecimento do mensageiro. Podia prestar-lhe grande serviço, indo falar com Zica, para lhe dizer que não estranhasse receber um telegrama urbano, avisando-lhe qualquer coisa que ainda não sabia... Em todo caso, Zica comprasse imediatamente fazenda para um vestido de verão, leve, esvoaçante, trajo de passeio. Mais tarde lhe telegrafaria.

E deu-lhe o endereço da costureira.

Tudo faria o mensageiro, com a promessa de a senhora nunca mais causar novo desgosto a seu doutor...

Ensaíou ela desalinhado sorriso e abanou a cabecita em sinal de assentimento.

Em seguida lhe entregou vinte mil réis:

— Toma, rapaz! Pega um **taxi** e vai providenciar.

— Sim, senhora. Si eu não tornar à casa de vossa excelência, é porque ficou tudo certo, tudo combinado com dona Zica. Já tomei minhas notas.

Seguiu Paulina Maria para casa. E abraçou o marido com muito carinho. E, com pretexto honesto, foi logo dissimulando uma queixa:

— Estive a ouvir missa e a pedir a Deus pela felicidade do meu esposo, de quem não tinha notícias.

E ele, mal conformado: — Um telegrama para você.

Leu-o.

— E' de Zica. Ao menos, hoje fique em casa, para descansar um pouco, e vamos de tarde até lá.

Respirou o homem mais socegado; estava-lhe mais doce a fisionomia.

— Pois bem. Fico.

— Então, vou mandar a copeira ao Telégrafo. O texto do telegrama-pergunta era lacônico: "Vens?". Não tinha assinatura.

A resposta, que fôra dar à casa de Zica, era também só isto:

"Às dezessete estarei aí."

Mostrando-a ao marido, acrescentou:

— E hoje irá você comigo. Os amigos ficarão para amanhã.

— Sempre seu. — E ficou mais camarada.

Na tarde daquele mesmo dia, começado tão infausto, muito alegres saíram eles, marido e mulher. Com muita alegria saudaram o modesto e discreto funcionário, fortuitamente postado ao frontispício da agencia postal-telegráfica do bairro. Na esquina próxima, pegaram o ônibus.

Ficou o mensageirinho bem orgulhoso de ter sido o autor da alegria reinante no coração do casal.

Nunca mais o marido preferiu a companhia dos amigos, deixando de parte a esposa.

E, arrependida, renunciou esta ao aprendizado do violão.

Estranhando, com despeito, já não ter conseguido de modo algum falar à encantadora aluna, porquanto esta jamais o recebera; não logrando encontrá-la na rua, resolveu um dia o habil artista utilizar-se do telefone afim de desvendar o misterio.

— Dona Paulina, um telefonema para a senhora, avisara-lhe a copeira.

— Pergunte quem é.

— Quem deseja falar com a dona Paulina? interrogara a empregada.

— E' o professor de violão.

— Sim senhor. Um momento.

— Ela está?

— Vou ver... — Fôra ao encontro da patrão.

— Dona Paulina, é o professor de violão.

— Bem. Diga-lhe que não estou.

— Sim, senhora. E, voltando ao aparelho, informara: dona Paulina manda dizer que não está!

— Que é isso, rapariga? Que disparate é esse?! — E, tomando o fone da mão da empregada, atendera imediatamente o chamado. — Pronto! Quem fala?

— E' ele, o tal!

— Quem é este ele?

— Não é Paulina?

— Sim, senhor. Paulina Maria.

— Que milagre!...

— Quem fala?

— Casusa.

— Ah! Estou às suas ordens. Que deseja o senhor?

Com tamanha frieza da aluna, o homem sentiu o coração gelado.

— Paulina, desejava fazer-lhe uma pergunta.

E ela, secamente: — Sim, senhor. Pode dizer.

Moralmente torturado, sem mais ter em mente as frases de ternura requintada para o colloquio telefônico, conseguiu apenas murmurar: — Que fim levou você?

— Foi para isso que o senhor me chamou?

Estremeceu ele de surpresa. Súbito, enrubesciu. E, com o rosto afoqueado, e como que reagindo contra a propria fraqueza, não a revidou senão com alguma dificuldade:

— Sim. Tive saudades suas e...

— Muito obrigada, interrompeu-o. Mas, então, venho pedir-lhe a fineza de desistir de me falar...

— Por que?

E ela, já quase desligando o aparelho:

— Para evitar situações dramáticas.

Norma de Souza

BAILES DA PRIMAVERA



NO SALÃO DO CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO



NO TIJUCA TENIS CLUBE



NO CLUBE DE SÃO CRISTÓVÃO



NO AMÉRICA F. C.

Iniciar a Primavera dançando é um hábito consagrado pelo carioca. Todos os clubes enfeitam os seus salões, que se enchem de encantadoras toilettes e de corações floridos a auspicar a estação das flôres. Jovens que valsam pela primeira vez, cabeças encanecidas a recordar a sua primeira valsa, cruzam-se entrelaçando ilusões e confundindo esperanças como se entrelaçam e confundem os seus vestidos de crepe... Há uma velha cantiga que diz: com as flôres da Primavera renascem as do meu amor...

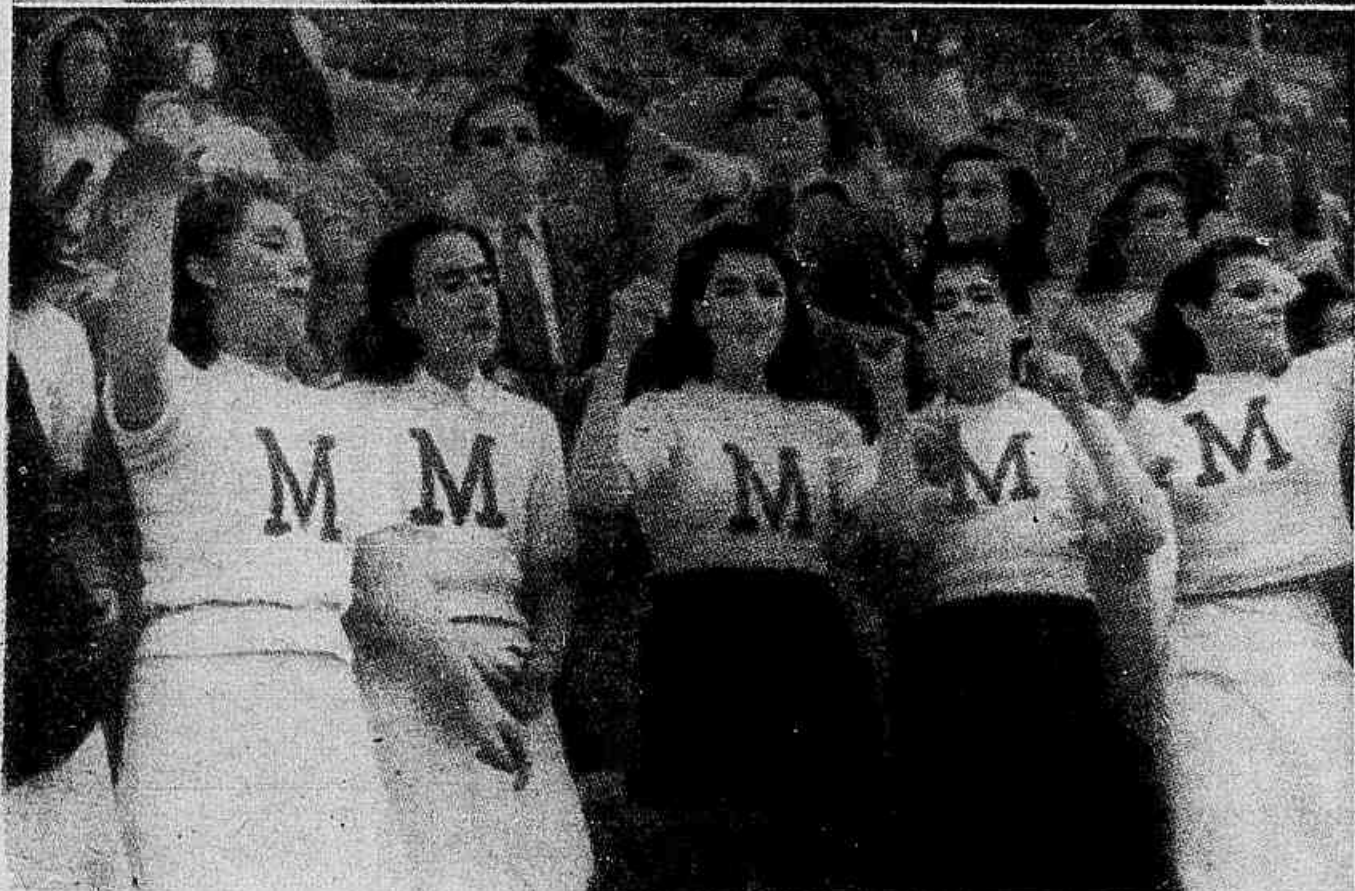


SENHORA BASTOS E SENHORITAS DYLA E LIGIA, NUM INTERVALO DA DESLUMBRANTE FESTA DO AMÉRICA F. C.

DE SÃO PAULO



Dois aspectos da solenidade em homenagem ao major Sucupira, realizada em Jundiaí, durante as celebrações da Semana de Caxias: a família do homenageado e aglomeração de povo em frente à sua herma.

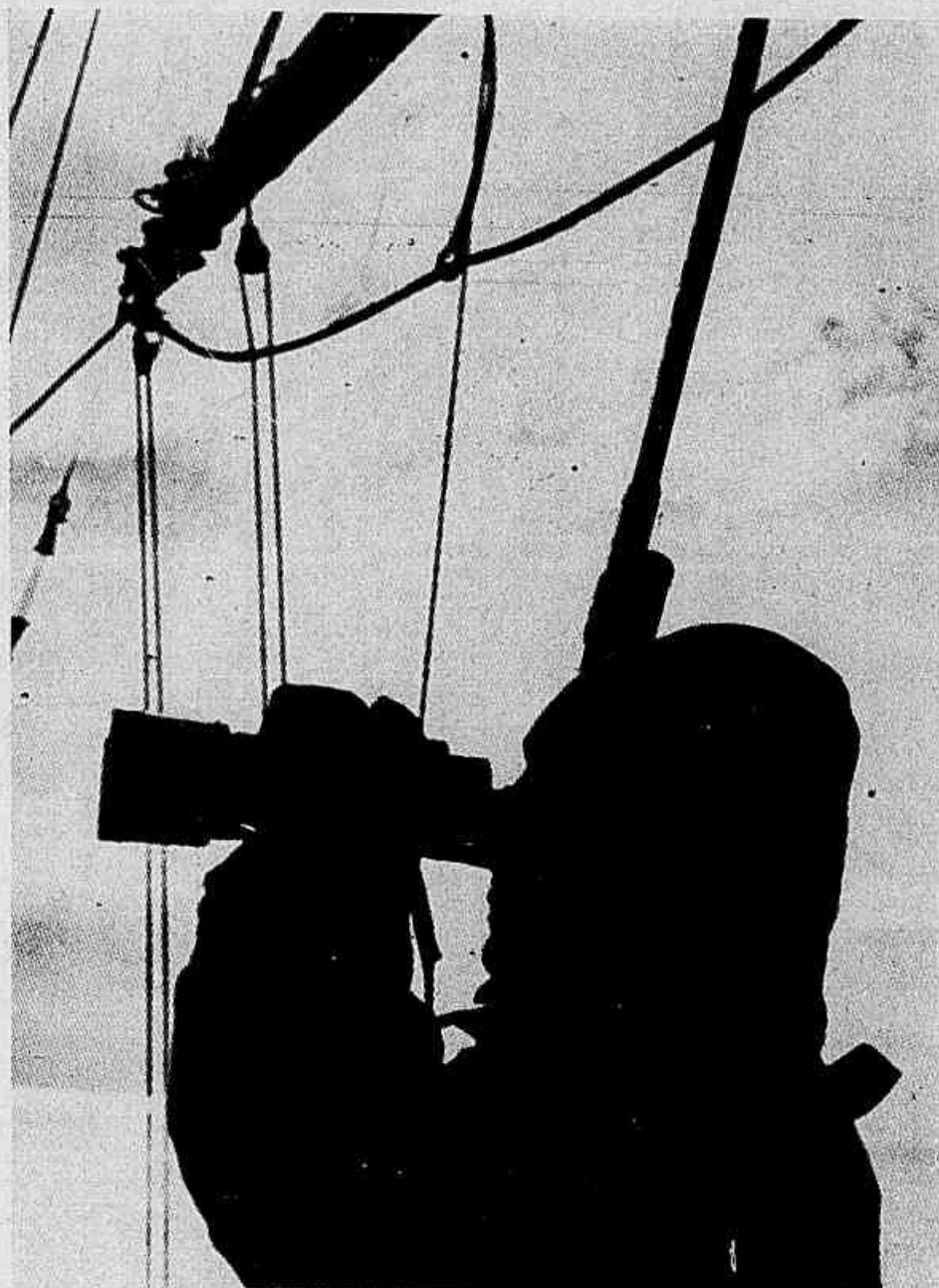


Foi mais uma vez entusiasmamente realizada a olimpiada colegial paulista, conhecida já em todo o país sob o título de Mac x Med. Este ano coube a vitória à Escola Paulista de Medicina. As fotos que aqui estampamos atestam o entusiasmo despertado pelo certame na mocidade de São Paulo.



Ao porto de Santos chegou na última semana o vapor panamenho "Stanvac Manila" trazendo a bordo toda a tripulação do barco holandês "Marken" que foi torpedeado por um submarino alemão quando navegava a 400 milhas da costa do Brasil. Nos dois aspectos aqui fixados vemos: o comandante A. Kokke, do "Marken", falando à imprensa, e os naufragos a bordo do navio que os salvou.

Patrulhando o Atlântico



Perscrutando os horizontes duvidosos.

Muito se tem falado, na presente guerra, da Batalha do Atlântico. Tem-se-lhe atribuído mesmo papel decisivo na atual contenda. E é esta, sem dúvida, a mais original de todas as batalhas: a ninguém entusiasma, não possui linhas de combate nem campos adversários, não cria heróis nem celebra generalistas. Em um momento inesperado, como um gigante que despertasse, ela eletriza todo o mundo: são dois monstros que se chocam lembrando aos homens quadros ante-diluvianos. Morre um dos monstros, ou os dois, e tudo volta à calma indiferença das coisas marinhas.

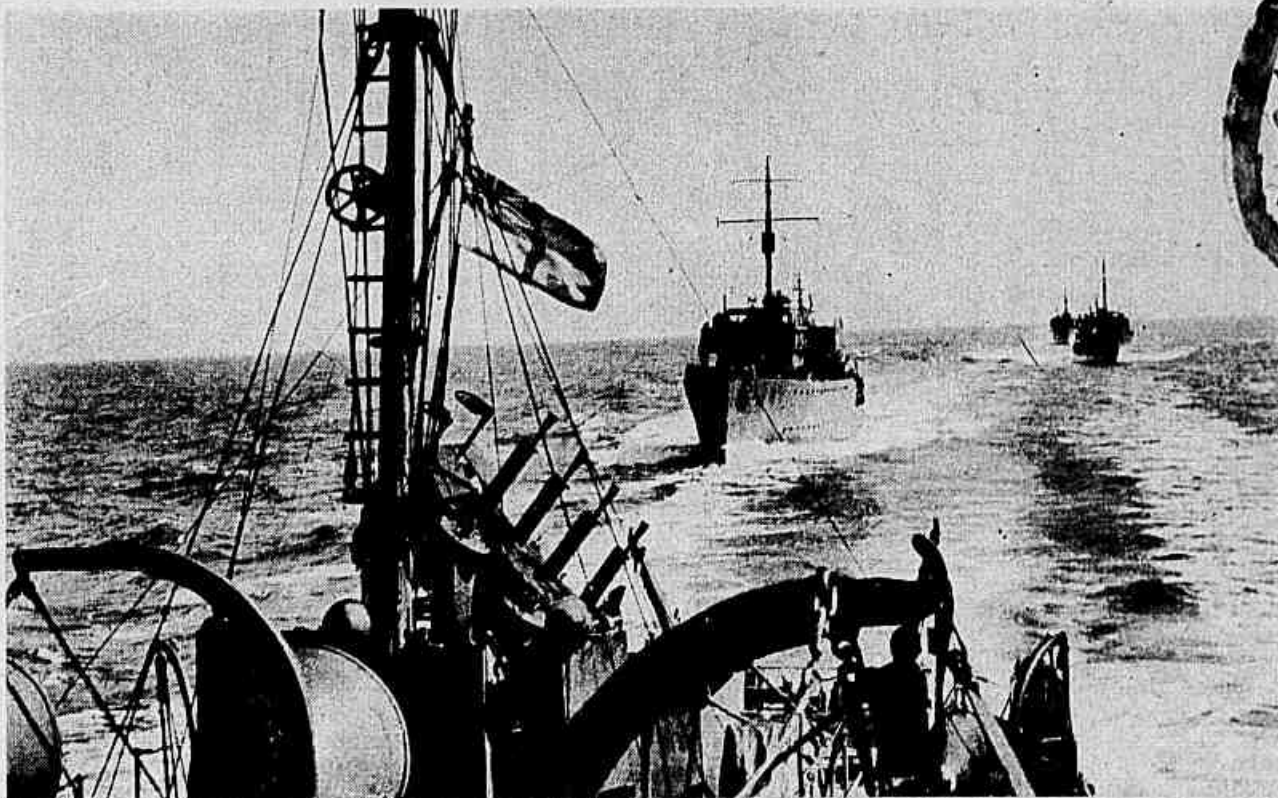
Assim se processa a Batalha do Atlântico. Nela estão empenhados centenas de milhares de homens, que navegam sobre milhões de toneladas de aço. Em suma, é a batalha pela sobrevivência do comércio inglês. O Império Britânico de um lado põe em jogo sua imensa frota mercante de mais de 20 milhões de toneladas e sua poderosíssima "Fleet" de um e meio milhão de toneladas. Do outro lado os germânicos fazem um incrível esforço para abalar a segurança das linhas de comércio das Ilhas. Não utilizam — o que seria incompensador — sua pequena frota de 400 mil toneladas. Servem-se da arma submarina, o que dá à Batalha do Atlântico, essa guerra onde os adversários nem sequer se vêem, o caráter desumano de luta contra o destino.



A bordo de uma unidade canadense no Atlântico Norte.



A esquadra canadense em serviço de patrulhamento no Atlântico.



Caçando minas no Mar do Norte.

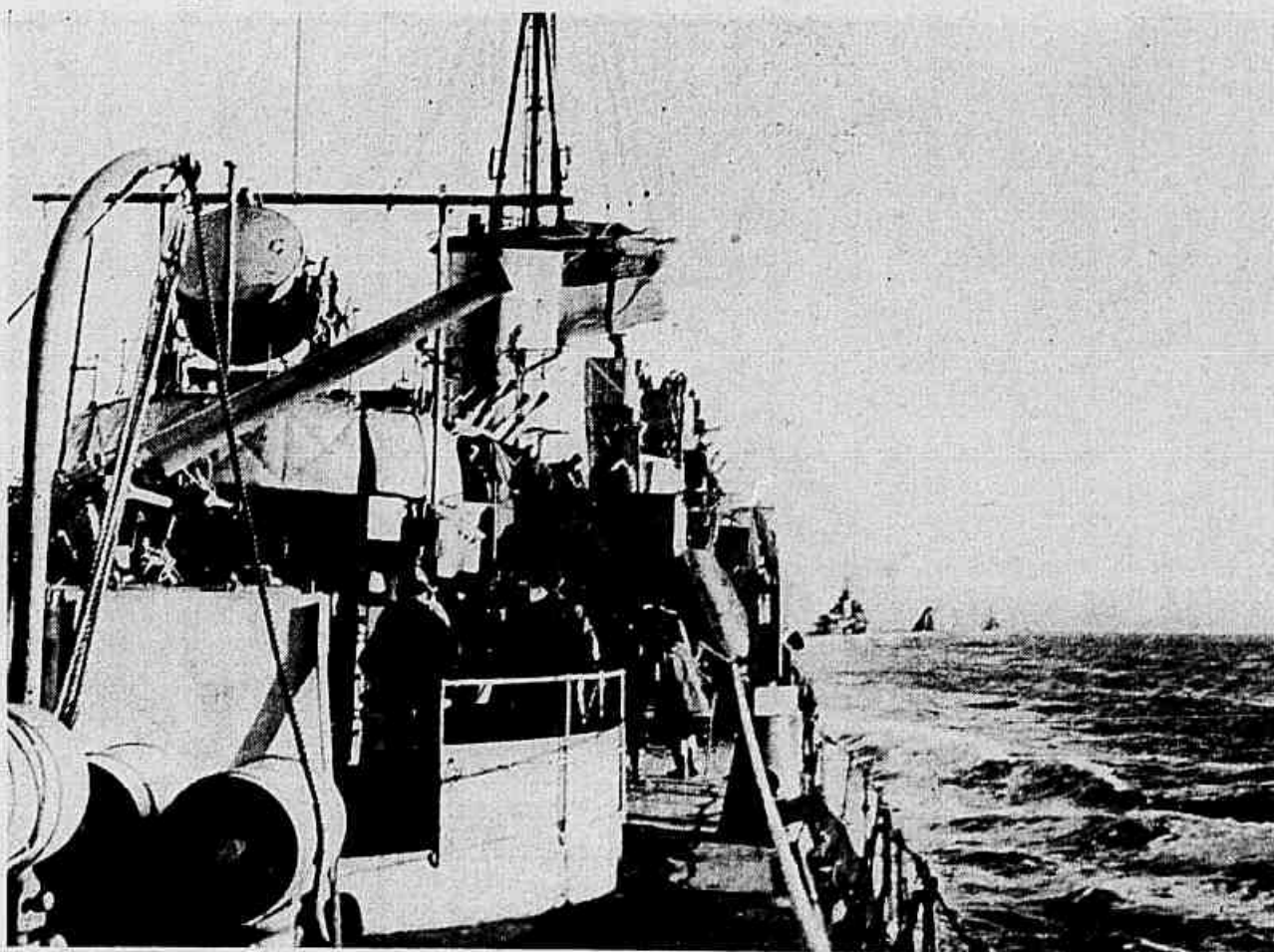


Foto tirada a bordo de um contra-torpedeiro britânico, mostrando três unidades em formação de linha.

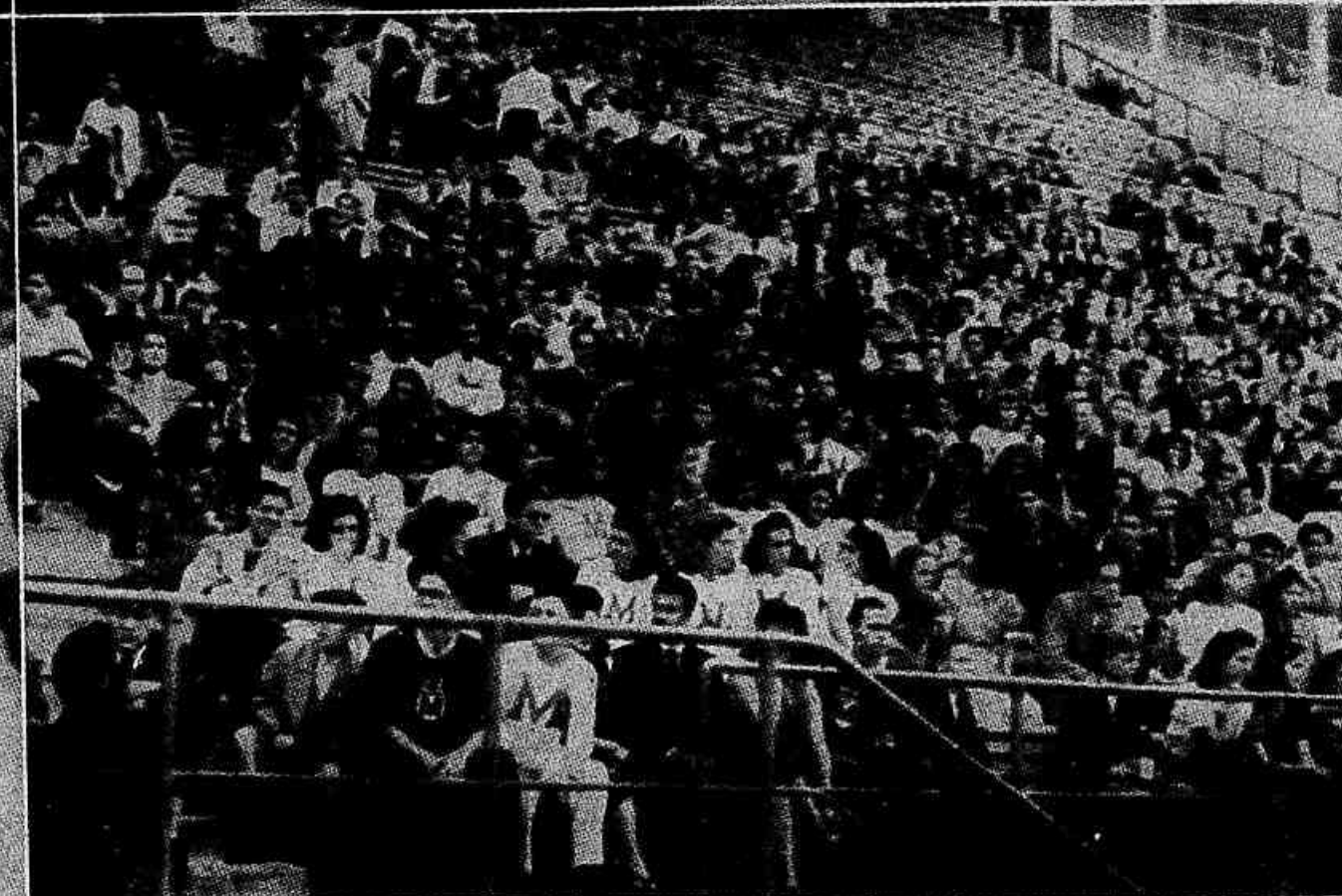


CORREÇÃO

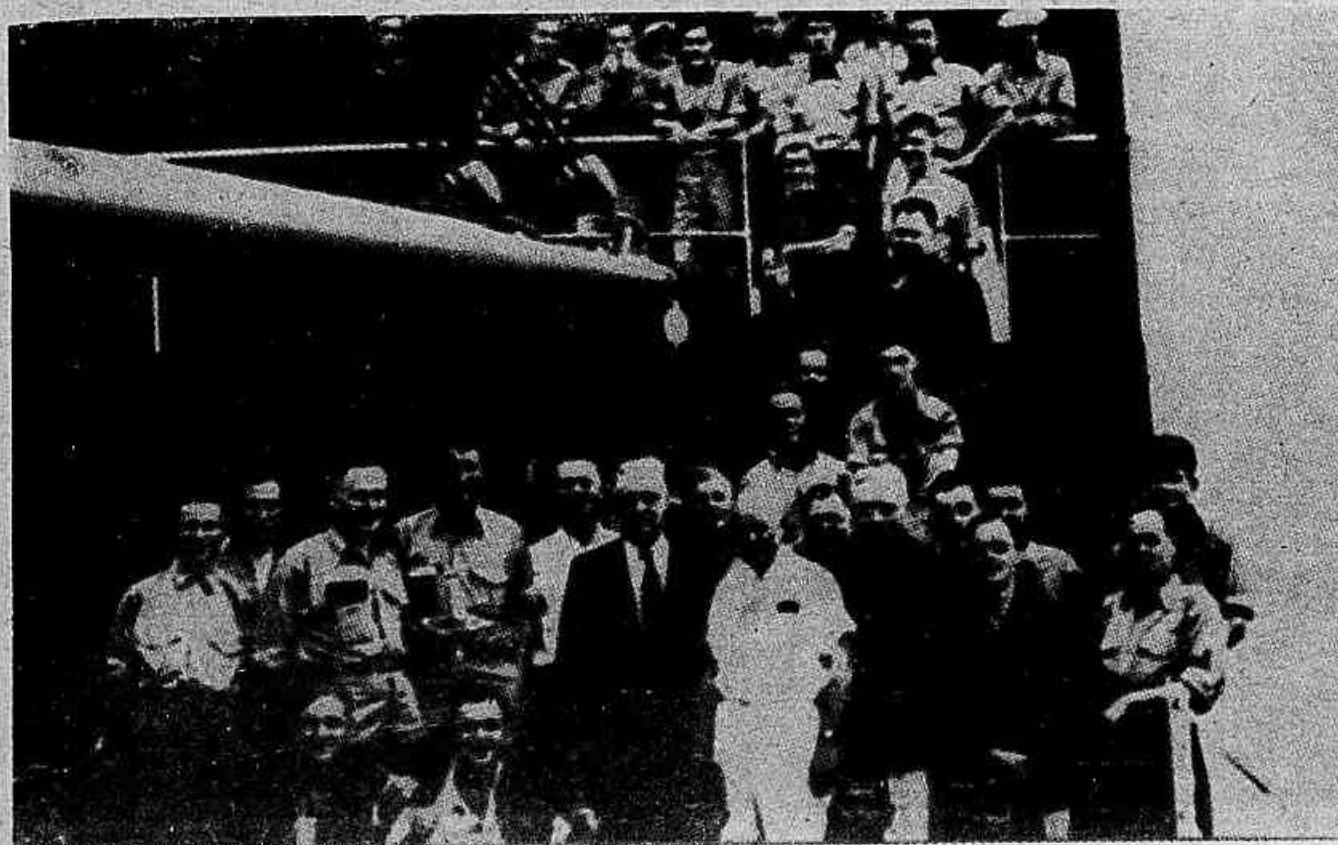
- - DE SÃO PAULO - -



Dois aspectos da solenidade em homenagem ao major Sucupira, realizada em Jundiá, durante as celebrações da Semana de Caxias: a família do homenageado e aglomeração de povo em frente à sua herma.

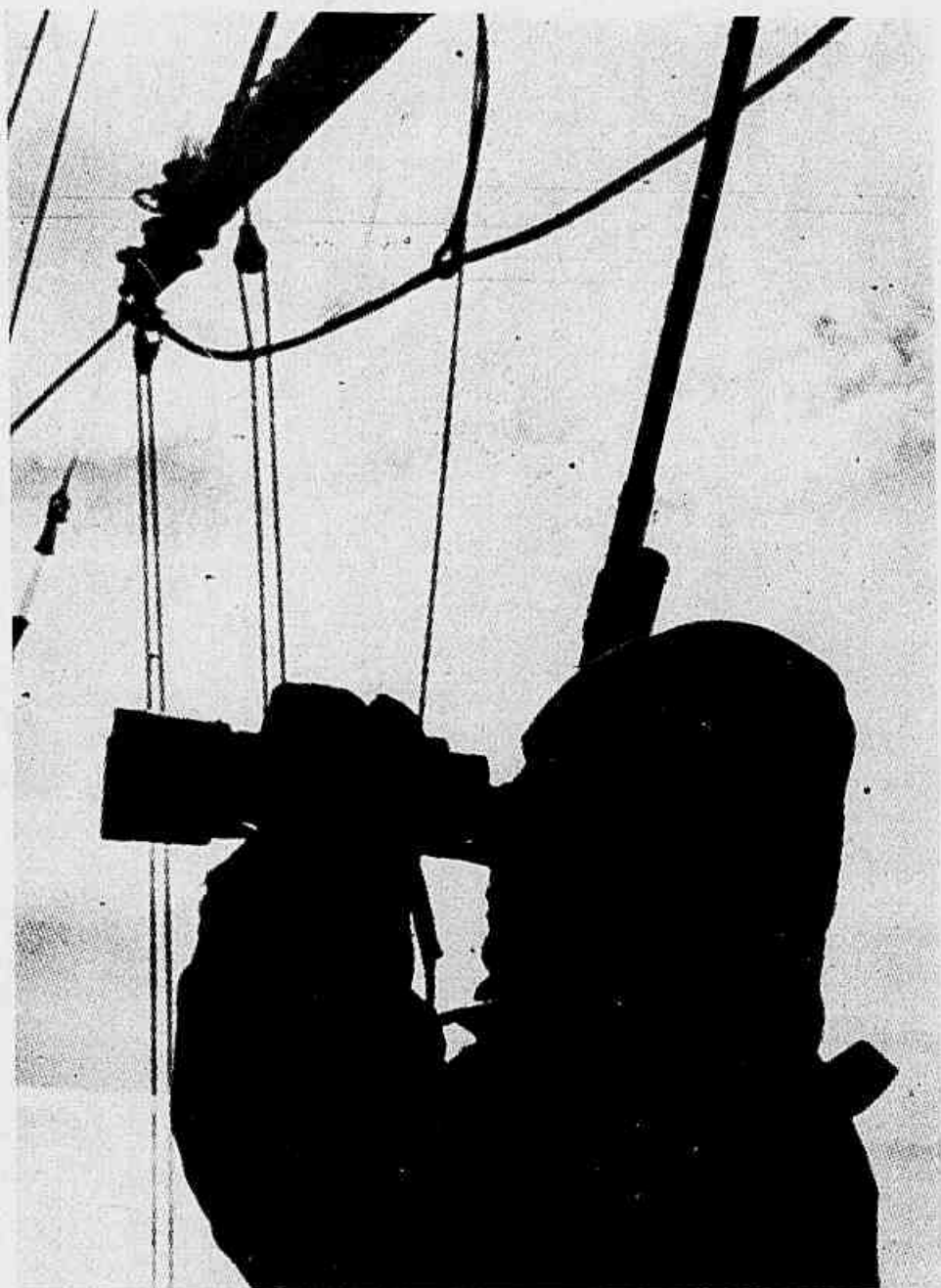


Foi mais uma vez entusiasmamente realizada a olimpíada colegial paulista, conhecida já em todo o país sob o título de Mac x Med. Este ano coube a vitória à Escola Paulista de Medicina. As fotos que aqui estampamos atestam o entusiasmo despertado pelo certame na mocidade de São Paulo.



Ao porto de Santos chegou na última semana o vapor panamenho "Stanvac Manila" trazendo a bordo toda a tripulação do barco holandês "Marken" que foi torpedeado por um submarino alemão quando navegava a 400 milhas da costa do Brasil. Nos dois aspectos aqui fixados vemos: o comandante A. Kokke, do "Marken", falando à imprensa, e os naufragos a bordo do navio que os salvou.

Patrulhando o Atlântico



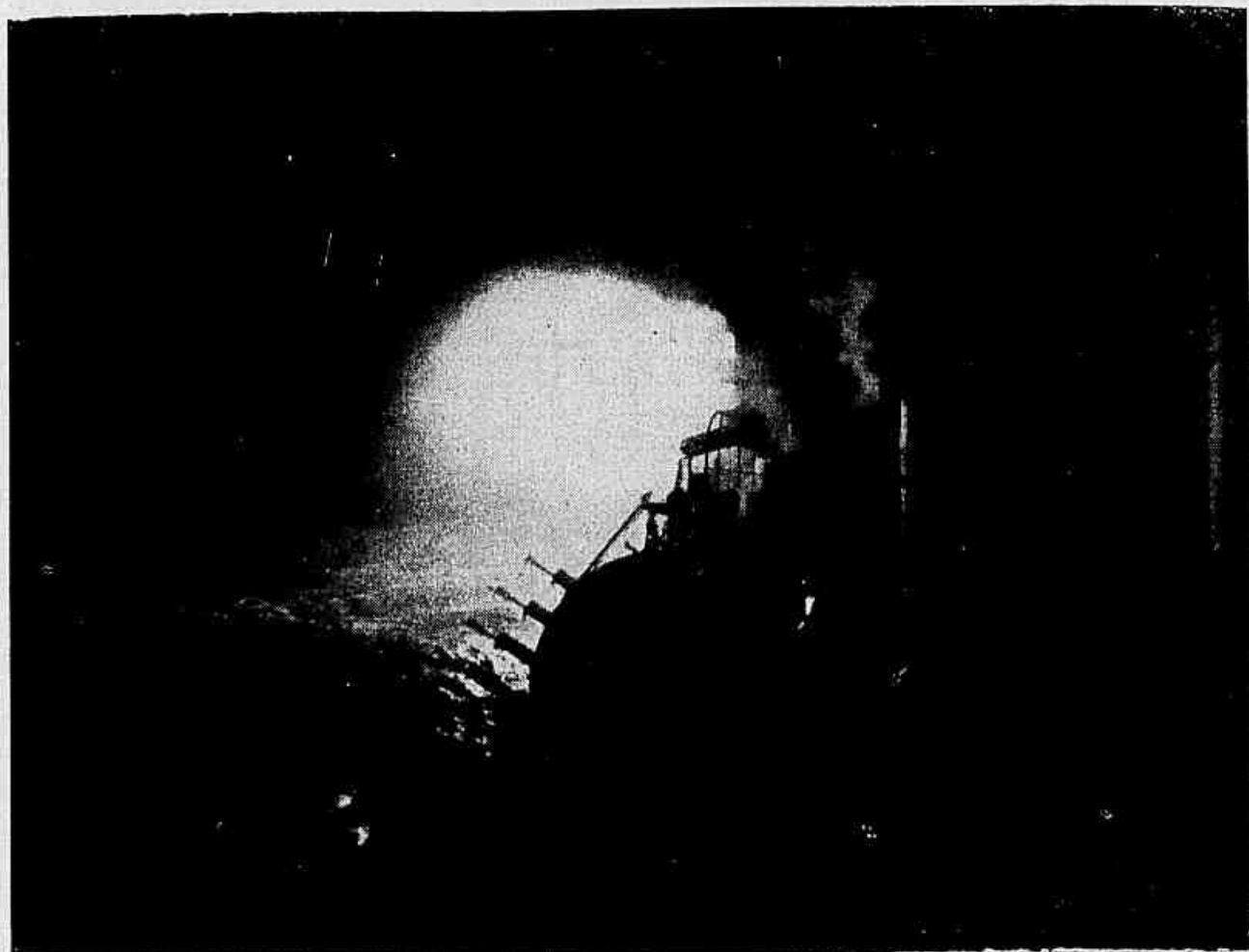
Perscrutando os horizontes duvidosos.

Muito se tem falado, na presente guerra, da Batalha do Atlântico. Tem-se-lhe atribuído mesmo papel decisivo na atual contenda. E é esta, sem dúvida, a mais original de todas as batalhas: a ninguém entusiasma, não possui linhas de combate nem campos adversários, não cria heróis nem celebra generalidades. Em um momento inesperado, como um gigante que despertasse, ela eletriza todo o mundo: são dois monstros que se chocam lembrando aos homens quadros ante-diluvianos. Morre um dos monstros, ou os dois, e tudo volta à calma indiferença das coisas marinhas.

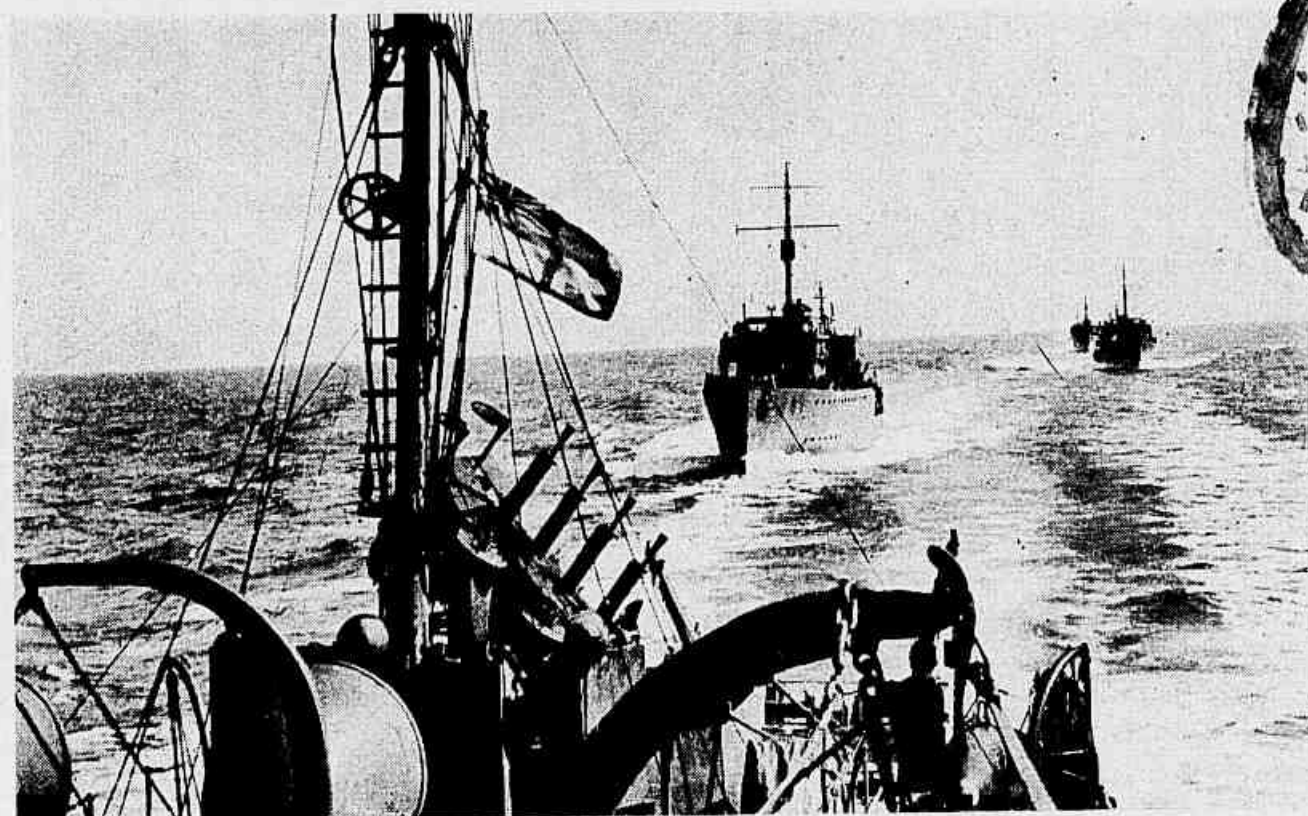
Assim se processa a Batalha do Atlântico. Nela estão empenhados centenas de milhares de homens, que navegam sobre milhões de toneladas de aço. Em suma, é a batalha pela sobrevivência do comércio inglês. O Império Britânico de um lado põe em jogo sua imensa frota mercante de mais de 20 milhões de toneladas e sua poderosíssima "Fleet" de um e meio milhão de toneladas. Do outro lado os germânicos fazem um incrível esforço para abalar a segurança das linhas de comércio das Ilhas. Não utilizam — o que seria incensurável — sua pequena frota de 400 mil toneladas. Servem-se da arma submarina, o que dá à Batalha do Atlântico, essa guerra onde os adversários nem sequer se vêem, o caráter desumano de luta contra o destino.



A bordo de uma unidade canadense no Atlântico Norte.



A esquadra canadense em serviço de patrulhamento no Atlântico.



Caçando minas no Mar do Norte.

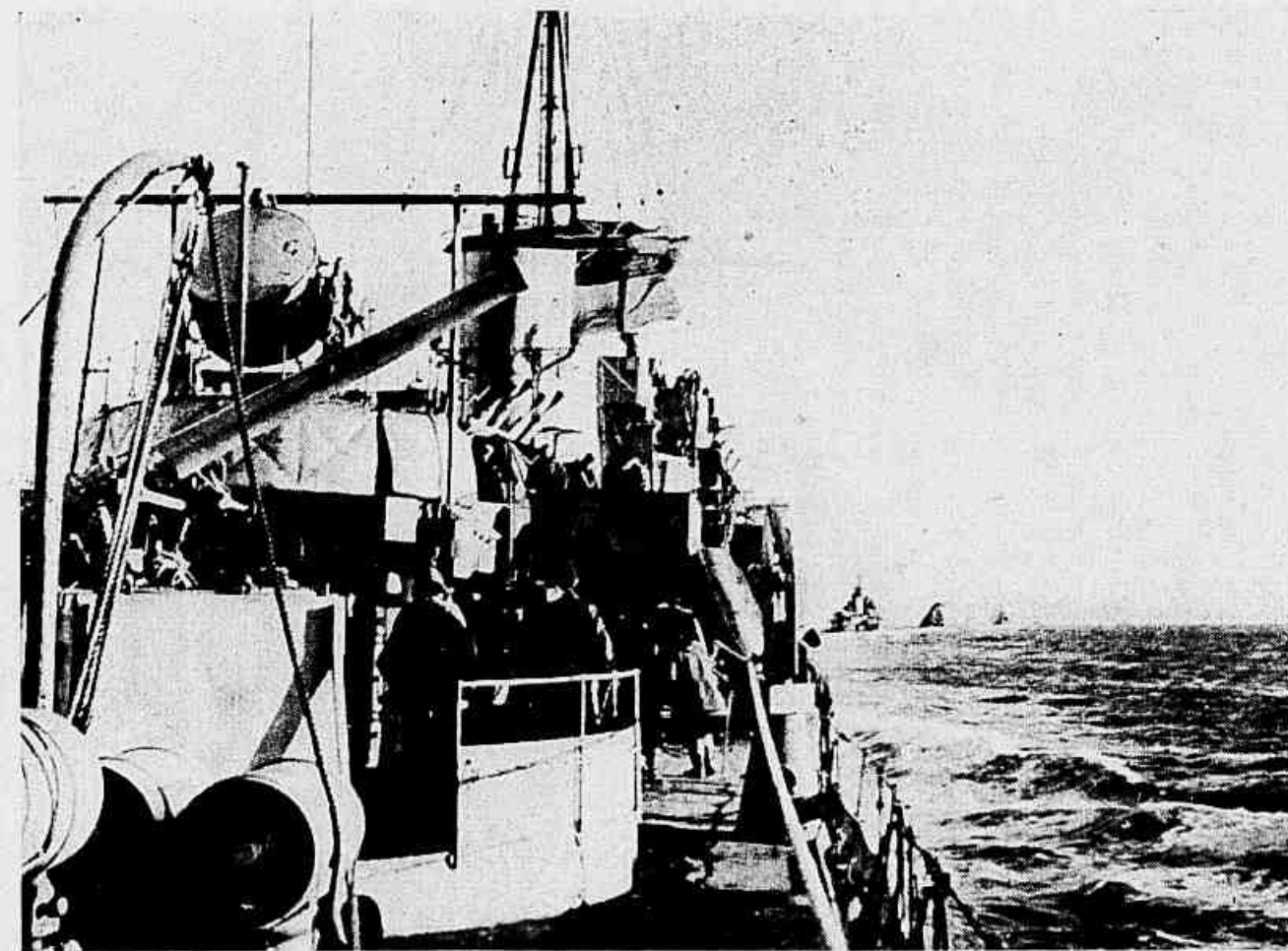


Foto tirada a bordo de um contra-torpedeiro britânico, mostrando três unidades em formação de linha.



Mapa da Rússia

FOLHA
N.º 3

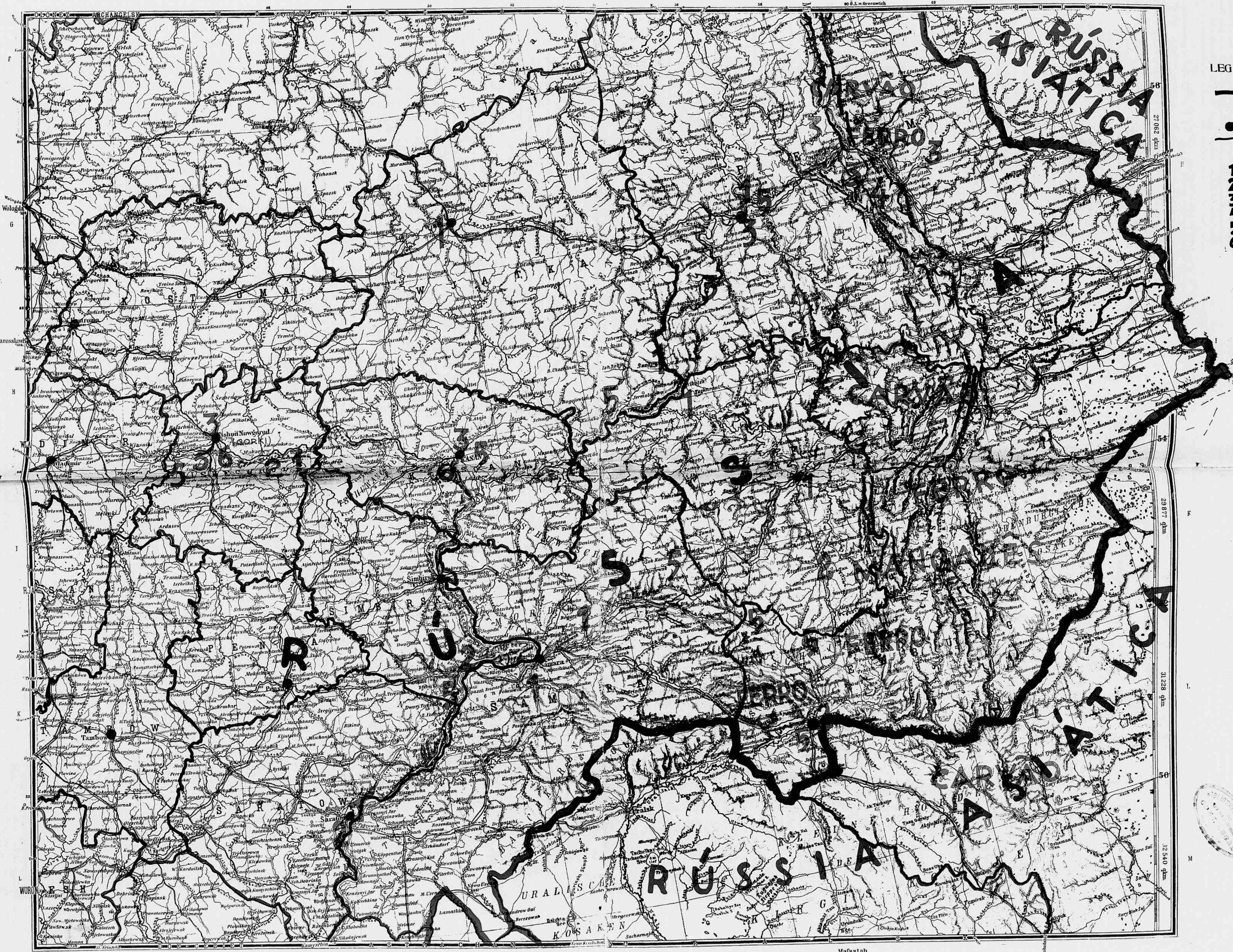
Damos neste número a parte terceira do grande mapa da Rússia, que começamos a publicar em nossa edição de 19 de julho e prosseguimos na de 9 de Agosto. Toda a parte do território russo que vem servindo de teatro à presente guerra germano-soviética foi reproduzida nos dois números acima citados. Temos agora a região centro-oriental, sem dúvida a mais importante do ponto de vista industrial, particularmente da indústria extractiva.

A situação da economia para este o centro de gravidade da economia do país, e de baixar a densidade de população das províncias occidentais, fez surgir na região mais próxima dos montes Urais e do Cáucaso — onde estão as grandes jazidas de manganes (de que a Rússia é o maior produtor do mundo), ferro, carvão e petróleo — uma série de cidades novas onde estão estabelecidas as indústrias, recentes na Rússia, de automóveis, instrumentos agrícolas, produtos químicos etc. Não se possuem dados estatísticos sobre este novo parque industrial russo, nem podemos afirmar que ele é independente ou em conexão com os centros da parte occidental do país, onde a existência de grande massa de proletariado obrigou a permanência de fábricas, estaleiros etc. No entanto, o grande desenvolvimento da agricultura na Rússia asiática com o cultivo extensivo do trigo na Sibéria, e do algodão no Turquestão, concorre para que se acredite em uma relativa independência económica da parte centro-oriental da União Soviética.

Até ao presente momento a campanha militar atingiu apenas a parte mais occidental da Rússia e a costa da mar Negro compreendida entre o Dinieper e a península da Crimeia.

Acredita-se, porém, que as operações militares se desenvolvam mais intensamente na região sul, em direcção ao Cáucaso, o que trará à cena todo este trecho da Rússia europeia, que ora entregamos aos nossos leitores em um mapa o mais possível completo.

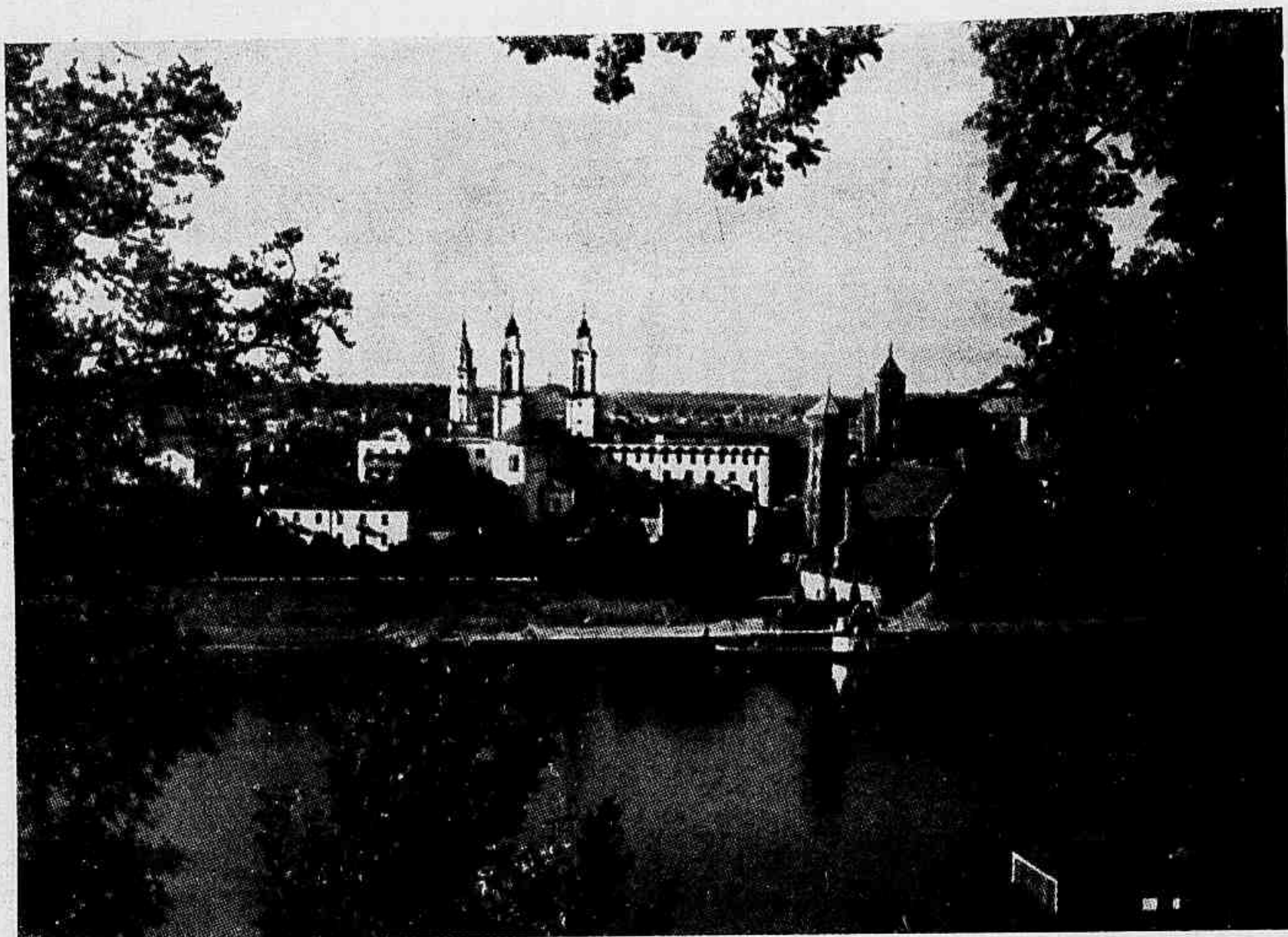
Oportunamente aparecerá a quarta e última parte desta carta.



LEGENDAS

- Divisão política do território.
- Capitais das províncias.
- Principais estradas de ferro.
- 1 Centros industriais.
- 2 Refinarias de petróleo.
- 3 Fundições.
- 4 Alumínio.
- 5 Poços de petróleo.
- 6 Fábrica de borracha sintética.





O NEMUNAS, que Napoleão atravessou.

Os jornais há dois anos andam cheios de Kaunas. A capital da Lituânia, onde os exércitos alemães acampam em substituição aos russos, tem vivido momentos de aflitiva celebridade. O mundo inteiro tem os seus olhos voltados para o Báltico, onde se decide, talvez, o destino de uma civilização. E Kaunas, nisso tudo, é o celeiro germanico. E' o armário blindado onde estão as provisões do grande exercito que se aventurou pela Rússia, desafiando a tradição fantasma, que o fracasso de Napoleão confirmou.

Tem uma estranha História essa pequena cidade. Cheia de cicatrizes. Um curioso destino de campo de batalha. Cenário obrigatório de todas as grandes guerras da Europa. Fora algumas particulares.

Já viu brigando uniformes e armas de todos os tempos. Ouviu berros de odio em muitas linguas. Dôr de muitas raças. Já provou o sangue azul e vermelho de varias gerações.

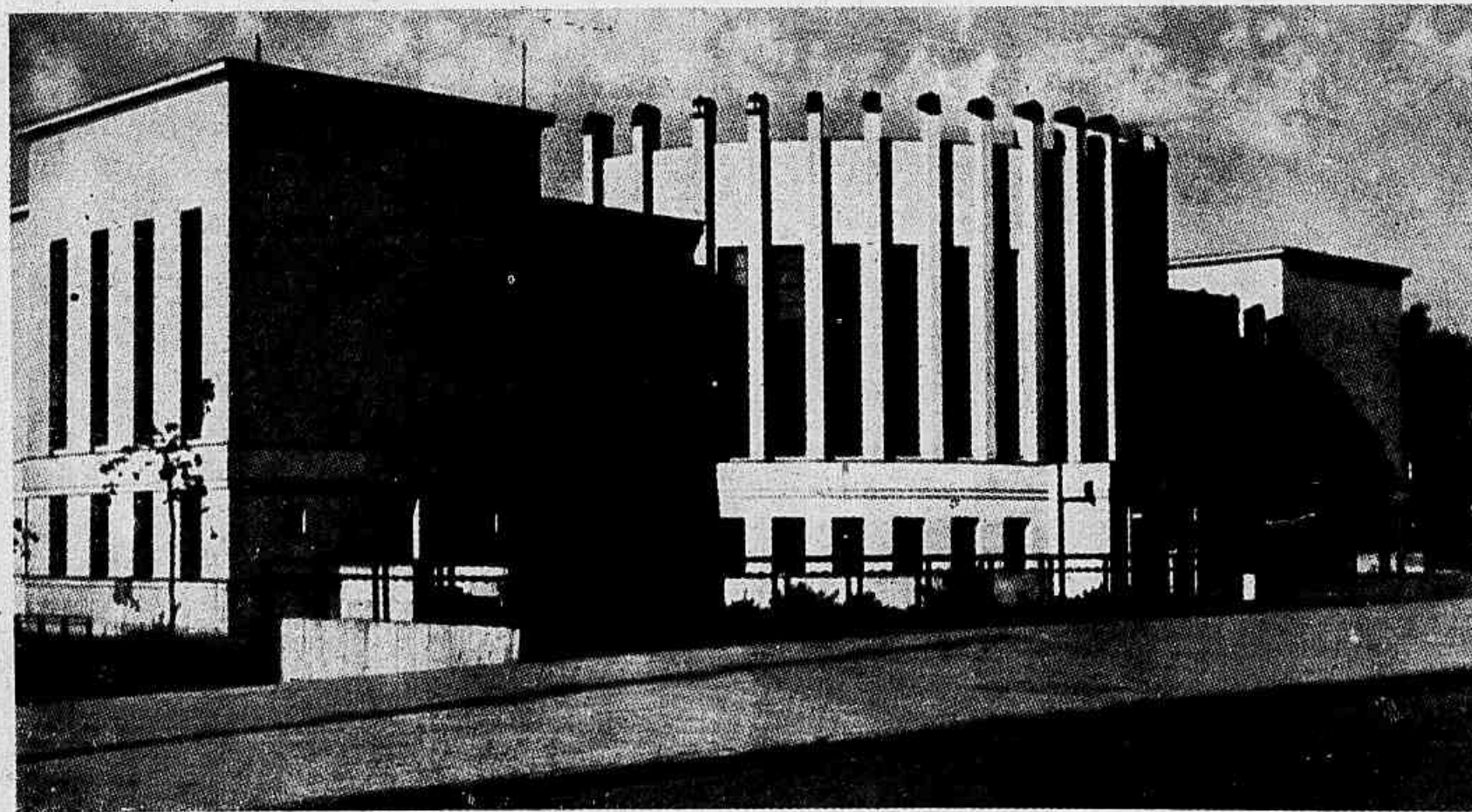
A Ordem Teutonica dos Cavaleiros da Espada estreou esse campo de batalha. Entre os séculos XIII e XIV, lituanos e germanicos cruzaram ferros pela posse da cidade. Kaunas era então uma resistente fortaleza, de torres negros, largos fossos e frestas perigosas donde espirravam flexas mortais. Mudava frequentemente de dominio, escrava da sorte volúvel, dos combates em campo aberto. Incendiavam-na sempre, antes de abandoná-la, os barbaros vencidos.

Depois vêm lutas com os polacos e dissensões internas sangrentas. Em 1701, o exercito de Carlos XII, farto de vitorias, de volta á patria, numa sortida esportiva, redu-la a um montão de ruínas.

Em 1812 volta á celebridade. O fragor de um fornidavel exercito em marcha põe em desespero as forças defensivas da pequenina cidade. O mundo inteiro volve os olhos numa aflicção para o novo palco da guerra. Napoleão, bebado de glorias, vai atravessar o Nemunas para se encontrar com o primeiro fracasso da serie final... Faz de Kaunas uma base. E para seduzir, oferece á aturdida população um grande baile á Versalhes, com glorias de uniformes e condecorações, transportando num milagre, para o Báltico, o fausto esfusante de uma noite na Côte. Parece, enfim, que a paz descera em definitivo sobre a terra lituana, abrigada pelas asas poderosas da aguia invencível.

As tropas famintas que regressaram num tropel, enlouquecidas de odio e vergonha, para se darem a ilusão duma victoria, saquearam e incendiaram a aliada de outro dia. Lenta reconstrução.

Então vêm os russos, numa vingança, e se apossam de todo o país. Período carbonario. Lutas de noite. Resistencia passiva e tremenda. E afinal, em 1863, feita centro de uma formidavel conspiração báltica abortada por delação, é incendiada pelo celebre general Muraieff, sinonimo russo de crueldade.



Museu de Arte.

KAUNAS, a cidade campo de batalha

Por FRANCHINI NETTO

Em 1920 radiosamente conquista a sua Independencia. Tiram-lha em 38. Agora está lutando de novo. Os jornais há dois anos andam cheios de Kaunas.

O cenário predileto, todavia, de tanta dôr, palco de tanto luto, de tanto martirio, não é, porém, uma sombria paisagem "de grotas tristes para o sangue correr", nem de "pantanos misteriosos para a morte se esconder". E' antes, paradoxalmente, um panorama lindo, batido de



Túmulo do Soldado Desconhecido — Detalhe de uma cruz que ladeia o túmulo. Lavar artístico de extraordinária beleza.

claridade, cercado de colinas suaves que se abraçam em braços verdes fechados docemente num abraço...

Kaunas tem, mais ou menos, 150.000 habitantes. Do Báltico, é a cidade que menos russa se parece. Demoliram até as velhas construções de madeira do tempo do Czar. Tudo é moderno. Novo de vinte anos. Cimento armado. Assim, como se tivesse saído de uma fabrica de cidades.

Quem quiser encontrar os lituanos, nessa cidade, deve visitar o Museu Nacional. Eles estão mais aí, na verdade, que pelo cosmopolitismo das ruas. A alma deles está vibrando inteirinha nesse museu. E' onde guardam o Passado, que é a força mesmo da vida deles.

Está ali, nos mostruários, a história das lutas que viveram uma batalha em Kaunas. Armas. Bandeiras. Uniformes. Enredo doloroso, pelos corredores, dum romance vivido. Páginas escolhidas. Está ali o Túmulo do Soldado Desconhecido.

Os lituanos entram nesse museu como numa igreja. Falam baixinho como a rezar. E' uma religião o culto que dedicam ao Passado. No qualquer coisa de platônico, exterior, sem raízes n'alma. Mas um preto criste. Conciente. Repetido. Diário. Que é uma dôr de vêr.

Todas as tardes, pelo crepúsculo, em qualquer tempo, uma multidão se dirige silenciosamente para o pátio do Museu. Vai assistir, junto ao Túmulo do seu soldado, ao arrear da Bandeira.

Estou vendo gente sorrindo. Gente que tem heróis nacionais e nem sabe onde estão enterrados. E' assim mesmo e ninguém se incomoda, quando vive num mundo ensolarado, sob um céu azul e branco, que é afamado pela sua beleza e tranquilidade. Para compreender aquele pensamento em procissão, é preciso trazer na alma a dor próxima de um cativo. No inconciente, o terror que varias gerações, sofrendo, deixaram. Sente angustia no ar. Ter martires em casa. E então querer à terra com o amor exaltado de quem pode perdê-la amanhã.

Cada pedra então é objeto duma ternura. Duma devoção. E—os que a defenderam—duma religião. Vou acompanhar essa multidão.



Ministerio das Relações Exteriores.

O Museu é uma casa nova. Cinzenta. Com uma torre alta onde tremula a bandeira lituana. Nessa torre está o "Sino da Liberdade" com a seguinte inscrição: "Ressoe e repique pelas gerações agora, ensinando às crianças da Lituania que aquele que não a defender é indigno da Liberdade".

Foi presente dos oitocentos mil lituanos residentes nos Estados Unidos. E' tocado em ocasiões solenes e somente pelos invalidos e veteranos da Guerra.

No parque do Museu está o Túmulo. Um cone de pedras vindas de todas as cidades lituanas. Cruzes de madeira, lavor de camponeses — cercam o monumento.

Batem lentamente, na torre do museu, oito badaladas. A tarde vai agonizando, arroxeadas. Abraço violeta de crepusculo. Todo mundo está serio, de chapéu na mão. Olhanco. Agora vão arrear a bandeira que se agita num adeus, na torre de pedra. Aparece um arauto, no alto da torre, que sopra num clarim, um comando triste de silencio. Lá em baixo um mutilado responde, confirmando, à ordem que parece descer dos céus.

Um manto de quietude envolve a cidade. Nem um ruido perturba a paz que se espalha impresso-nante. Tudo é repouso na terra e no ar. Em surdina, um som longinquo, bem longinquo, nasce e cresce na tarde que morre. Abrem-se as portas do Museu. O som mais forte já tem forma de musica. Avista-se, então, um pequeno cortejo: quatro soldados, invalidos, executando uma doce melodia em instrumentos de metal, marcham solenes, seguidos por uma guarda de honra, composta de dez veteranos em uniforme, apoiados em muletas e bengalas brancas de cegos. Lentamente, mas a passos militares, descem a pequena escada de marmore em demanda ao tumulto, que ladeiam em dois grupos.

Agora, pára a musica. O oficial veterano comanda: "apresentar armas!" Um clarim sôa de novo na noite quasi fechada. Vagarosamente, as cores nacionais são arreadas do mastro branco. Da escuridão da noite, um recruta em acelerado acende num altar pagão em frente ao tumulto, uma chama de fogo que brilha vertical.

"Orai por aqueles que pereceram pela liberdade da Lituania", sussurra uma voz. Os invalidos se despojam dos seus capacetes de aço e inclinam as venerandas cabeças em oração. A orquestra toca, de novo, uma frase triste.

Lentamente, o cortejo caminha e mergulha na escuridão do Museu.

Das trevas um soldado surge. Os tacões dos saltos batem, acompanhando a continencia. Apaga-se a luz que brilhara no altar pagão. Agora, no alto tumulto, há apenas uma cruz iluminada. Dôce condecoração de restos desconhecidos.



Camponesa lituana, em Kaunas, num dia de festa nacional, com trajos regionais.

A posição da Turquia

OLHANDO-SE o mapa abaixo, tem-se uma idéia da complexidade da situação da Turquia em face do atual conflito de nações européias. Em toda a sua fronteira ocidental marítima e terrestre, confina com a Alemanha (ou países diretamente controlados por esta); ao sul tem a Itália, que domina o Dodecaneso; no oriente tem a Rússia e a Grã-Bretanha — aquela nos limites mais setentrionais, esta por intermédio da Síria e Iraque, no sudeste.

O ponto mais importante da situação turca, porém, é este: todas as potências que a cercam são, tradicionalmente, suas adversárias, e uma ou varias vezes teem com ela entrado em choque. Na Rússia, a Turquia viu sempre uma rival direta. Durante séculos a política tzarista de expansão para o sul e o sonho de uma Constantinopla russa foi o maior pesadelo da vida nacional turca. A Alemanha, com o seu velho plano de expansão para o Oriente, com o seu sonho de chegar à Índia via Bagdá, era olhada pelos turcos como uma possível adversária, que nada tinha a perder nas lutas do Levante, e tudo a ganhar. Quanto à Grã-Bretanha, desde a contenda do Egito que se colocara em franca oposição aos interesses turcos. E após a última guerra — na qual os turcos perderam definitivamente o Egito, a Arabia, a Síria e o Iraque — não fôra a rivalidade entre a Inglaterra e a França, e a posição duvidosa da Rússia — e a Turquia teria sido reduzida quase à condição de vassalagem perante os ingleses, com a fiscalização dos Estreitos e o desmembramento do seu territorio uma vez proclamada a independência da Armenia. A Itália, cujo papel no momento não é decisivo em face da Turquia, esteve com esta em guerra em 1912 para lhe arrancar a Cirenaica, e calmamente ocupou o arquipélago Dodecaneso, às costas turcas, após a paz de 1919.

A historia da Turquia neste último meio século divide-se em dois periodos flagrantemente antagônicos, separados pela conflagração passada. O decrépito regime do sultanato, a velha política do pan-islamismo fundada na existencia de um califado desacreditado, os métodos obscuros da diplomacia da Magna Porta — faziam do Imperio Turco o "doente do Levante". E foi a rivalidade entre Rússia e Grã-Bretanha, e esta e França que susteve de pé o velho arcabouço até à guerra de 1914.

O desenvolvimento da guerra, em que os turcos se

bateram quase sempre inferiormente armados, precipitou o drama interno da Turquia. Em Outubro de 1919 ela solicitou, em separado, armistício aos aliados, por intermédio da Espanha, junto ao presidente Wilson. Nessa época já a Rússia estava fora da guerra.

A política dos vencedores nem sempre foi clara para com a Turquia e esta de modo algum se considerava nação vencida. Com apoio tácito da Rússia invadiu o novo Estado Armenio que criara a Sociedade das Nações, e em 1922 em uma campanha rápida derrotou fragorosamente os gregos expulsando-os da Anatolia, territorio turco da Europa. Assinou um pacto com a Rússia e um outro com a Persia que foi considerado inadmissível pela Sociedade das Nações. A França mostrou-se simpática à Turquia e os ingleses pensaram ser melhor política entrar em entendimento com os inconformados vencidos.

Nessa época a revolução interna da Turquia ia já adian-

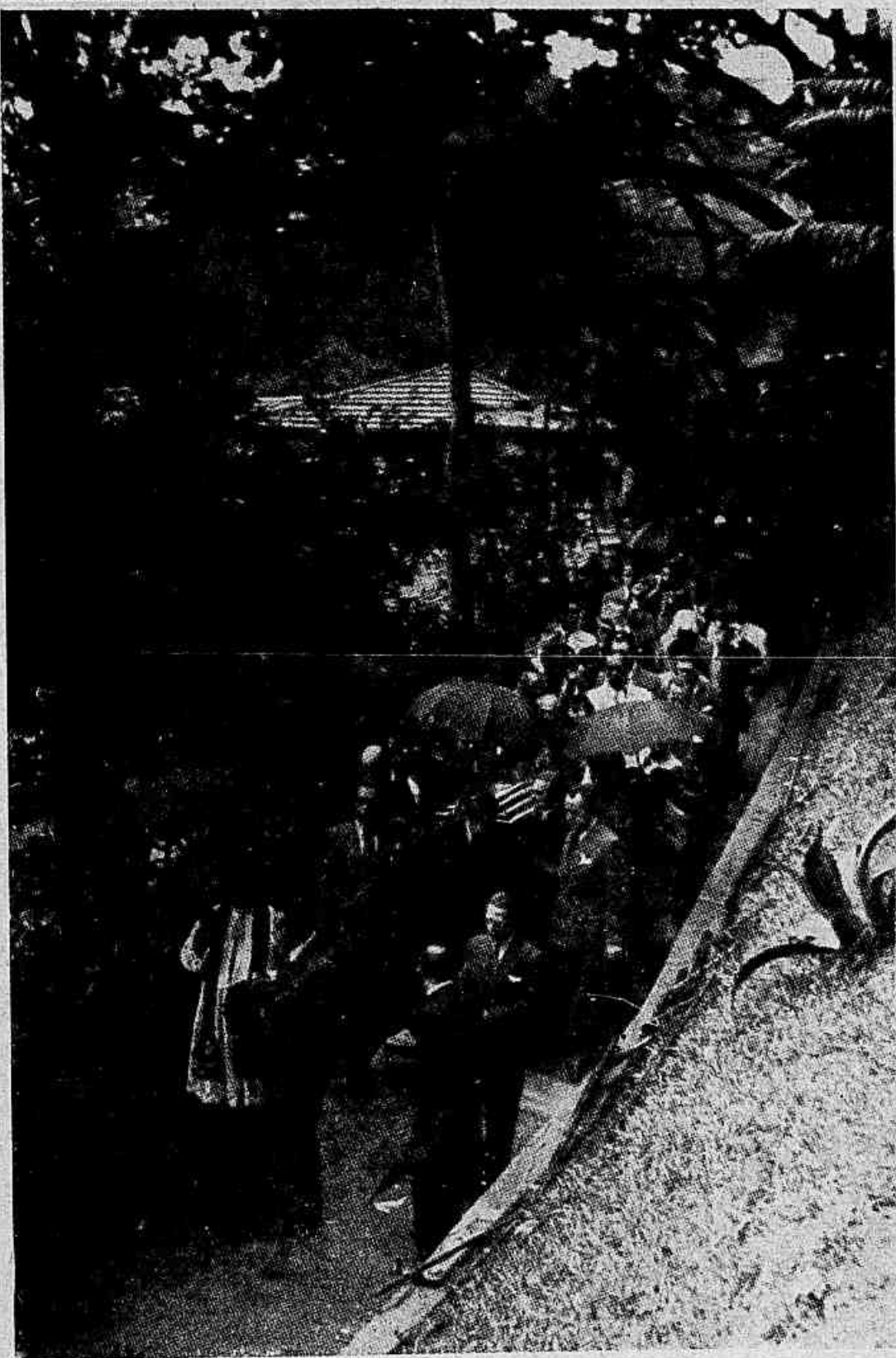
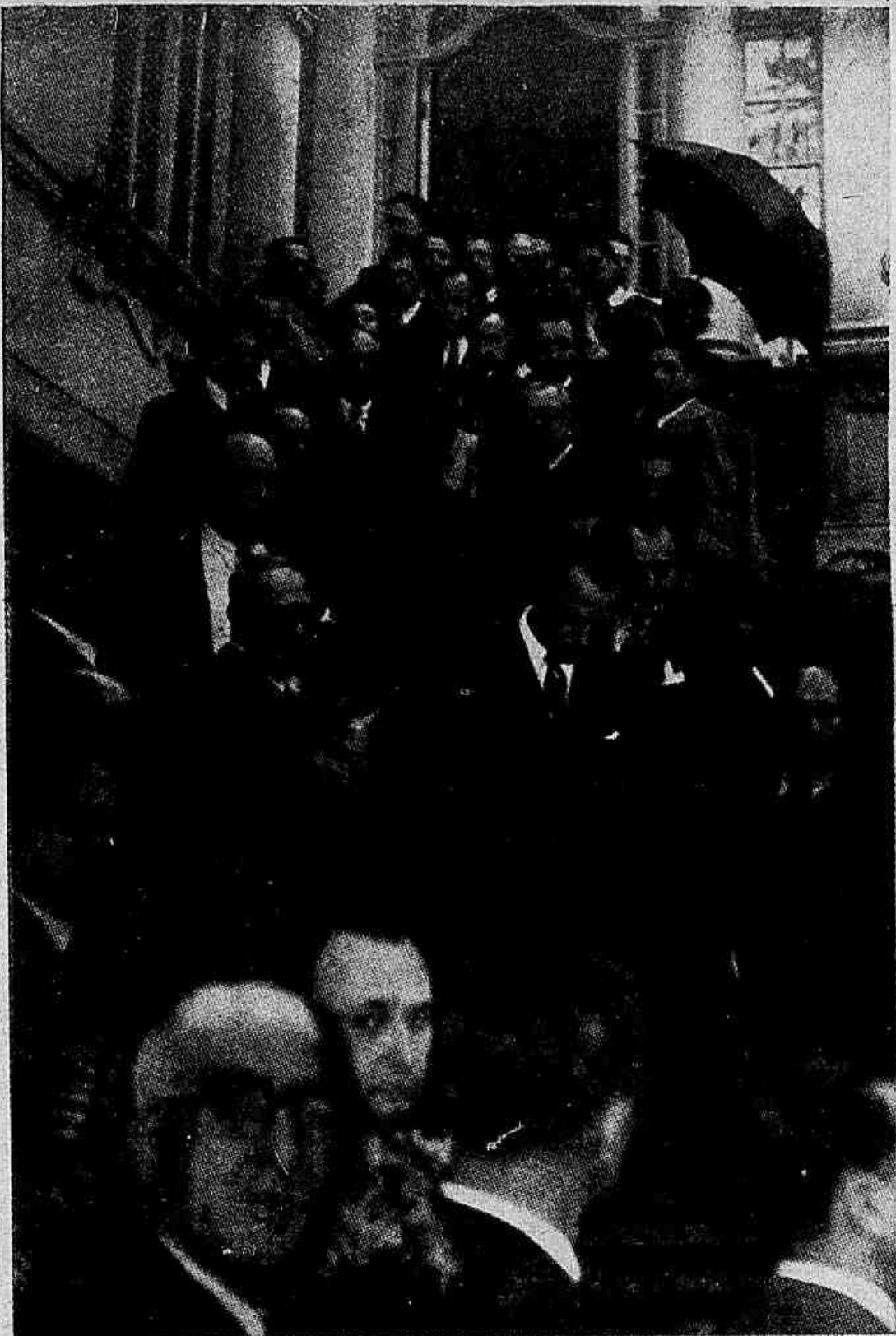
tada. A política de pan-islamismo, os turcos antepuzeram um rígido nacionalismo — o califa foi expulso do país. O servilismo do sultanato foi substituído por uma democracia centralizada. O signo da tradição foi transformado em signo da renovação. Introduziu-se o alfabeto latino, e os turcos sentiram-se membros da civilização ocidental. O mentor da nação é um oficial que levou os turcos à vitória nas planícies da Anatolia: Mustafá

Kemal. Toda a organização interna da nação é transformada, a capital sai da velha Estambul para uma pequena cidade no centro do país, em pleno continente asiático: Angorá.

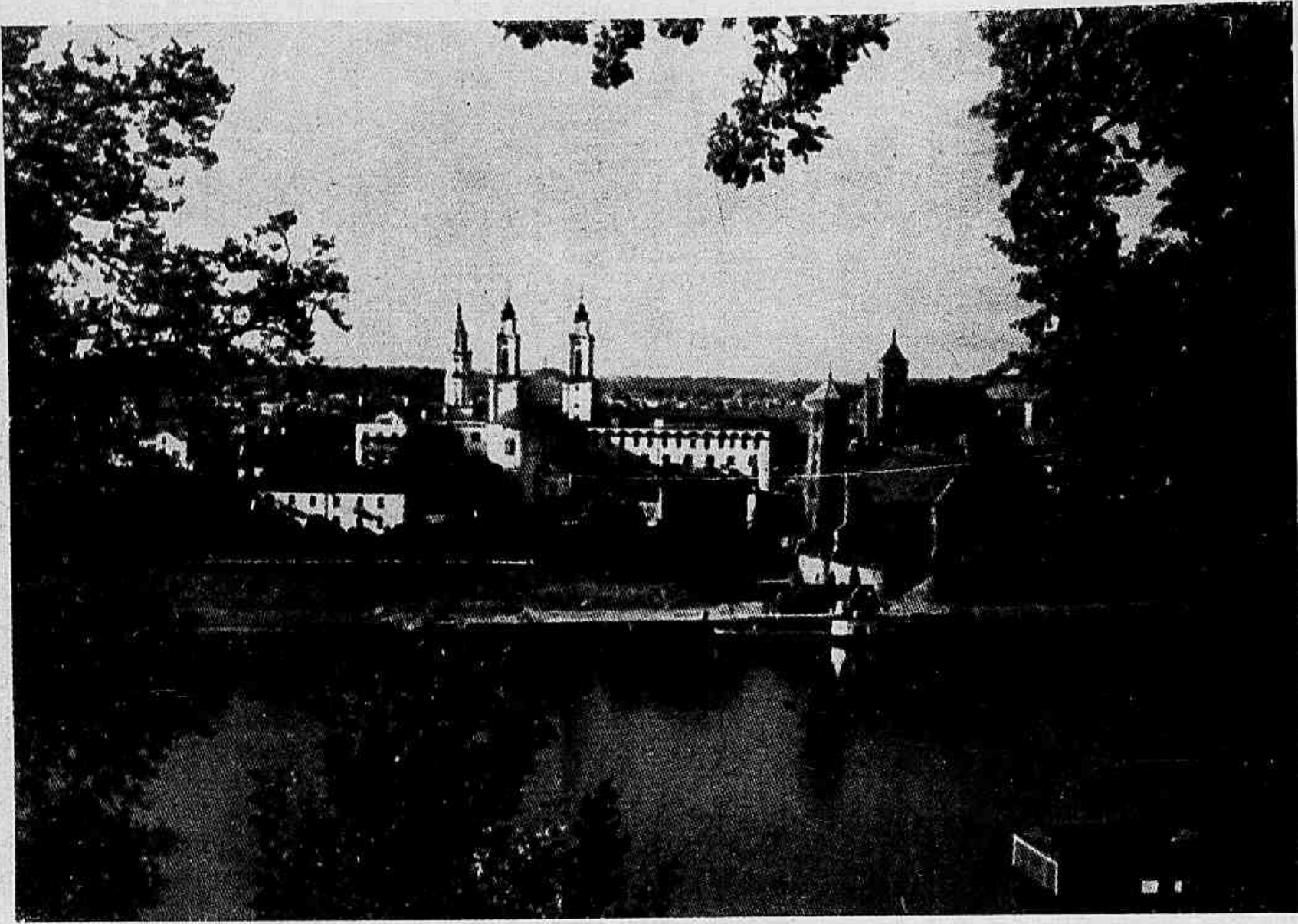
A política da Turquia nestes últimos anos tem sido inspirada por um principio sólido: preservar a paz. Entrou em entendimento gradativamente com a Rússia, com a França, com a Inglaterra e com a Alemanha. Nação pobre, a Turquia goza de uma situação invejável graças à sua organização e à capacidade de trabalho do seu povo. O poderio bélico de que dispõe é relativo e está estreitamente ligado à configuração física do país. Não fôra sua privilegiada situação e a Turquia, com a industria inferior que possui e população não muito grande (16 milhões de habitantes), representaria papel bem menos expressivo do que o que lhe cabe no atual momento internacional. No entanto, é tão privilegiada em face do atual conflito a posição da Turquia, e tão sólida sua frente interna e inquebrantável a força de vontade dos seus homens, que uma decisão do seu governo poderá decidir do destino de todos os povos empenhados na atual contenda.



Comendador ANTONIO RIBEIRO SEABRA



Faleceu no dia 16 do corrente o comendador Antonio Ribeiro Seabra, com a avançada idade de 81 anos. O extinto, natural de Portugal, veio para o Brasil ainda criança, e durante sua longa e luminosa existencia muito trabalhou pelo engrandecimento da nossa industria de tecidos. Foi fundador e chefe da firma Seabra & Cia. e presidente da Cia. America Fabril, duas importantes organizações industriaes do paiz, que ele dirigiu com inteligencia e dedicação. O governo brasileiro, demonstrando o seu reconhecimento pelos beneficios prestados pelo extinto, que foi incontestavelmente um dos pioneiros da industria de tecidos em nosso paiz, agraciou-o com a comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul. Os aspectos fixados nesta pagina reproduzem detalhes apanhados pela objetiva da «Revista da Semana» na residencia da familia enlutada e no cemiterio de S. Francisco Xavier.



O NEMUNAS, que Napoleão atravessou.

Os jornais há dois anos andam cheios de Kaunas. A capital da Lituânia, onde os exercitos alemães acampam em substituição aos russos, tem vivido momentos de aflitiva celebridade. O mundo inteiro tem os seus olhos voltados para o Baltico, onde se decide, talvez, o destino de uma civilização. E Kaunas, nisso tudo, é o celeiro germanico. E' o armario blindado onde estão as provisões do grande exercito que se aventurou pela Russia, desafiando a tradição fartasma, que o fracasso de Napoleão confirmou.

Tem uma estranha História essa pequena cidade. Cheia de cicatrizes. Um curioso destino de campo de batalha. Cenário obrigatorio de todas as grandes guerras da Europa. Fora algumas particulares.

Já viu brigando uniformes e armas de todos os tempos. Ouviu berros de odio em muitas linguas. Dôr de muitas raças. Já provou o sangue azul e vermelho de varias gerações.

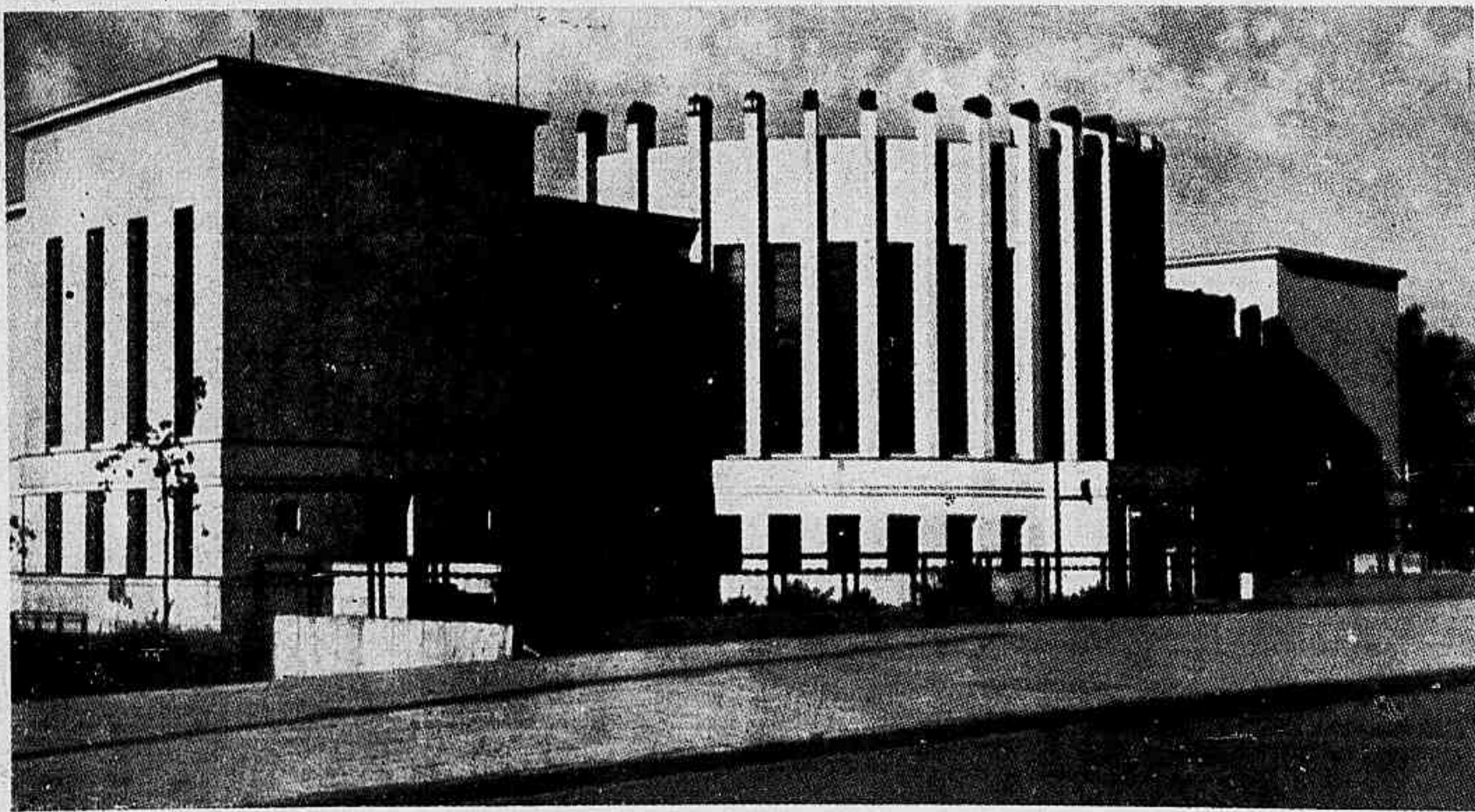
A Ordem Teutonica dos Cavaleiros da Espada estreou esse campo de batalha. Entre os séculos XIII e XIV, lituanos e germanicos cruzaram ferros pela posse da cidade. Kaunas era então uma resistente fortaleza, de torredões negros, largos fossos e frestas perigosas donde espiavam flexas mortais. Mudava frequentemente de dominio, escrava da sorte voluvel, dos combates em campo aberto. Incendiavam-na sempre, antes de abandoná-la, os barbaros vencidos.

Depois vêm lutas com os polacos e dissensões internas sangrentas. Em 1701, o exercito de Carlos XII, farto de vitorias, de volta á patria, numa sortida esportiva, redú-la a um montão de ruinas.

Em 1812 volta á celebridade. O fragor de um formidavel exercito em marcha põe em desespero as forças defensivas da pequenina cidade. O mundo inteiro volve os olhos numa aflição para o novo palco da guerra. Napoleão, bebado de glorias, vai atravessar o Nemunas para se encontrar com o primeiro fracasso da serie final... Faz de Kaunas uma base. E para seduzir, oferece á aturdida população um grande baile á Versalhes, com glorias de uniformes e condecorações, transportando num milagre, para o Baltico, o fausto esfusante de uma noite na Côte. Parecia, enfim, que a paz descera em definitivo sobre a terra lituana, abrigada pelas asas poderosas da aguia invencível.

As tropas famintas que regressaram num tropel, enlouquecidas de odio e vergonha, para se darem a ilusão duma vitoria, saquearam e incendiaram a aliada de outro cia. Lenta reconstrução.

Então vêm os russos, numa vingança, e se apossam de todo o país. Periodo carbonario. Lutas de noite. Resistencia passiva e tremenda. E afinal, em 1863, feita centro de uma formidavel conspiração baltica abortada por delação, é incendiada pelo celebre general Muraieff, sinonimo russo de crueldade.



Museu de Arte.

KAUNAS

a cidade camaleão

Por FRAZÃO

Em 1920 radiosamente conquista a sua liberdade de novo. Os jornais há dois anos andam cheios de notícias sobre a cidade.

O cenário predileto, todavia, de tanta dor, porém, uma sombria paisagem "de grotas tristes e misteriosas para a morte se esconder". E' an...



Túmulo do Soldado Desconhecido — Detalhe da escultura

claridade, cercado de colinas suaves que parecem abraçá-lo. Kaunas tem, mais ou menos, 150.000 habitantes. Parece uma cidade nova de vinte anos. Cimento armado. As ruas são largas e modernas.

Quem quiser encontrar os lituanos, não os encontrará mais aí, na verdade, que pelo cosmopolitismo que se vive nesse museu. E' onde guardam o Passado da Lituânia.

Está ali, nos mostruários, a história das Armas. Bandeiras. Uniformes. Enredo das guerras escolhidas. Está ali o Túmulo do Soldado Desconhecido.

Os lituanos entram nesse museu como peregrinos. É ali que fazem o culto que dedicam ao Passado. Não é a alma. Mas um preito criste. Consciente.

Todas as tardes, pelo crepúsculo, em multidão, vão para o pátio do Museu. Vão assistir, juntos, ao pôr do sol.

Estou vendo gente sorrindo. Gente que não sabe sorrir. E' assim mesmo e ninguém se incomoda. O azul e branco, que é afamado pela sua beleza, to em procissão, é preciso trazer na alma a memória de que varias gerações, sofrendo, deram a vida por Kaunas.

Cada pedra então é objeto duma ternura. Vou acompanhar essa multidão.

LIITUAS,

campo de batalha

FRANCISCHINI NETTO

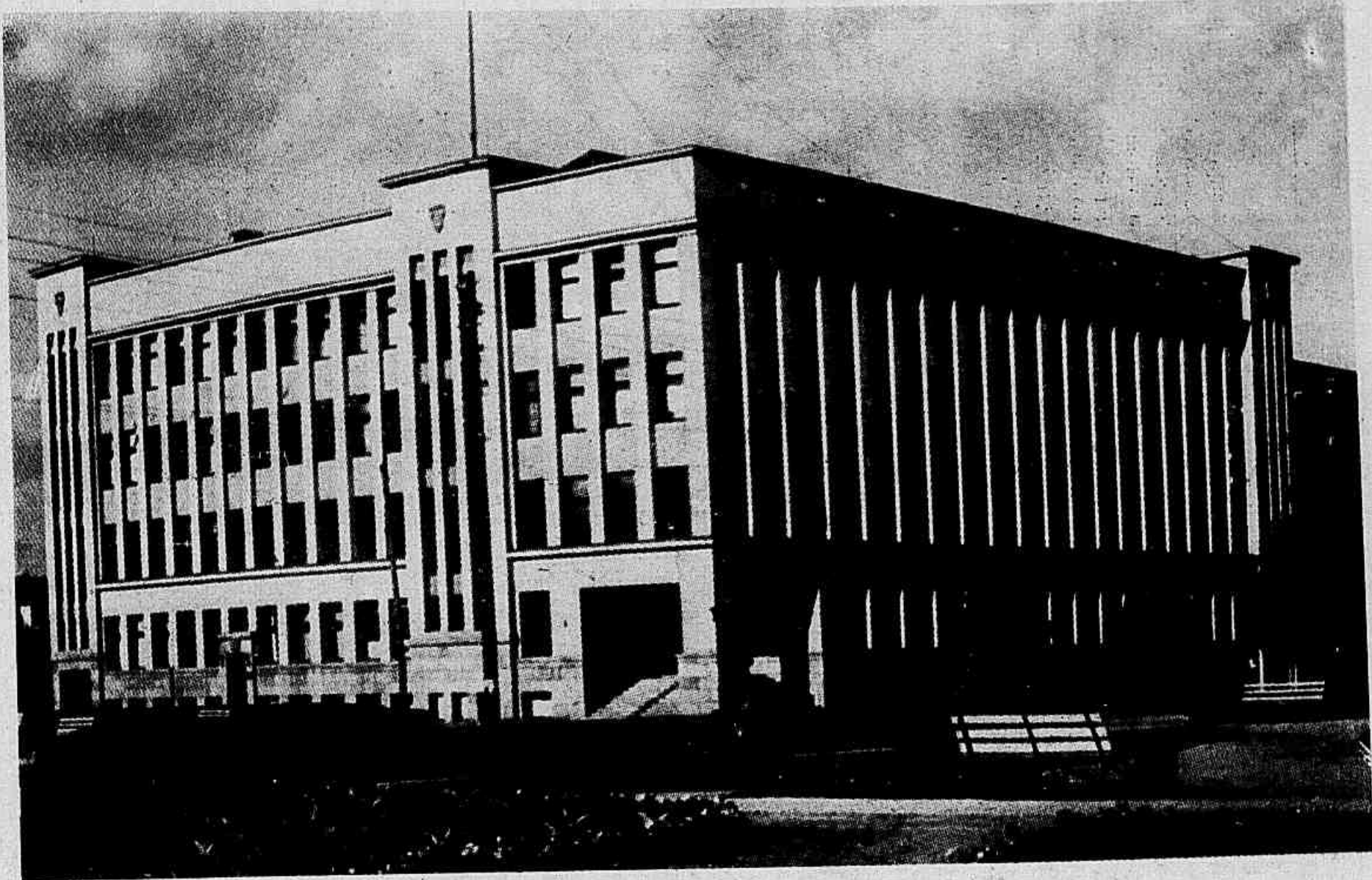
a sua independência. Tiram-lha em 58. Agora está lutando
am chel... Kaunas.

anta dor, palco de tanto luto, de tanto martírio, não é,
grota tr... iras para o sangue correr", nem de "pantanos
' E' an... paradoxalmente, um panorama lindo, batido de



Detalhe de uma cruz que ladeia o túmulo. Trabalho artístico de extraordinária beleza.

que pa... m braços verdes fechados docemente num abraço...
50 000... antes. Do Báltico, é a cidade que menos russa se
instrução... de madeira do tempo do Czar. Tudo é moderno.
o. Asla... Como se tivesse saído de uma fábrica de cidades.
acs, nes... cidade, deve visitar o Museu Nacional. Eles estão
polísti... as ruas. A alma deles está vibrando inteirinha
assado... que é a força mesmo da vida deles.
ória de... as lutas que viveram uma batalha em Kaunas.
lo dol... st, pelos corredores, dum romance vivido. Páginas
idade l... conhecido.
u como... uma igreja. Falam baixinho como a rezar. E' uma
ado. N... qualquer coisa de platônico, exterior, sem raízes
ciente... etido. Diário. Que é uma dor de ver.
o, em... quer tempo, uma multidão se dirige silenciosamente
juni... Túmulo do seu soldado, ao arrear da Bandeira.
nte qu... em heróis nacionais e nem sabe onde estão enterra-
ncom... quando vive num mundo ensolarado, sob um céu
a bele... e tranquilidade. Para compreender aquele pensamen-
elma a... or próxima de um cativo. No inconciente, o terror
ram. S... te ai gustia no ar. Ter mártires em casa. E então
lo de... tem pode perdê-la amanhã.
ernura... uma devoção. E—os que a defenderam—duma religião.



Ministerio das Relações Exteriores.

O Museu é uma casa nova. Cinzenta. Com uma torre alta onde tremula a bandeira lituana. Nessa torre está o "Sino da Liberdade" com a seguinte inscrição: "Ressôe e repique pelas gerações afora, ensinando às crianças da Lituânia que aquele que não a defender é indigno da Liberdade".

Foi presente dos oitocentos mil lituanos residentes nos Estados Unidos. E' tocado em ocasiões solenes e somente pelos invalidos e veteranos da Guerra.

No parque do Museu está o Túmulo. Um cone de pedras vindas de todas as cidades lituanas. Cruzes de madeira, lavor de camponeses — cercando o monumento.

Batem lentamente, na torre do museu, oito badaladas. A tarde vai agonizando, arroxeadada. Abraço violeta de crepusculo. Todo mundo está serio, de chapéu na mão. Olhamos. Agora vão arrear a bandeira que se agita num adeus, na torre de pedra. Aparece um arauto, no alto da torre, que sopra num clarim, um comando triste de silencio. Lá em baixo um mutilado responde, confirmando, à ordem que parece descer dos céus.

Um manto de quietude envolve a cidade. Nem um ruido perturba a paz que se espalha impressionante. Tudo é repouso na terra e no ar. Em surdina, um som longinquo, bem longinquo, nasce e cresce na tarde que morre. Abrem-se as portas do Museu. O som mais forte já tem forma de musica. Avista-se, então, um pequeno cortejo: quatro soldados, invalidos, executando uma doce melodia em instrumentos de metal, marcham solenes, seguidos por uma guarda de honra, composta de dez veteranos em uniforme, apoiados em muletas e bengalas brancas de cegos. Lentamente, mas a passos militares, descem a pequena escada de marmore em demanda ao tumulo, que ladeiam em dois grupos.

Agora, pára a musica. O oficial veterano comanda: "apresentar armas!" Um clarim soa de novo na noite quasi fechada. Vagarosamente, as côres nacionais são arreadas do mastro branco. Da escuridão da noite, um recruta em acelerado acende num altar pagão em frente ao tumulo, uma chama de fogo que brilha vertical.

"Orai por aqueles que perceram pela liberdade da Lituania", sussurra uma voz. Os invalidos se despojam dos seus capacetes de aço e inclinam as venerandas cabeças em oração. A orquestra toca, de novo, uma frase triste.

Lentamente, o cortejo caminha e mergulha na escuridão do Museu.

Das trevas um soldado surge. Os tacões dos saltos batem, acompanhando a continência. Apaga-se a luz que brilhara no altar pagão. Agora, no alto tumulo, há apenas uma cruz iluminada. Dôce decoração de restos desconhecidos.



Camponesa lituana, em Kaunas, num dia de festa nacional, com trajos regionais.

A posição da Turquia

OLHANDO-SE o mapa abaixo, tem-se uma idéia da complexidade da situação da Turquia em face do atual conflito de nações européias. Em toda a sua fronteira ocidental marítima e terrestre, confina com a Alemanha (ou países diretamente controlados por esta); ao sul tem a Itália, que domina o Dodecaneso; no oriente tem a Rússia e a Grã-Bretanha — aquela nos limites mais setentrionais, esta por intermedio da Siria e Iraque, no sudeste.

O ponto mais importante da situação turca, porém, é este: todas as potencias que a cercam são, tradicionalmente, suas adversarias, e uma ou varias vezes teem com ela entrado em choque. Na Rússia, a Turquia viu sempre uma rival direta. Durante séculos a política tzarista de expansão para o sul e o sonho de uma Constantinopla russa foi o maior pesadelo da vida nacional turca. A Alemanha, com o seu velho plano de expansão para o Oriente, com o seu sonho de chegar à India via Bagdá, era olhada pelos turcos como uma possível adversaria, que nada tinha a perder nas lutas do Levante, e tudo a ganhar. Quanto à Grã-Bretanha, desde a contenda do Egito que se colocara em franca opposição aos interesses turcos. E após a última guerra — na qual os turcos perderam definitivamente o Egito, a Arabia, a Siria e o

Iraque — não fôra a rivalidade entre a Inglaterra e a França, e a posição duvidosa da Rússia — e a Turquia teria sido reduzida quase à condição de vassalagem perante os ingleses, com a fiscalização dos Estreitos e o desmembramento do seu territorio uma vez proclamada a independencia da Armenia. A Itália, cujo papel no momento não é decisivo em face da Turquia, esteve com esta em guerra em 1912 para lhe arrancar a Cirenaica, e calmamente ocupou o arquipélago Dodecaneso, às costas turcas, após a paz de 1919.

A historia da Turquia neste último meio século divide-se em dois periodos flagrantemente antagônicos, separados pela conflagração passada. O decrépito regime do sultanato, a velha política do pan-islamismo fundada na existencia de um califado desacreditado, os métodos obscuros da diplomacia da Magna Porta — faziam do Imperio Turco o "doente do Levante". E foi a rivalidade entre Rússia e Grã-Bretanha, e esta e França que susteve de pé o velho arcabouço até à guerra de 1914.

O desenvolvimento da guerra, em que os turcos se

bateram quase sempre inferiormente armados, precipitou o drama interno da Turquia. Em Outubro de 1919 ela solicitou, em separado, armistício aos aliados, por intermedio da Espanha, junto ao presidente Wilson. Nessa época já a Rússia estava fora da guerra.

A política dos vencedores nem sempre foi clara para com a Turquia e esta de modo algum se considerava nação vencida. Com apoio tácito da Rússia invadiu o novo Estado Armenio que criara a Sociedade das Nações, e em 1922 em uma campanha rápida derrotou fragorosamente os gregos expulsando-os da Anatolia, territorio turco da Europa. Assinou um pacto com a Rússia e um outro com a Persia que foi considerado inadmissível pela Sociedade das Nações. A França mostrou-se simpática à Turquia e os ingleses pensaram ser melhor política entrar em entendimento com os inconformados vencidos.

Nessa época a revolução interna da Turquia ia já adian-

tada. A política de pan-islamismo, os turcos antepuzeram um rígido nacionalismo — o califa foi expulso do país. O servilismo do sultanato foi substituído por uma democracia centralizada. O signo da tradição foi transformado em signo da renovação. Introduziu-se o alfabeto latino, e os turcos sentiram-se membros da civilização ocidental. O mentor da nação é um oficial que levou os turcos à vitória nas planícies da

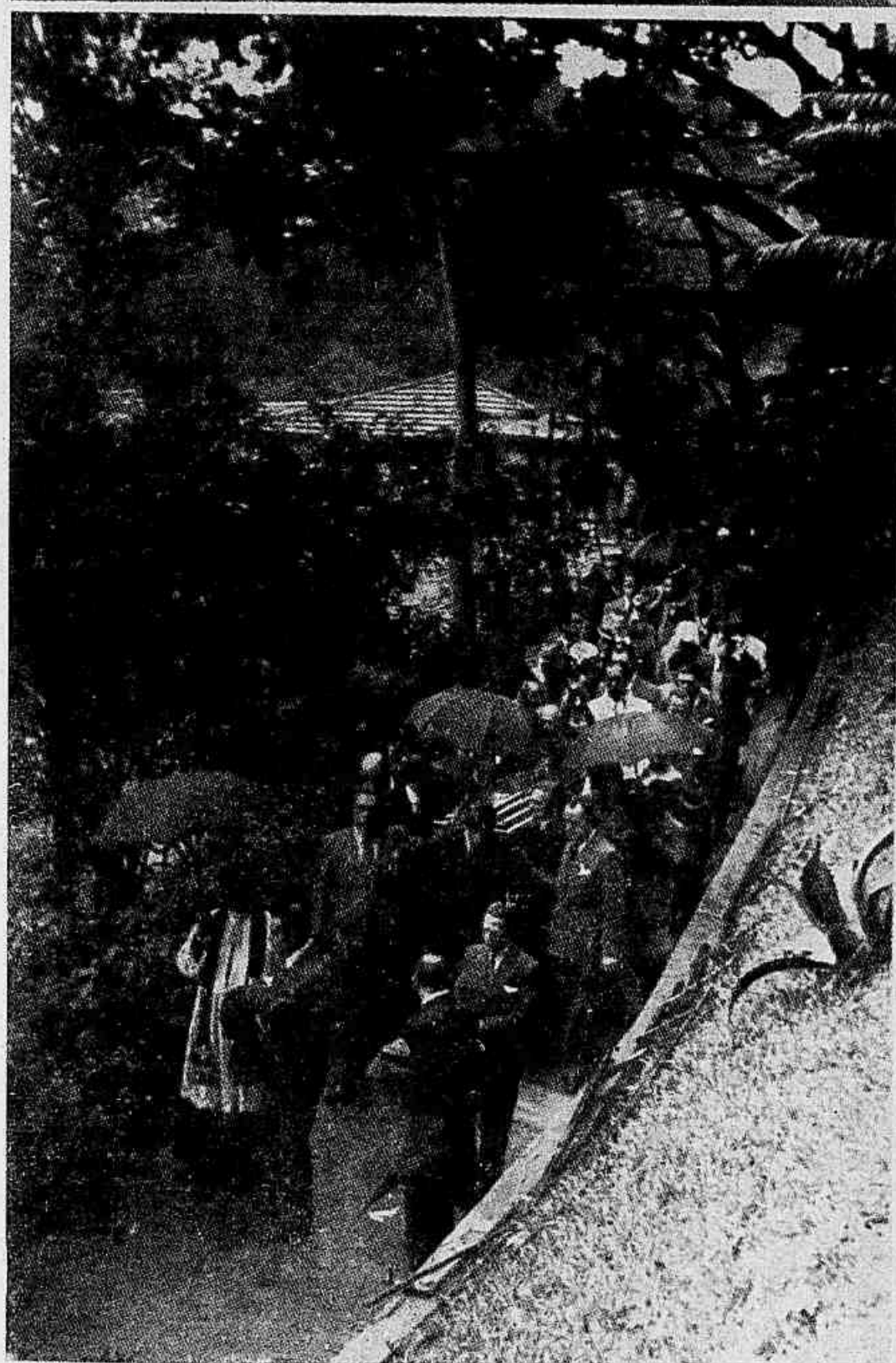
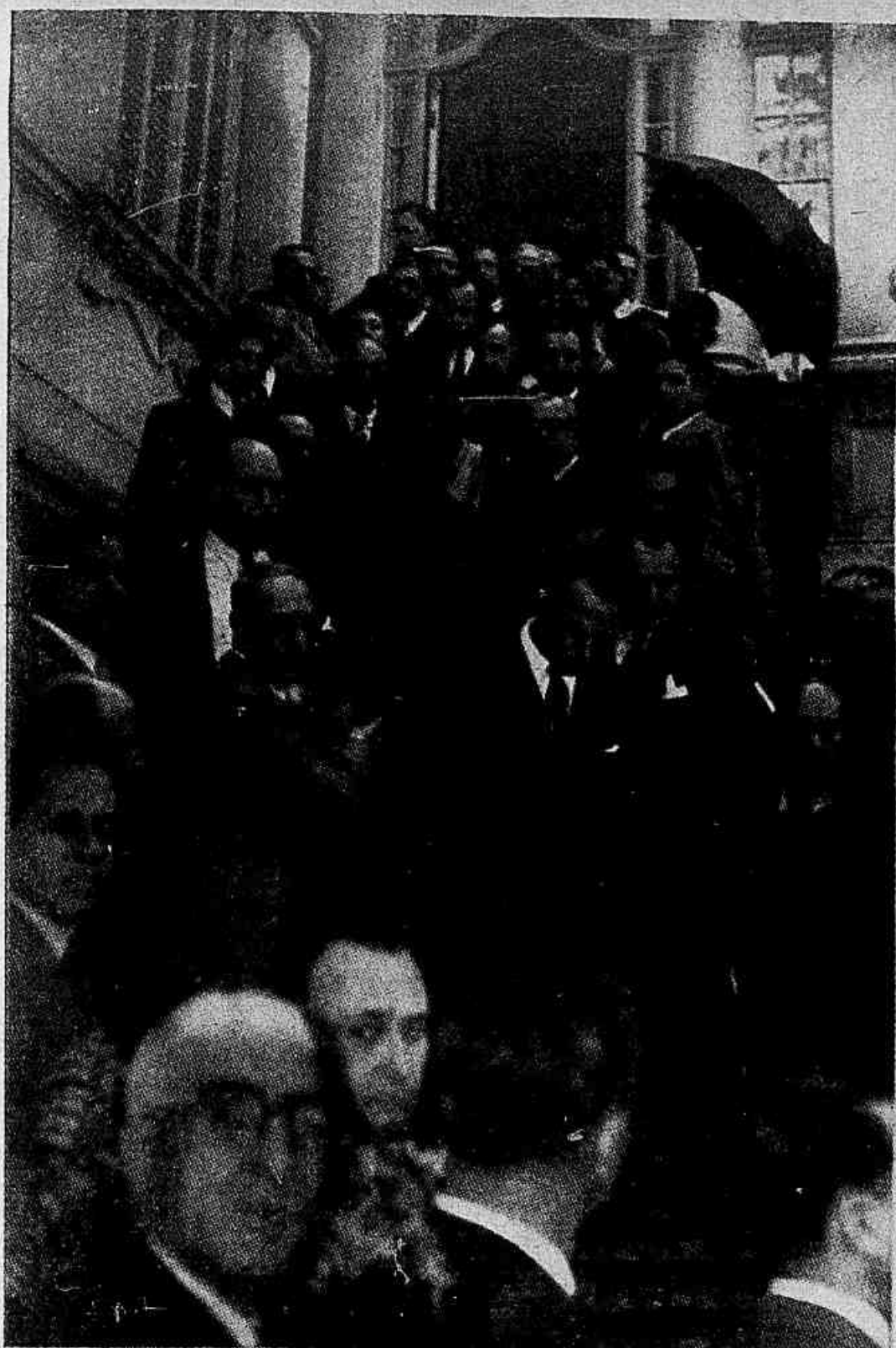
Anatolia: Mustafá

Kemal. Toda a organização interna da nação é transformada, a capital sai da velha Estambul para uma pequena cidade no centro do país, em pleno continente asiático: Angorá.

A política da Turquia nestes últimos anos tem sido inspirada por um principio sólido: preservar a paz. Entrou em entendimento gradativamente com a Rússia, com a França, com a Inglaterra e com a Alemanha. Nação pobre, a Turquia goza de uma situação invejável graças à sua organização e à capacidade de trabalho do seu povo. O poderio bélico de que dispõe é relativo e está estreitamente ligado à configuração física do país. Não fôra sua privilegiada situação e a Turquia, com a industria inferior que possui e população não muito grande (16 milhões de habitantes), representaria papel bem menos expressivo do que o que lhe cabe no atual momento internacional. No entanto, é tão privilegiada em face do atual conflito a posição da Turquia, e tão sólida sua frente interna e inquebrantável a força de vontade dos seus homens, que uma decisão do seu governo poderá decidir do destino de todos os povos empenhados na atual contenda.



Comendador ANTONIO RIBEIRO SEABRA



Faleceu no dia 16 do corrente o comendador Antonio Ribeiro Seabra, com a avançada idade de 81 anos. O extinto, natural de Portugal, veio para o Brasil ainda criança, e durante sua longa e luminosa existencia muito trabalhou pelo engrandecimento da nossa industria de tecidos. Foi fundador e chefe da firma Seabra & Cia. e presidente da Cia. America Fabril, duas importantes organizações industriais do paiz, que ele dirigiu com inteligencia e dedicação. O governo brasileiro, demonstrando o seu reconhecimento pelos beneficios prestados pelo extinto, que foi incontestavelmente um dos pioneiros da industria de tecidos em nosso paiz, agraciou-o com a comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul. Os aspectos fixados nesta pagina reproduzem detalhes apanhados pela objetiva da «Revista da Semana» na residencia da familia enlutada e no cemiterio de S. Francisco Xavier.

Avessos da História

DE Maio de 1793 a Julho de 1794, a França, e sobretudo Paris, não viveram. Agoniaram-se no Terror, a Revolução a devorar fautores, adeptos e inocentes.

Na risonha primavera de 1794 sobre dous de taes fautores pairava a morte. Chamavam-se Danton e Camilo Desmoulins, e ambos tendo semeado ventos colhiam tempestade.

Levada a simulacro de julgamento a voz estentórica de Danton não pudera ecoar em defesa propria. Tolhera a um ato da Convenção inspirado por Saint-Just. Com outras vítimas, de um cubículo da Conciergerie subiu Danton para a carroça de fardos humanos transportados para a guilhotina, carroça de rodar diario. Iam nela Danton e Desmoulins, e a multidão silenciosa e triste, contra habito, vio passar os dous amigos no veiculo sinistro.



Busto de Danton em terracota. Autor anônimo. Museu Carnavalet. Paris.

Danton, de primeiro matrimonio, deixava filhos. Foram entregues a avós maternos, os paes de Gabriella. Luisa Gélly enviuvava aos dezoito anos. Fôra casada pelo padre Kéravenant, o sacerdote que dissimulado entre povo acompanhára Danton ao suplicio. Durante a Revolução o ateísmo perseguia o catolicismo e pois paare Kéravenant clandestinamente unira Luisa Gélly e Georges Jacques Danton, ex-aluno de seminario ao qual, em 1787, Luiz XVI se refirira oficialmente. Dizia o rei ao seu proximo inimigo "conceder-lhe o officio de advogado em seus conselhos pela plena e inteira confiança depositada no caro e bem amado Georges Jacques Danton, no seu criterio, na sua suficiência e lealdade, capacidade, experiencia, fidelidade e afeição." Apesar dessa porção de bons sentimentos nos quaes confiava a autoridade real, decorridos seis anos "o caro e bem amado Danton" expulsava Luiz XVI das Tulherias e votava-lhe morte em patibulo.

Luisa Gélly, viuva Danton, a principio visitou os enteados em Sévres, em seguida os visitou a espaços até sentir em breve realizada a meia-profecia de Danton. Robespierre foi guilhotinado. A França despertou do pesadelo do Terror, recobrando vida no Directorio.

A viuva Danton, cujo consorcio não lograra agrado de seus paes, seguiu o exemplo da França e de Paris, procurou esquecer tempos calamitosos nos quaes a maldade humana mais se puzera a nú.

O Consulado continuou o Directorio, o Imperio substituiu o Consulado, com o parentesis de surpresa dos Cem Dias, a Restauração apagou o Imperio.

Em continuidade de carreira burocratica, a todos aqueles regimens opostos um funcionario publico serviu sem discutir. Foi Claudio Estevão Dupin, afinal prefeito de departamento e barão por mercê napoleonica.

Dupin desejou casar-se, procurando encontrar esposa educada, apta á vida social do marido. Luisa Gélly tornou-se a senhora baronesa Dupin. Ao desposar-la o marido numero dous a fez prometer que nunca, sob pretexto algum, ela se referiria ao marido numero um. Prudencia ou ciúme? Em todo caso promessa e a baronesa Dupin a cumpriu. "Aliás a Historia dispensava-lhe qualquer confidencia".

Luisa Gélly, ex-viuva Danton, baronesa Dupin, recasada em 1828, sobreviveu ao segundo esposo. Nascida ao ruinar Luiz XVI, morrendo em 1856 ainda vio Paris em festa pelas vitórias de Napoleão III na guerra da Criméa. Soubéra guiar sua vida aceitando-a como se apresentava. Viuva de guilhotinado não estava obrigada a perder a cabeça.

A 20 de Março de 1811, Paris não dormio. Gente, gente e mais gente comprimio-se a mais não poder, no jardim do palacio das Tulherias. Mesmo assim outra mais gente forcejava por entrar no jardim negro de multidão.

Paris febricitava esperando o nascimento de um herdeiro de Napoleão; esposo de Maria Luiza imperatriz entre Francezes e arquiduezia em Austria.

Vinte e um tiros de peça anunciariam o nascimento de uma princeza, cento e um tiros diriam nascido um principe. Ao soar o vigésimo segundo disparo a alegria popular se deu largas, em cantos, dansas, chapéos voando ao ar, soldados brandindo armas. Como ardentemente o almejava, Napoleão recebia um filho. Em vespas do nascer da ambicionada criança, como se lhe adivinhando o sexo, por um senato-consulto, o pae fizera o filho rei. E logo de onde? De Roma.

O novo rei, ainda quente de vida materna, foi depositado em berço oferecido por Paris. Tudo no berço era seda e ouro, veludo e nacar, na base do riquíssimo objeto a representação de um filhote de aguia entreabrindo azas e fitando estrela posta na cúpula do berço, a estreia ainda não eclipsada de Napoleão. O rei de Roma seria o Aiglon.

Na noite do nascimento imperial Paris cobrio-se de luzes. Napoleão — lembra-o Aubry — disse então a Duroc, amigo do peito: "Inveja meu filho. Espera-o a gloria no encalce da qual eu corri. Terei sido Felipe, ele será Alexandre. Sem esforço estenderá os braços para abarcar o mundo.

No recolher documental de George Lecomte, um desses heroicos sacerdotes catolicos jamais intimidados pelo Terror, o padre Kéravenant costumava seguir a carroça dos condenados, resando para eles as orações dos mortos.

Segundo narrou o padre, Danton teve de passar no fatal trajeto pela casa de Robespierre, na rua Saint Honoré. Altisonou voz e clamou profético: "Virás depois de mim, Robespierre! Tua casa será salgada! Não de salgá-la!"

Quando Danton chegou ao cadafalso o sol poente brilhava em rubra apoteose, opondo luminosos vermelhos ao sangue prestes a ser derramado.

Por um momento Danton fraquejou exclamando: "Minha querida, minha querida, não te verei mais!" grito d'alma dirigido á esposa. Depois em Danton, pela ultima vez, bradou a energia, apostrofando o carrasco com marteladas palavras: "Mostra minha cabeça ao povo, vale a pena".

Quem era a conjuge de Danton? Luisa Gélly, por ele desposada em segundas nupcias, a pedido de sua primeira mulher, Gabriella Charpentier.

Pae e filho acabariam em pedacinhos de universo, Napoleão em Santa Helena, o Aiglon no palacio de Schonbrunn tendo Viena por disfarçada menagen.

Com exequias de archiduque, apertado em farda austriaca, levaram o francês rei de Roma á cripta da igreja vienense dos Capuchinhos, sombrio panteão dos Habsburgos. Sobre o ataude do nominal Napoleão II gravaram longa inscrição latina exaltando os dotes fisicos e moraes do finado: Os vivos, elogiando os mortos, descarregam culpas da consciencia e mostram já não rezear competições.

Mais de seculo transcorre. Em dia de 1940 um trem parte de Viena por ordem de Hitler. Vae rumo da França, leva Napoleão II a Napoleão I, ambos os exilados asilados na cripta dos Invalidos. Quem fôra Felipe recebia quem não conseguira ser Alexandre na batalha dos destinos.

Ao entrar Napoleão II nos Invalidos uma companhia de simples policiaes, de modestos gendarmes presta honras funebres ao herdeiro do chefe supremo da Grande Armée, por algum tempo senhor da Europa.

Mão augur Felipe, pobre Alexandre!

NÃO resta um tico de ilusão a quem olha de perto a chamada grandesa humana. Não tomará o observador por felicidade o que é apenas desgosto recoberto pelo martirio de ser obrigado a parecer venturoso; entretanto a sorte dos poderosos sempre invejada pelo vulgo, juiz só de apparencias.

De tudo isso, baseado em documentos, Georges Lecomte nos oferece exemplo, o seguinte.

Em 1818, Guilherme, filho segundo de Frederico Guilherme III, rei da Prussia, conheceu menina de 14 anos, loura prima do mancebo principe de 21 anos. Chamava-se Elisa Radziwill.

Corre o tempo, e no bater do coração em busca de amor Guilherme apaixonou-se por Elisa, o apaixonado mudo durante cinco anos. Entretanto a Frederico Guilherme III não passou despercebido o segredo amoroso do filho.

Convencido estava o rei Guilherme da familia de Elisa Radziwill não emparelhar em hierarquia com os Hohenzollern. Chamou o rei um grão-mestre de cerimoniaes, von Schilsen, encarregando-o de abrir inquerito sobre os negocios de amor do principe Guilherme, este ignorando se era ou não correspondido pela eleita por todos os votos de seu coração.

Guilherme e Elisa afinal trocaram confidencias embora vigiados sem cerimonia pelo grão-mestre de cerimoniaes redobrando atenção quando obrigações sociais aproximavam os namorados.

No inverno de 1821, o tsarevitch Nicoláo, futuro czar, visitou Berlim. Em sua honra se promoveram festas. Em uma vio-se e ouviu-se bailado de Spontini, em serie de quadros vivos, num dos quaes figuraram fidalgas, entre elas Elisa Radziwill.

Coubelhe silencioso papel no quadro vivo animado pelas harmonias de Spontini. Durante ato inteiro, representando uma huri, Elisa conservou-se á porta de paraíso a ela defeso.

Não se moveu a huri, nada disse. Comtudo Nicoláo, o herdeiro russo, Carlota sua mulher, irmã do apaixonado Guilherme, a corte em peso se comoveram ante "a cena fortuitamente simbolica, a huri toda de branco, enfeitada com pennas de cisne, deliciosa, enternecedora, pura e triste."

Guilherme acabára confessando á irmã, Carlota, o seu amor ardente por Elisa. Toda a familia real, junto a Frederico Guilherme III, se interessára por Guilherme. Para lhe advogar causa surgiram argumentos. O principe era filho segundo, não reinaria, esse o argumento principal. Aos advogados acudio alvitre. O czar Alexandre I adotaria Elisa, assim colocada a par com os dinasticos Hohenzollern.

Tudo consta das cartas de Guilherme e Elisa, cartas sigiladas nos arquivos imperiaes russos e desvendadas após o esboroar do imperio moscovita.

Guilherme esperou a decisão do czar. Trazia sempre, presente de Elisa, um anel com a inscrição fidelidade eterna. Alexandre I recusou adotar Elisa, foi o naufragio. Ainda havia uma táboa de salvação. Um dos tios de Guilherme adotaria Elisa, tornando-a Alteza. Abraçaram-se os apaixonados. Que felicidade, que bom alvitre! Realizava-se a profecia do anel.

A adoção demorou. O rei, terminantemente, recusou assentimento á união projetada. A diplomacia entrou a tecer matrimonio para Guilherme, em breve noivo da princesa Augusta de Saxe-Weimar. Casou-se o principe "afogado em lagrimas e desmoronado em dôr". São expressões epistolares do noivo á força.

Contra todas as previsões, a principio regente por impedimento e morte de irmão reinante, Guilherme subiu ao trono da Prussia em 1861 para ser imperador da Alemanha, na Galeria dos Espelhos em Versalhes, a 18 de Janeiro de 1871, dia aniversario da coroação do primeiro rei da Prussia em Koenisberg.

Nos ultimos tempos de vida o monarca confessava a intimos não ter esquecido Elisa "cuja lembrança associava a todas as suas ações".

Levado a campos de batalha, evocando espetros, os de toda guerra, uma forma surgia, gracil, a de uma huri vestida de branco, enfeitada com penas de cisne. E, como disse Georges Lecomte, "as pompas dos triunfos de Guilherme I imperador eram presididas pela inolvidavel imagem da pequena huri imovel na porta de um paraíso jamais aberto.

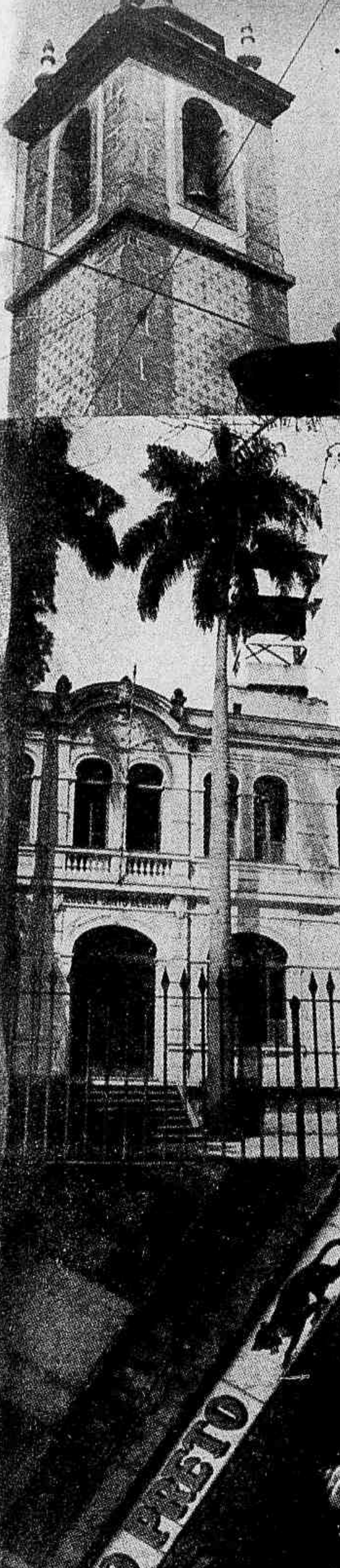


Guilherme I, imperador da Alemanha.



Busto de Napoleão em terracota. Por Houdon em 1806. Museu de Dijon.

Escragnolle Doria



BAIRROS DA CIDADE

A LAPA DE HOJE

por WALTER ROCHA

Quando em 1751 o religioso, padre Angelo de Lipeira, fundou junto às fazendas da Pedra e Macacú a igreja do Seminário de Nossa Senhora da Lapa do Desterro, estava longe de pensar que aquela atividade de ordem religiosa seria o marco de fundação deste tradicional bairro da Lapa, cuja crônica pitoresca registra os mais curiosos episódios na história do Rio de Janeiro.

Incansáveis, a trabalhar com afinco na seara do Senhor, os Carmelitanos continuaram a sua obra, fundando uma escola católica de ensino primário em 1861. Esta escola foi extinta em 1866. Vinte anos mais tarde, em 1906, foi reaberta sob o nome de "Escola Carmelitana Santo Alberto", e até hoje funciona com uma média anual de 200 alunos, em edifício próprio anexo ao Convento.

E, assim, acompanhando o natural determinismo da evolução, o bucólico arraial tomou foros de centro civilizado, e atravessou suas etapas — desde a Lapa dos canceiros, a Lapa da boemia, com sua vida noturna e seus cafés cantantes — até à Lapa de hoje, o tradicional Largo da Lapa, transformado em grande centro de comércio e de indústria.

Servido por diversas linhas de bonde, é intenso o movimento da Lapa, onde o mais variado comércio constitui o atestado flagrante do seu progresso e do seu conforto. Nada falta a este bairro. Das zonas norte e sul da cidade afluem pessoas em busca de vantagem que o comércio da Lapa lhes proporciona. Homens, que procuram adquirir os afamados artigos de camisaria na "Casa Miceli", à rua Maranguape 4; que telefonam insistentemente para a "Tinturaria Fortaleza da Lapa", no número 13 da mesma rua; senhoras, que se servem do "Instituto de Beleza Argentina", a casa da rua Maranguape 19, que se tornou conhecida pela competência dos seus auxiliares, no delicado serviço de manicura, permanentes, penteados e massagens. E, ainda nesta rua Maranguape, funciona a "Padaria e Confeitaria Rex", casa moderna, adaptada aos mais rigorosos preceitos de higiene, fabricando pães e outras especialidades à vista do freguez e as fornecendo diariamente à população compreendida no perímetro da Tijuca à Copacabana.

Quanto aos "bars" e casas de refeições, a Lapa possui o que há de melhor. O "Bar e Restaurante Sino", recentemente inaugurado no Largo da Lapa, veio satisfazer uma necessidade que o bairro recla-

mava. O "Bar Sino", pelos seus excelentes serviços, consegue transformar em freguez permanente todo aquele que o visita uma vez. E a outra casa no gênero, bastante importante, é "A Capela", a mais antiga casa comercial da Lapa, famosa pelos seus vinhos velhos e serviços à minuta. E' ainda neste bairro que o Rio encontra a sua vida noturna. O "Túnel da Lapa", à rua Maranguape 17, é uma atração permanente aqueles que durante a noite procuram um bom serviço de bar ao som de uma deliciosa orquestra típica, enquanto no sobrado do mesmo prédio funciona o "Nancy's Cabaret", onde a diversão predominante é a dança, sempre animada por um moderníssimo jazz. O "Bar 1900", à rua da Lapa 31, é um requinte de bom-gosto e conforto. Em estilo europeu, com a sua iluminação a velas, ele vai cumprindo a finalidade que se propoz: boa música, excelente serviço de cozinha em ambiente seletivo. Por isso sua fama tem atraído a clientela da melhor sociedade carioca.

No ramo de papelaria e artes gráficas, a Lapa conta com a conhecida "Casa Bruno", estabelecimento que desde 1917 se impoz pela arte de conquistar freguezes.

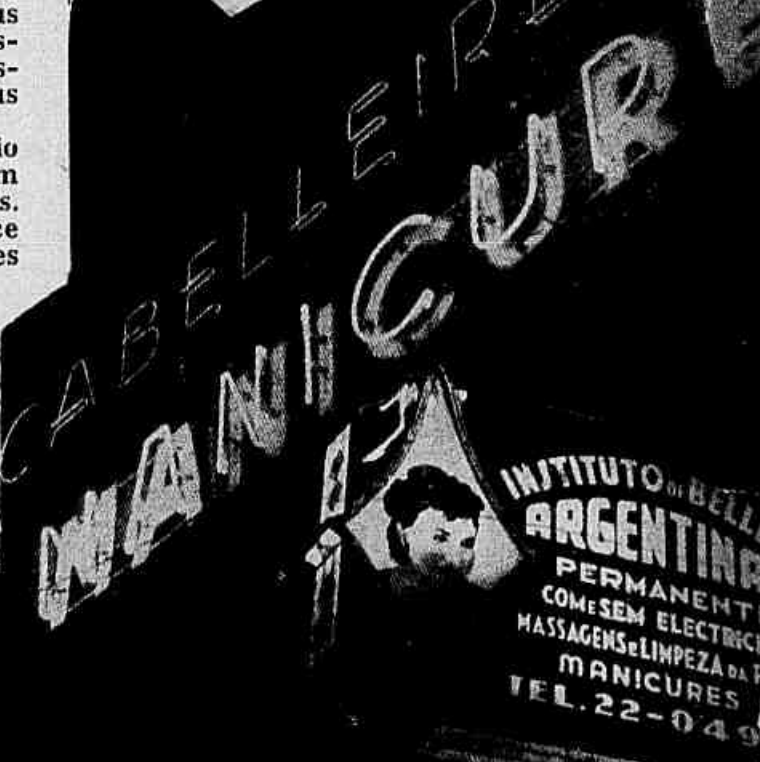
Curioso notar, é que até no comércio de cutelaria a Lapa foi bem fadada. Há 12 anos que a "Cutelaria Lapa", à rua Maranguape 2, vem atendendo a toda a população, na sua especialidade em afiar navalhas, tesouras, lâminas e qualquer objeto cortante.

Se a Lapa possui poucas indústrias, estas poucas são conhecidas em toda a América do Sul. Uma delas é o chocolate "Patrone", instalado com moderna aparelhagem à rua da Lapa, e que neste momento acaba de lançar ao mercado o chocolate "Vitoria-Regia", apreciável requinte da indústria para o paladar... A outra indústria é a de sapatos. "Gato Preto", a tradicional sapataria do Largo da Lapa, fundada em 1920, é a fabricante dos sapatos "Ballet", para dança clássica. A fama destes sapatos atravessou fronteiras, por ter sido considerado superior aos similares estrangeiros.

E, neste bairro tão populoso, nem mesmo uma assistência dentária falta aos que necessitam dos seus préstimos. Preenchendo esta lacuna, o dr. Bucker instalou seu consultório na travessa do Mosqueira esquina de Maranguape, onde atende diariamente seus numerosos clientes.

Finalmente, a "Garage Lapa", à rua Teotônio Regadas, com uma grande área para estadia, vem completar o conforto deste bairro cheio de tradições.

Os diversos serviços que a "Garage Lapa" oferece aos seus clientes são os mais perfeitos e eficientes que se podem desejar.



A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

"MEMENTO HOMO"...

Resolveu-se na Austrália o problema do transporte de ovos para a Inglaterra com uma colossal redução de volume, sem que sejam afetadas as propriedades alimentícias do produto. Conseguiram os australianos, com a ajuda de uma planta importada da China — e cujo nome não foi divulgado — a pulverização dos ovos.

Outra notícia — essa, da Luizânia — afirma a obtenção do sangue em pó para as transfusões, que, desgrazadamente, terão de ser muitíssimas no momento.

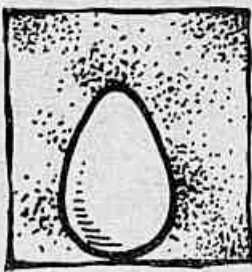
São as condições da vida que se aproximam da realidade da morte. Procura-se em vida o pó que virá depois da morte.

Insensivelmente, fica-se a recordar aquele decassilabo monstruoso que o poeta perpetrou num dia, ou numa noite, de desânimo e compreensão da inanição terrena:

"Pó, pó, pó, pó, pó, pó, pó, só pó..."

Que versos escreveria agora o bardo extravagante, quando alimento e sangue são ministrados em pó?

Talvez nem um! ou talvez, desesperado, reduzisse os próprios versos a pó...



MOBILIA MOBILIZADA

Sete anos de pastor... Não foi bem assim, como disse Camões; mas, afinal, houve algo de semelhante, porque assim como o pastor recebeu Lia em lugar de Raquel, o marinheiro — o homenzinho era marinheiro — casou com uma e, quando lhe foi dado conhecer a cunhada, sentiu que havia tomado um bonde errado. Nessas cousas assim, precisamente porque são de fôro íntimo, os resultados são facilmente previsíveis. O marinheiro virou de bordo, para o lado da cunhada; a esposa, justamente ofendida, foi para a casa da mamãe, e ele, num assomo de valentia, foi buscá-la. Entretanto,

por um acaso qualquer, não encontrou ninguém da família. Na casa, só havia os moveis... Não ficou apurado si o gato estava.

O marinheiro, ao que parece, não gosta de paradoxos. Dar-se o nome de moveis a cousas que ficam



imoveis!? E mobilizou a mobília, no mais estranho dos leilões, passando-a toda no martelo. Não ficou uma peça inteira!

A sogra, quando contemplou a devastação, foi à polícia.

Fez bem ou fez mal?

Está aí uma cousa de fôro íntimo que não se pode resolver. Entretanto, não faltará alguém que diga à sogra, num requinte de consolo, que foi melhor ter ele quebrado a mobília toda da casa a ter partido apenas as "cadeiras" dela...

Dos males, o menor...



Até o fim da semana que passou, a situação da guerra não sofreu modificações de importância. E' velho o proverbio: "tempo de guerra, mentira como terra"... E tanto é que os alemães anunciam a tomada de Kiev, e os russos afirmam que Kiev ainda resiste. Não se compreende que a verdade esteja, ao mesmo tempo, com uns e com outros. Há, de um lado qualquer, alguém que está mentindo. Só depois se poderá saber.

Continua, na Europa ocupada pelos alemães, e principalmente na França, o cambio macabro. A vida dos alemães, aí, está valendo cada vez mais; a dos franceses cada vez vale menos. Olho por olho, dente por dente, a velha pena de talião, passou a ser anacrônica... Para cada um alemão agredido na França — dizem as últimas notícias — doze franceses fuzilados! Não é possível! Ninguém poderá acreditar em semelhante cousa!

O Negus aboliu a escravidão na Abissínia! Há um nexu muito justo na medida, e em boa hora o mais

velho imperio do mundo, depois de haver perdido por algum tempo a liberdade, reconheceu que, em sã razão, nada há que se compare à liberdade.

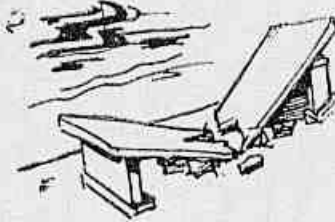
"BRIC-À-BRAC" NACIONAL

O noticiário da semana que passou não foi dos mais estereis. Houve de tudo, aqui e ali, numa estranha variedade.

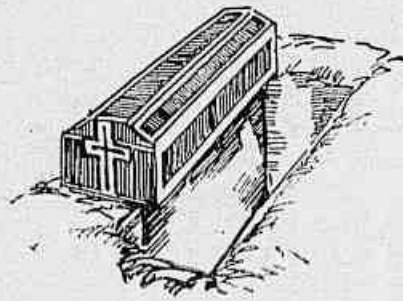
Em Copacabana, um individuo encontrou uma diversão que honra imensamente os seus instintos de vândalo: quebrou vinte e dois bancos dos muitos que há na linda praia. A policia chegou a tempo de impedir que outros mais tivessem igual sorte, prendendo o depredador, o qual, todavia, foi solto, por que prestaram fiança por ele. Questão de ambiente! Si em vez de ter ido para a praia, tivesse enveredado pela zona bancaria do centro da cidade, e quebrasse um banco só que fosse, onde é que poderia ser afiançado na praça toda? Mas si ele não fôr punido — e bem punido — podem ficar certos: irá amanhã para o Largo do Rocio ou para o Campo de Santana, e quebrará todos os bancos da praça...

Em Porto Alegre foi presa uma mulher que, depois de ter conhecido a cadeia no Rio e ter travado relações com a policia de São Paulo, fôra agir na terra gaúcha. Um sistema rudimentar de **chantage** que, todavia, surtia os seus efeitos: o diabo de saias telefonava para casas comerciais e fazia encomendas. No fim, porém, os negociantes é que diziam: "Adeus, minhas encomendas!"

Na vida de fôro houve um incidente curioso, cheirando a filologia e a jardim. O promotor pôs embaraços a um casamento, porque a nubente grafara o nome — Hortensia — com **s** e não com **c**. No latim, de onde vem o nome da linda saxifragacea, a grafia sempre foi com **s**; no moderno sistema de escrever, parece não ter havido alteração nesse sentido. Não obstante, surgiu a questão de lana-caprina, e o promotor insistia, como aquele cavaleiro da "Lisbôa em camisa" de Gervasio Lobato, por que a nubente retirasse o **s**. No final de contas, o juiz sentenciou: a moça ficaria sendo Hortensia mesmo. No futuro, si ela fôr feliz, bendirá o juiz, porque arredou o embaraço que havia sido criado; si não o fôr, terá de malizá-lo, pelo mesmo motivo. Pensando bem: é dura mesmo a situação dos juizes!



Outra do Rio Grande do Sul: um individuo que fôra coveiro, foi preso porque andava violando túmulos para roubar os cadáveres, principalmente os trabalhos de prótese em ouro, que vendia facilmente. Quanta gente que andava, concientemente, sem esperar por sapatos de defunto, andô u, inconcientemente, esperando por dentes de defunto!... E o ex-coveiro? Esse profanador



de sepulturas, que passara, com certeza, anos e anos a enterrar os mortos, tinha resolvido acabar os dias fazendo o inverso, isto é desenterrando-os...

"BRIC-À-BRAC" ESTRANGEIRO

Não é pequeno o desequilibrio que a escassês da gasolina tem proporcionado à vida de varios povos e de localidades varias. Aqui — é sabido — está racionalizada a venda da gasolina e adotada a superlotação dos ônibus; no Funchal reapareceram as **zorras** puxadas a bois, meio primitivo de transporte que caíra de velhice, cedendo o passo aos automoveis, de acordo com o século. Ainda bem que os bois não são necessários, como a gasolina, aos embates guerreiros! A não ser assim, teriam de ressuscitar as liteiras, as cadeirinhas e os palanquins, e o homem, fadado a ser carga de burro, passaria, contingentemente, a ser burro de carga...

O "Getulio Vargas", o enorme diamante arrancado às entranhas da terra brasileira, sofreu a primeira e delicadíssima operação, para o fim de ser diminuído de tamanho, ou por outra, de ser subdividido. Imaginam-se a atenção, a cautela, o cuidado máximo que

o lapidador Grassely pôs nesse serviço difficil. Se lhe falhasse a mão? Se cortasse mal? Se esfacelasse a preciosa pedra de centenas e centenas de contos de réis? Mas foi tudo bem. Apenas no final da obra, que não foi demorada, foi verificado facto esquisito: o lapidador perdeu no serviço 1.350 gramas de peso! Três libras, foi o que perdeu. Mas deve ter ganho, embora nos Estados Unidos, muitas outras libras... esterlinas. Aí está uma compensação que equilibra...

Mais uma noticia do estrangeiro: o Episcopado do Porto deliberou modificar o quinto versículo do "Padre Nosso", o qual deverá ser assim rezado: "Perdoai-nos, Senhor, as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos nossos ofensores". Vê-se logo que as "ofensas" substituem as "dividas" da velhíssima oração dominical, e Portugal, após a restauração financeira, não quer, nem mesmo quando se dirige a Deus, falar em dividas. E está mais do que certo: dívida, hoje, é para Portugal uma ofensa!

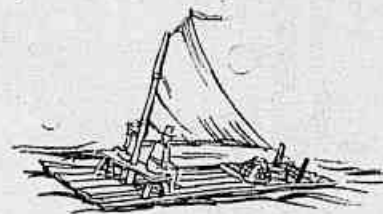
VELAS GLORIOSAS E AUDAZES

Veem vindo, a caminho da Guanabara, as velas atrevidas das jangadas cearenses que empreenderam o **raid** Fortaleza-Rio.

O jangadeiro é um poeta e a jangada é todo um poema de audacias. Não há mar que intimide o nauta ousado, nem distancia que lhe quebre o ânimo infundível. Sua vida é o trato diario com o mar calmo ou com as vagas tumultuosas. Um mastro, uma vela, um chão de troncos, e eis toda a sua morada sobre as ondas.

As jangadas desferem o vôo sobre as aguas, deixando os ninhos de Mucuripe, da praia do Meyreles, da Volta da Jurema, da praia de Iracema. Não ficam, medrosas, acompanhando a curva litoranea; saem da espuma branca das ondas verdes para o largo e perdem-se no horizonte, como si acaso fossem cruzar o Atlântico em demanda do continente africano. Foi essa vida de audacia que fez do jangadeiro um tipo singular, misto maravilhoso de todas as valentias, amálgama de coragem, de sacrificio e de resignação.

E' um punhado desses brasileiros tostados pelas soalheiras e temperados pelas procelas que vêm a caminho da Guanabara no dorso fragil das jangadas.



Entra na fase prática a pretendida remodelação do Rio de Janeiro, com o financiamento das obras respectivas.

A cidade tem, dentro do século, progredido em tudo, e são bem numerosas as obras feitas aqui e ali nestes últimos anos.

Desde 1903, porém, isto é desde a notabilíssima gestão de Pereira Passos à frente da Prefeitura, nunca mais se empreenderam trabalhos de vulto e de conjunto, capazes de modificar o aspecto da capital.

O momento comportará o prolongamento da avenida do Mangue até ao mar, para execução da avenida Getulio Vargas; o desmonte do morro de Santo Antonio e a urbanização da planície consequente; a realização de uma grande avenida diagonal; o remate urbanístico da esplanada do Castelo; a perfuração de novo tunel para o Leme etc.

Há, como se vê, um vasto programa que dará mais facilidade e maior beleza à cidade.

Entretanto, não se poderá dizer que essas serão as únicas obras de que a capital carece, como também não se poderá exigir que se realizem todas as de que tem ela necessidade. Muilo e muito já representa o plano traçado, que ora ingressa na fase prática.

Mas por que não se pensa no **metro**, que solucionaria o palpitante problema do tráfego, abordado até agora através de providencias aleatorias e medidas precarias?

A apparencia que o **metro** tinha de inexequível na nossa cidade deve ter desaparecido ante a afirmativa reiterada do pronunciamento de técnicos. Por que não se pensa no **metro**?

Rigadin.

JORNAL DAS FAMILIAS



Este vestido apresenta um novo tipo de bolero, lançado em New York, com guarnição de botões simples combinando com o tecido e pequena gola de piqué branco.

Modelos Variados



Vestido de crepe marocain verde resedá, a pala abotoada nas costas; na frente uma guarnição de veludo verde escuro.



Vestido de crepe de fantasia, fundo branco com desenhos marron, guarnecido com fitas gros-grain branca e marron.



1 — Vestido para a noite, de crepe georgette verde jade, a saia e o babado da blusa são plissados. Bouquês de flores vermelhas nos ombros. 2 — Sobre um vestido decotado de satim, este casaco de renda preta.

O Supremo padrão da plastica feminina, outrora representado pela *Venus de Milo* é hoje criação da *Cinta Moderna*

OUTRORA VENUS DE MILO	HOJE CINTA MODERNA
160 ALTURA	157
36 PESCOÇO	31
28 BRAÇO	24
88 BUSTO	80
72 CINTURA	60
95 CADEIRA	87
50 COXA	45
34 JOELHO	30
22 TORNOZELO	18½

Cintas Modeladores Soutiens

A CINTA MODERNA

PEÇAM CATALOGO

RIO DE JANEIRO

Fábrica e escritório — R. CONSTITUIÇÃO, 36 — Fone 42-2849.
Loja: — RUA URUGUAIANA, 47 — Fone 22-4053.

FILIAIS: Rua São Bento, 78 - Fone 2-7880 — São Paulo. Praça da República, 31 - Fone 46674 - São Paulo. Avenida Afonso Pena, 932 — Fone 1097 — Belo Horizonte.



Modelos Simples

Elegante modelo executado em linho ou fina lã rosa. O cinto largo, em couro bege, é adornado por uma grande fivela e pequenos pinos cor de ouro.

Elizabeth



VIÇO DA JUVENTUDE

Após um dia de intensas ocupações, as horas fatigantes deixaram sinais de cansaço no rosto, que privado de encanto e atração, perdeu o viço da juventude.

Para vivificar a cutis com um efeito imediato e eficaz, o "Creme Contra Rugas" de Elizabeth Arden deve ser aplicado, sobre as marcas do rosto e côlo. O "Creme Contra Rugas" permanecendo por meia hora na cutis, depois de uma limpeza da pele com o "Ardena Creme de Limpeza" unido ao "Ardena Tônico para a Pele", não somente elimina as rugas e linhas, como proporciona novamente á tez, o brilho que pela manhã ostentava.

Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA



Vestido de crepe azul-marinho, saia simples, completada por interessante túnica, franzida na cintura, abotoada totalmente, botões da mesma cor do tecido.

A sapataria mais querida da cidade, onde a arte impera e o bom gosto domina.

48-RUA DA CARIOCA-48
Insinuante

Compre se lhe convier, mas não deixe de ver as novas exposições.

ULTIMAS CREAÇÕES



Juvenil chapéu de palha ornado com flores e longo véu.



Chapéu simples, de palha brilhante azul marinho.



Elegante chapéu em feltro bege, copa forrada com larga fita de seda, e completado por moderníssimo véu.



Chapéu de palha completado por pequeno véu e adornado com penas multicores.



Moderníssimo chapéu de palha brique, laços de seda bege.

Ao lado: — Chapéu de tafetá, em marrom e branco, fita de gorgorão marrom.

Toilettes para casamento



- 1 — Vestido de setim preto com drapés; casaco do mesmo tecido guarnecido com pele de raposa.
2 — Vestido de noiva, de setim branco, guarnecido com pregas e pequenos bouquets de flôres de laranja, mangas e pala de renda. Longo véu de filô mantido por um bouquet de flôres de laranja.
3 — Vestido para noiva, de crepe branco e renda; pequenos bouquets de flôres de laranja mantendo o véu de filô.



Hora de Beleza

Nos novos Salões de Helena Rubinstein, a Sra. encontrará todos os tratamentos que celebrisaram os da 5a. Avenida de Nova York e do Faubourg Saint Honoré de Paris.

HORA DE BELEZA, de Helena Rubinstein, é o tratamento básico, indispensável a toda mulher porque compreende tudo o que a cutis necessita: 1º. — Uma limpeza completa da pele; 2º. — A estimulação da circulação sanguínea, para assegurar o perfeito equilíbrio das funções cutâneas; 3º. — O tratamento especial do pescoço e dos contornos faciais, afim de conservar a elasticidade dos músculos, privilégio da mocidade; 4º. — Uma massagem científica, que revitalize os tecidos; 5º. — Uma máscara apropriada a cada tipo de epiderme; 6º. — Um "maquillage" estudado para realçar a sua personalidade.

Uma só HORA DE BELEZA é suficiente para lhe dar uma PELE NOVA. (Tratamento completo: 50\$).

Marcelle Rubinstein, diretora do Salão, terá o máximo prazer em aconselhá-la graciosamente, sobre os seus problemas de beleza.

Helena Rubinstein

SALÃO NO RIO, EDIFÍCIO BRASÍLIA
Av. Rio Branco, 311 — Fone 42-1442
Nova York - Londres - Paris - Buenos Aires



Blusa longa e saia comprida de tafetá branco com grandes rosas côr de rosa.

Toilettes para as que não são esbeltas



- 1 — Elegante manteau de crepe marocain azul marinho, as aplicações pespontadas.
- 2 — Vestido de crepe florido, fundo azul marinho com desenhos brancos. Guarnecido com corselet e franzidos.
- 3 — Vestido de crepe verde com desenhos pretos. Frente de faille ou fustão branco.

★ Batom FLAME-GLO ★

Em 10 tons modernísimos

Côr da moda ROYAL WINE

PENSAMENTOS

Nas ligações do coração, como nas estações, os primeiros frios são os mais sensíveis.

Fontenelle.

E' digno de lástima aquele que não tem um ideal, para consolar-se da realidade.

E. Marteau.

■ Não digas mal de alguém se não estás seguro do facto; se estiveres certo, pergunta-te porque o dirias.

Nenhum rio pôde voltar para a sua nascente; nenhuma flôr pôde voltar para a arvore que a deixou cair.

O arrependimento é a marca dolorosa, que o passado deixa em nós, daquilo que podíamos ter feito e que não fizemos.



Vestido prático de crepe azul marinho, guarnecido com nervuras.



Costume de lã cinza escuro, com saia pregueada. A blusa e o turbante de jersey branco ou de tom suave: azul, rosa ou verde.

SAVORA
na mesa!
bom sinal
do que será
a refeição

Savora tem sempre muitos adeptos. Isso porque Savora condimenta todos os pratos, aumenta o sabor e faz sobressair o gosto. Peça Savora ao seu empório — hoje mesmo — e verifique como faz de todas as refeições um banquete.

SAVORA



CORREIO FEMININO



A Sueli os meus agradecimentos pelas palavras muito boas que me enviou por motivo da orientação que lhe dei sobre o seu caso. É pena que haja entremetido a sua cartinha poética de considerações generosas demais sobre o Correio Feminino, motivo porque a mesma não pode ser reproduzida aqui.

*
*
*

Baixei a cabeça e curvei os ombros, instintivamente, sob o peso da responsabilidade desta secção, quando ontem recebi uma correspondência volumosíssima, de Maria Lucia.

Pensei ao iniciar estas "cartas abertas" que poderia resolver sempre os casos com um pouco de ironia e futilidade. Nunca imaginei que fosse com esta secção resolver as águas profundas das emoções alheias! Maria Lucia veio me abrir os olhos, dizendo:

"Achou você que fosse brincadeira a carta de Mme. Tédio. Tinha razão. Aquilo parecia mesmo uma caricatura, porém eu acredito em tudo que ela escreveu, porque... eu sou também Mme. Tédio! E já desesperava de encontrar uma criatura que me ensinasse, me guiasse sinceramente, nesta hora de aflição. Você se me deparou como o oásis no deserto, minha querida Consoladora! Parece-me que estou a vê-la daqui, sentada em frente à sua mesa de trabalhos, diante de uma pilha muito alta de cartas que o correio lhe trouxe de todos os recantos do Brasil. Diligentemente as suas mãos brancas e trêmulas de velhinha vão abrindo aquela correspondência volumosa, e vez por outra decerto que uma lágrima de piedade rolará de seus olhos claros e bondosos, protegidos por lentes espessas, engastadas em aros de ouro brilhante. Olhos cansados, de tanto ler... e chorar, talvez. — (Como deve reprovar as mulheres modernas que pintam as unhas e os lábios de vermelho vivo!). Conto 34 anos de idade e venho apelar para a sua experiência. Vamos ao meu caso: tenho uma linda residência, carro fechado, preto, elegante; marido bonito, advogado de renome; três filhos, verdadeiras âncoras que me prendem à vida; frequento a alta sociedade; possuo uma biblioteca que vale a pena se ver; toco piano, compreendo e amo a natureza, o bastante para me deixar cair em demoradas contemplações; tenho esplêndido rádio; não sou bonita, porém sou possuidora de uns olhos negros, ora vivos ora calmos... perigosos! Há em mim um natural **glamour**, percebo pelos olhares de admiração que me acompanham por onde quer que ande. Cuido de tudo que se refere ao meu marido, desde o servir das meias até aos mais difíceis problemas de sua carreira; vivo integrada nos seus negócios, com a intenção mesmo de torná-lo mais feliz. Si proclamo tudo isso é para que você possa ficar bem orientada. Possuo vestidos de interior que

são verdadeiros sonhos de beleza! Eu mesma me namoro deles. Mas, de que me serve tudo isso, si me sinto só, mesmo em sua presença! Ele, um homem culto, lido, inteligente e honesto, é sem alma, sem coração! Acha que me dando conforto, luxo, presentes, mandando-me flores em dias marcados, olhando pelo meu futuro e o das crianças... é bastante. E eu sofro, porque apesar de ser Mãe e mãe verdadeira, pois desde criança gostei de bonecas e meus filhos são verdadeiras bonecas de carne, eu vivo desesperada, cheia de tédio e aborrecimento! Queria tão pouco! "Exigia" apenas, de meu marido, que **ele reparasse que todos os dias há um doce, uma flor, uma sala-da, um pastel, feitos por mim para a sua alegria** e, mais que tudo isso... uns olhos que o esperam cheios de ternura para festejar a sua volta! Ele é sem piedade, não nota, não agradece. Prefere ficar pelos cantos, ensimesmado, quando **sabe** que estou à altura de conversar com ele e estou a par de tudo que vai pelo mundo! É duro. É insuportável. **Não repara nunca que me fiz bonita para ele**, que eu e os filhos estamos loucos para vê-lo. Às vezes abençoa as crianças, às vezes nem se lembra. Às vezes me pespega um desses beijos de despedida que não querem dizer nada, às vezes nem se lembra... (Ah, os tais beijos distraídos, "automáticos", que doem mais que uma ofensa...) É um insensato que desconhece a própria felicidade. Si me queixo, diz que é pieguismo e ele não gosta disso, "não tem tempo" para perder com conversinhas fiadas! Encho-me de tédio. As crianças não me bastam. Sinto-me sozinha em minha casa com o meu próprio marido. Ai, quem me dera que ele fosse ciumento!

Que fazer, querida Consoladora?

Maria Lucia.

*
*
*

Minha "pobre menina rica":

Embora não me seja muito lisonjeira a impressão de velharia que deixo sempre em todos aqueles que me conhecem apenas através do que escrevo, prefiro que vocês guardem mesmo, de mim, a idéia de uma velhinha de óculos, "mãos brancas e trêmulas, olhos claros e bondosos"... (Como é fantástico o poder da auto-sugestão!). Você diz que tem trinta e quatro anos e apela para a **minha experiência**... Está bem, querida. Eu não estou aqui propriamente para ensinar e sim para colaborar com vocês em tudo que me for possível. O seu caso é o mais complicado e doloroso que me chegou até hoje ao conhecimento através desta secção. Fi-

quei emocionadíssima, por ter merecido de quem não me conhece de perto a confiança ilimitada que você me demonstrou, apresentando-me a sua alma como um livro aberto, onde pude ler da primeira à última página. Obrigada! Mas, há de compreender que aquele assunto não pode ser discutido "por inteiro" nesta secção. Pretendo ocupar-me depois em estudar profundamente esses problemas sociais, que não são propriamente seus, porém de muita gente.

Quem me dera poder dizer bem alto ao seu marido: "Insensato, que consideras o dinheiro o grande bem da vida, então não compreendes que o maior tesouro é exatamente esse que aí está, tão perto de ti e entretanto desconhecido? Ela não é piegas, é sensível. Coisas tão diferentes como água e vinho. Não é uma boneca, é uma mulher que vibra e sente intensamente a vida. Acorda, insensato!"

Minha pobre menina rica, vou lhe aconselhar uma coisa: deixe que o seu marido leia em seu pensamento como eu o fiz. Por que hei de lhe merecer mais confiança do que ele? Mostre-lhe francamente o abismo em cujas bordas você está se debruçando, quero dizer, **faça-o compreender** que semelhante indiferença só poderá levar a um fim: à desagregação da vida de vocês. Não adquira o hábito de fazer conjecturas como esta: "por que será que ele é assim?" A vida já é tão má em si mesma, não busque na imaginação coisas que talvez nem existam na realidade. Prefira acreditar que se trata de genio esquisito, e pronto. A solução que você apresenta não resolveria o caso, porque a felicidade não está nas emoções violentas e sim na paz de espírito. Onde imagina que iria encontrar enfim a ventura completa, é bem provável que só encontrasse novas fontes de amargura e desencanto. Não assuma para com seu marido aquela atitude que você chama "altivez" e que afinal não passa de insensatez, e grande (perdoe-me a franqueza). Si o ama de verdade, deve até se considerar feliz em se humilhar um pouquinho, em deixá-lo sentir que é mais forte, que a domina por inteiro. Essa história de independência absoluta do espírito da mulher pode ficar muito bem no programa de alguma feminista visionária. Si a mulher conseguisse se emancipar completamente (falo no sentido espiritual) perderia as suas características essenciais, a sua razão de ser. Mas, graças a Deus isto nunca há de acontecer, porque ninguém pode fugir aos imperativos de sua própria constituição psicológica.

Pobre menina rica, volte para o lugar de onde nunca deveria ter saído... compreende? E eu lhe garanto como voltará também a ser feliz. Fale com ele, exponha-lhe tudo direitinho, não seja áspera nem choramingas, fale nessa hora como quem está falando a um irmão bom e compreensivo. Chame-o de insensato um

pouco antes, porém tenho a certeza de que o é inconscientemente. Quando se aperceber de que está se arriscando a perder essa mulher admirável que é você, sou capaz de jurar como se encherá de zelos. Si eu, que apenas a conheço através de uma carta, tomei-lhe estima e a admiro, o que se passará com ele?! Não tema que algum dia possa ser identificada pela carta que me escreveu. Embora não tenha demonstrado essa preocupação, acho bom dizer-lhe que datilografei a sua confissão sincera para o meu arquivo e me desfiz no mesmo instante dos originais. Daqui a algum tempo, nem eu mesma me lembrarei de que Estado, de que cidade me foi remetida uma correspondência expressa num envelope azul... Inteligente como é, há de compreender que desvirtuei alguns factos exatamente para dificultar a sua identificação perante algum conhecido.

Ou muito me engano, ou esse tédio que experimenta não é devido somente à atitude do seu marido. Si ele fosse exatamente o que você idealizou, é bem possível que sentisse então a mais amarga e a mais dolorosa de todas as insatisfações: a insatisfação de si mesma, porque você tem alma de artista. Dedique-se mais ao piano. Quem diz **arte**, diz **evasão da vida**, e embora muitas vezes nem mesmo na arte encontremos a felicidade... afinal de contas sempre se encontra ali um consolozinho bem apreciável.

Espero que saiba ler bem nas entrelinhas, minha pobre menina rica. E agora, vou lhe pedir uma coisa: escreva-me outra vez, sim? E, daqui até lá... tenha muito juízo. Promete?

Ignês Mariz

Novo... CREME
Desodorante que Detém
A Transpiração
das Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

As mulheres usam mais Arrid do que qualquer outro desodorante. Experimente um pote hoje mesmo!

ARRID

Tamanho econômico

9\$500

Tamanho pequeno 4\$500

MASCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
CASA CIRIO — OUVADOR 181

Pull-over sem mangas, em tricot de lã



Para este pull-over são necessárias 300 grs. de lã fina, duas agulhas longas de 2 1/2 mm., duas outras de 3mm., cinco agulhas curtas de 2 1/2 mm. de diâmetro.

Pontos empregados: de listas — tricotar seguindo o desenho de pontos contados e examinar também o fragmento.

Ponto de gaita simples — tricotar uma malha pelo direito, uma malha pelo avesso.

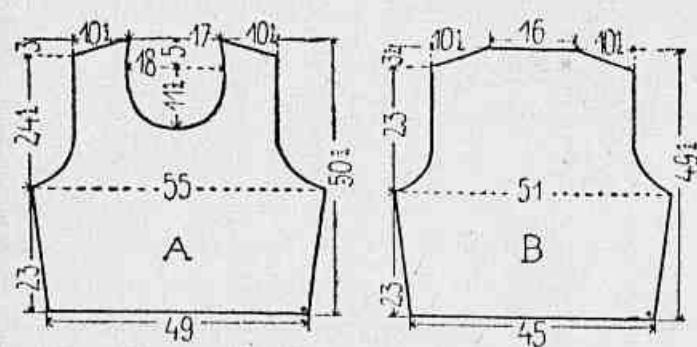
Execução — Frente: — Trabalhar com as agulhas mais grossas e começar no ponto marcado O no desenho. Pôr na agulha 2 malhas e tricotar primeiro 24 carreiras (6 centímetros); na beirada direita, pôr de novo, para enviezar a costura lateral esquerda, quatro vezes 4 malhas e oito vezes 5 malhas, e ao mesmo tempo aumentar no lado oposto (parte de baixo) 1 malha em todas as 4 carreiras (largura 64

malhas, 24 centímetros e meio). No decorrer das 18 carreiras seguintes, aumentar sómente na beirada esquerda 1 malha na 4.^a, 7.^a, 10.^a, 13.^a e 16.^a carreiras. Tricotar ainda 18 carreiras e na beirada direita, aumentando para a cava esquerda 1 malha todas as 3 carreiras, e ao mesmo tempo aumentar 1 malha todas as 4 carreiras na beirada esquerda. Tricotar 10 carreiras (2 centímetros e meio) e aumentar 1 malha em cada carreira do lado da cava (direito), no lado esquerdo aumentar 1 malha nas 5.^a e 10.^a carreiras (largura 91 malhas — 35 centímetros). Seguem-se 24 carreiras e, no lado direito, pôr de novo para a cava onze vezes 3 malhas e uma vez 4 malhas, ao mesmo tempo aumentar 1 malha em cada 4 carreiras da beirada esquerda (largura 134 malhas — 51 centímetros e meio). No decorrer das 26 carreiras seguintes, aumentar na beirada esquerda 1 malha em cada 3 carreiras; na beirada direita diminuir para o enviezado do ombro 1 malha nas 8.^a, 16.^a, e 24.^a carreiras (largura 139 malhas — 35 centímetros e meio). Depois separar o trabalho para formar a gola: na carreira seguinte, tricotar 23 malhas e pô-las num alfinete de segurança; fechar as 8 malhas seguintes. Acima das 108 malhas restantes tricotar 18 carreiras fechando para a gola uma vez 5 malhas, uma vez 3 malhas, duas vezes 2 malhas, cinco vezes 1 malha, ao mesmo tempo aumentar uma malha todas as 3 carreiras na beirada esquerda. Tricotar 12 carreiras (3 centímetros), na beirada da gola diminuir 1 malha todas as 4 carreiras, na beirada esquerda aumentar 1 malha todas as 4 carreiras. No decorrer das 16 carreiras seguintes aumentar sómente na beirada esquerda 1 malha todas as 4 carreiras. Tricotar 12 carreiras aumentando 1 malha todas as 2 carreiras no lado da gola, na beirada esquerda aumentar 1 malha todas as 4 carreiras (largura 110 malhas — 42 centímetros). Seguem-se 22 carreiras (5 centímetros e meio), para a gola, aumentar de novo quatro vezes 1 malha, quatro vezes 2 malhas, uma vez 3 malhas, uma vez 4 malhas e uma vez 9 malhas, na beirada esquerda fechar para o enviezado da costura lateral direita oito vezes 2 malhas e tres vezes 3 malhas (largura 113 malhas — 43 centímetros e meio). Tricotar 6 carreiras, no lado esquerdo (costura lateral) diminuir 1 malha em todas as carreiras, na beirada direita para o enviezado do ombro diminuir 1 malha nas 2.^a, 4.^a, 5.^a e 6.^a carreiras (largura 103 malhas — 39 centímetros e meio). — Separar em seguida o trabalho para a cava direita. Para isso tricotar na carreira seguinte 56 malhas, pô-las num alfinete de segurança, fechar as 9 malhas seguintes e tricotar sobre as 38 malhas restantes 18 carreiras; na beirada esquerda fechar 7 vezes 2 malhas, duas vezes 3 malhas, ao mesmo tempo fechar na beirada direita para a cava tres vezes 3 malhas, tres vezes 2 malhas e tres vezes 1 malha. Tricotar em seguida sobre as malhas do alfinete de segurança 28 carreiras (7 centímetros); na beirada esquerda (beirada da cava) fechar 14 vezes 3 malhas, na beirada direita diminuir de 1 malha todas as 2 carreiras, isto para o enviezado do ombro. Tricotar 16 carreiras (4 centímetros) sobre as 23 malhas do alfinete de segurança no começo da gola e fechar para a gola duas vezes 4 malhas, duas vezes 3 malhas e quatro vezes 2 malhas, ao mesmo tempo diminuindo na beirada oposta 1 malha todas as 5 carreiras, isto para o enviezado do ombro.

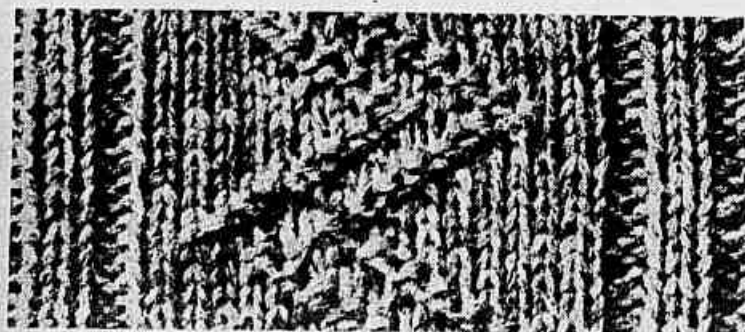
Costas: — Trabalhar igualmente com as agulhas mais grossas, e começar no lugar marcado no molde por uma cruz pondo na agulha de tricot 2 malhas e trabalhar no ponto de listas, primeiro 30 carreiras (7 centímetros e meio); na beirada direita aumentar, para enviezar a costura lateral direita, seis vezes 3 malhas e nove vezes 4 malhas, ao mesmo tempo aumentar na beirada esquerda (parte de baixo) 1 malha todas as 3 carreiras (largura 66 malhas — 25 centímetros e meio). Tricotar 14 carreiras (3 centímetros e meio) aumentando 1 malha todas as 3 carreiras do lado esquerdo; no lado direito diminuir para a cava direita 1 malha na 6.^a carreira. Tricotar 12 carreiras aumentando 1 malha todas as 3 carreiras do lado esquerdo; na beirada direita aumentar 1 malha todas as 4 carreiras (largura 76 malhas — 29 centímetros e meio). No decorrer das 38 carreiras seguintes aumentar de novo para a cava quatro vezes 1 malha, quatro vezes 2 malhas e onze vezes 3 malhas, ao mesmo tempo aumentar de 1 malha todas as 3 carreiras da beirada esquerda (largura 133 malhas — 51 centímetros). Tricotar 44 carreiras (11 centímetros) aumentando 1 malha todas as 3 carreiras da beirada esquerda, na beirada direita diminuir para o enviezado do ombro 1 malha, nas 10.^a, 20.^a, 30.^a, 40.^a carreiras. No decorrer das 22 carreiras seguintes, diminuir 1 malha todas as 3 carreiras do lado direito, ao mesmo tempo aumentar do lado esquerdo 1 malha todas as 3 carreiras (largura 143 malhas — 55 centímetros). Tricotar 36 carreiras (9 centímetros) diminuindo 1 malha em todas as carreiras do lado esquerdo para enviezar a costura lateral esquerda; na beirada direita diminuir 1 malha todas as 4 carreiras (largura 98 malhas — 37 centímetros e meio). Separar então o trabalho para a cava esquerda; na carreira seguinte tricotar 64 malhas, pô-las num alfinete de segurança, fechar as 5 malhas seguintes e tricotar 14 carreiras sobre as 29 malhas restantes, na beirada esquerda (costura lateral) diminuir 1 malha todas as carreiras; na beirada direita fechar para a cava uma vez 5 malhas, uma vez 3 malhas, duas vezes 2 malhas e tres vezes 1 malha. Tricotar em seguida 20 carreiras (5 centímetros) sobre as 64 malhas do alfinete de segurança, na beirada direita diminuir para o enviezado do ombro 1 malha todas as 2 carreiras, ao mesmo tempo diminuir na beirada esquerda dezesseis vezes 1 malha e quatro vezes 2 malhas.

Tricotar ainda 10 carreiras (2 centímetros e meio), diminuindo 1 malha em todas as carreiras na beirada direita para o enviezado do ombro, na beirada esquerda diminuir de 2 malhas em todas as carreiras na beirada direita para o enviezado do ombro; na beirada esquerda diminuir 2 malhas em todas as carreiras.

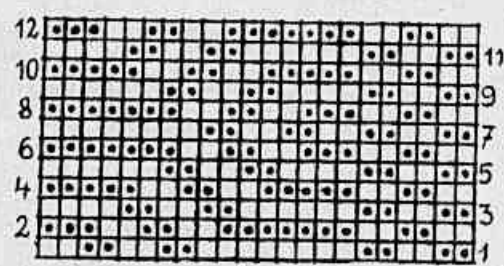
Depois apanhar na parte de baixo da frente e das costas, cada uma por sua vez, com as agulhas mais finas, todas as malhas e fazer 7 centímetros e meio no ponto de gaita simples. Juntar depois os ombros e apanhar com a agulha fina todas as malhas em volta da gola e tricotar 2 centímetros e meio no ponto de gaita simples. Fazer a mesma coisa em volta das cavas, depois de fechadas as costuras dos lados.



O molde com as suas medidas.



Fragmento do ponto.



Desenho dos pontos marcados para as listas. Cada casa representa uma malha. Os sinais: quadrado, 1 malha pelo direito; 1 ponto, 1 malha pelo avesso. Ler da direita para a esquerda as carreiras marcadas com numeros impares e da esquerda para a direita as carreiras marcadas com numeros pares. O modelo representa em altura e em largura o que se deve sempre repetir.

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE **ESTIMULA O CEREBRO** **DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS**

Pijamas e roupão



1 — Elegante pijama de crepe da China rosa, o casaco com aplicações de setim preto. 2 — Roupão de veludo côtelé azul hortense, com corselet. 3 — Pijama de shantung verde claro. O casaco guarnecido com preguinhas respontadas.

CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
CASA CIRIO — OUVIDOR 181

Frentes, golas e jabots



Numa blusa branca esta frente e gola de zefir branco com listas azues.



Numa blusa de cambraia esta frente com guarnição plissada e gola-gravata.



De crepe Georgette branco ou de tom suave este jabot guarnecido com uma rosa do proprio tecido.

Yardley LAVENDER



Yardley English Lavender — Sabonete, Sais para Banho, Talco, Brilhantina, etc. Ilustrados também o famoso Pó de Arroz, Creme e Baton, produtos Yardley indispensaveis para perfeita beleza.

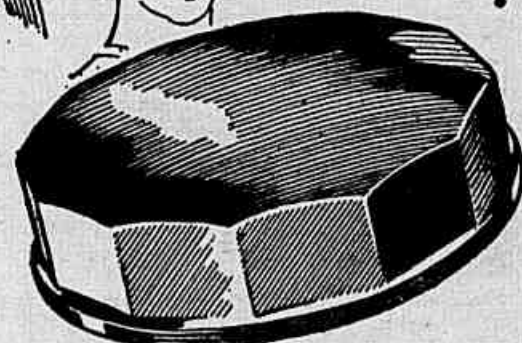
Yardley Lavender é, há muitos anos, o perfume mais apreciado pelas damas elegantes de todas as grandes metrópoles. De fragrância pura e suave, é delicioso para uso durante o dia e em reuniões vespertinas despidas de formalidade.

LAVENDER e BELEZA

YARDLEY 33 OLD BOND STREET LONDON



O rubor
nas faces
fascina
o seu
amado?



Rouge Zande

empresta às faces uma cor suave e acariciadora que faz realçar a beleza natural. É mais fácil obter uma maquiagem perfeita usando somente os produtos ZANDE. Seis cores, para tôdas as cutis.

Só se vende ZANDE nas melhores casas — mas a um preço que o põe ao alcance de todos os rostos.



...e o Baton ZANDE!

Para se obter lábios suaves de delicados contornos que exercem magnética atração. ZANDE adere durante mais tempo. Seis cores. Quatro tamanhos.



Pijama de zefir, fundo branco com xadrez verde. No casaco bolsos aplicados e faixa do proprio tecido.

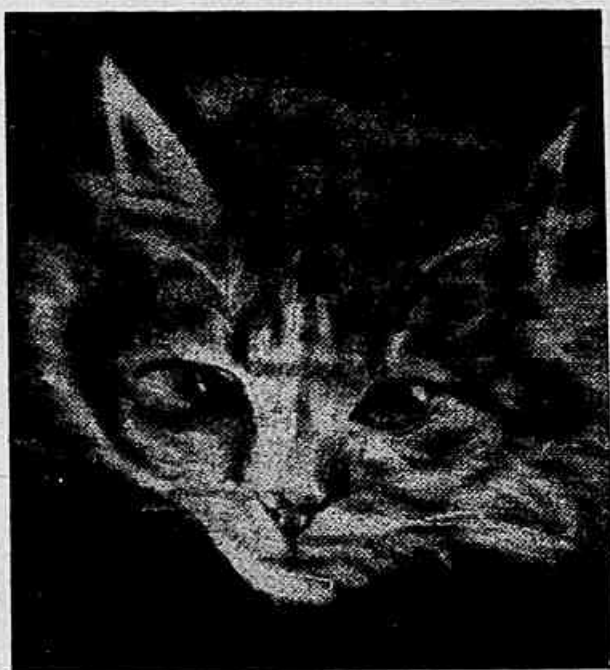
Sua excelencia o GATO

Artista até nos seus menores gestos, tendo consciência da sua beleza, de todos os animais o gato representa a elegância mais requintada...

Gostamos do gato... ou o detestamos. Seus inimigos acusam-no de hipocrisia, quando este diletante não abdica nunca do seu brio, adora acima de tudo sua liberdade, obedece só a quem lhe agrada e quando lhe apraz, não tolera carícias senão quando quer, não suporta nenhum constrangimento, não admite a confusão da amizade com a tirania.

Théophile Gautier, fervoroso amigo dos gatos, dizia: "Algumas vezes, colocado deante de nós, o gato olha-nos com um olhar tão carinhoso e tão humano que é impossível supor que o seu pensamento esteja ausente."

O gato apareceu no Egito na época da XII dinastia. Animal sagrado, era representado sobre os monumentos no seu papel simbólico, personificando a pureza, e, sob o nome de Pakht, sua estatua figurava à entrada dos templos.



Dedicava-se as crianças aos gatos, cada uma trazendo sobre si a efígie daquele ao qual tinham sido consagrado. O respeito por este animal era tal que matá-lo, mesmo involuntariamente, constituía um sacrilégio punido com a morte.

Somente no ano de 1100 — época de uma grande invasão de ratos — é que foram domesticados os gatos na Europa, sendo eles dos últimos animais entre os domesticados.

Sobre a origem dos gatos ha a interessante versão árabe de Mutadi, traduzida em 1665 por Valtier: "Os ratos pululavam na Arca, roendo sem discreção o alimento dos outros passageiros. No fim Noé zangou-se e, gesticulando, sem querer deu um tapa no leão, assentado perto dele. O leão espirrou... um belo gato, que fez grande massacre de roedores, sem no entanto exterminar completamente esta maldita raça".

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

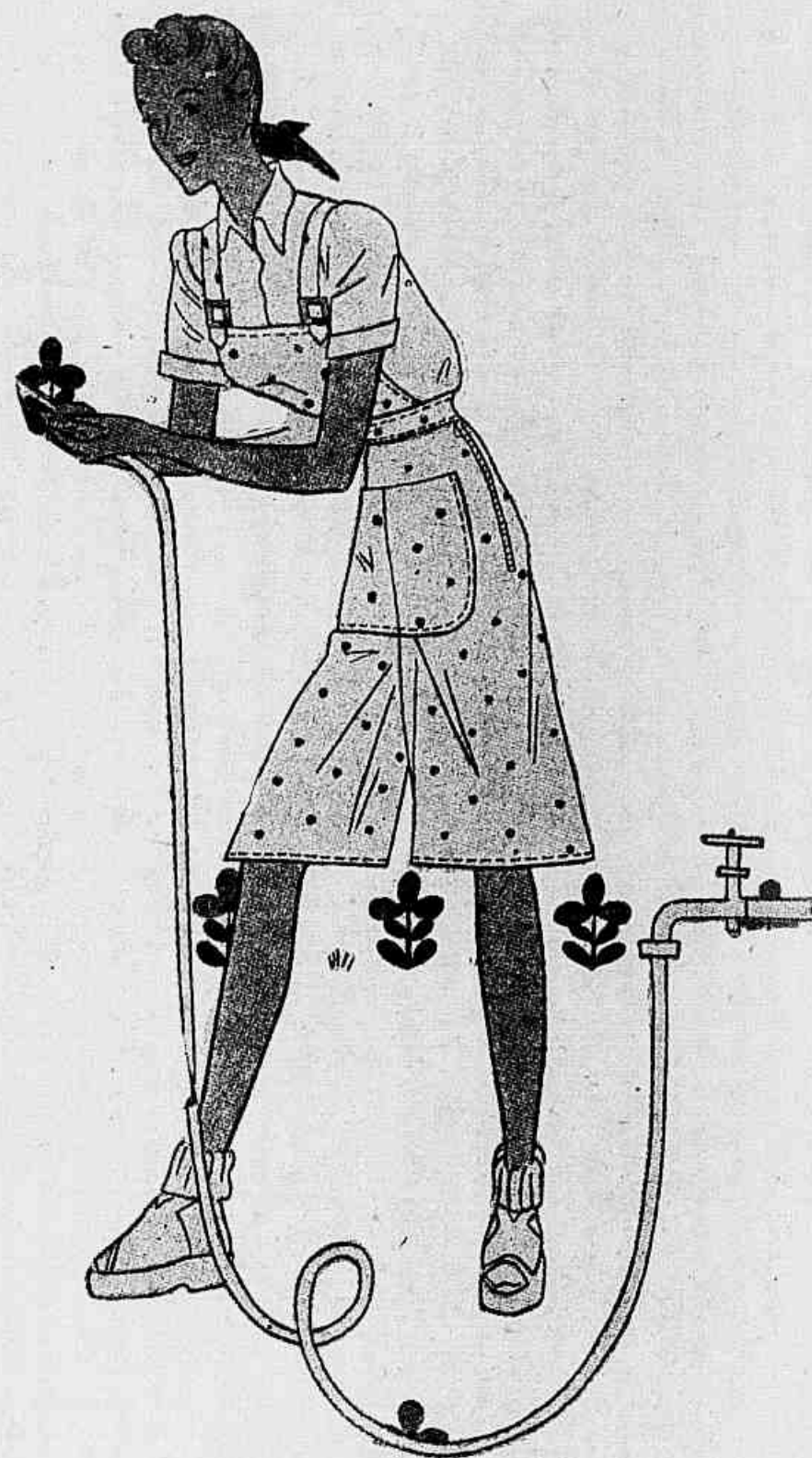
O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



1 — Roupão de linho de fantasia, guarnecido com bolsos aplicados e botões. 2 — Vestido de zefir listado, no corselet as listas no sentido horizontal. 3 — Calça longa de linho ou fustão branco, com frente de avental, blusa de zefir de xadrez vermelho sobre fundo branco.

Vestuarios singelos para a praia e casa



4 — Calça curta com frente de avental, de linho branco, com pintas azues e pespontos. Grande bolso na frente. Blusa de linho branco.

Devido aos seus ares misteriosos, seu caráter reservado, o gato desde a idade-média figurou nos numerosos processos de feitiçaria, sob a acusação de ser uma incarnação do diabo.

E esta crendice ficou tão tenaz que subsistirá ainda durante muito tempo. Na alta Bretanha, garantem ainda que os gatos pretos reúnem-se de noite, perto dos calvários; e a Cruz-Magueron, em Saint-Père-Marc-en-Poulet (que nome), tem por sua parte adquirido uma certa fama pelos sábados que ali têm lugar, nas noites sem lua, os gatos vindo de cinco leguas em redor.

Entre as lendas do odio do cão pelo gato contam-se estas:

Um dia, para distrair os seus Eleitos, o Creador teve a idéia de fazer um jardim zoológico no Paraizo. Os arcanjos, encarregados de reunir um representante de cada especie animal, tinham se esquecido do gato e do dromedario. Pediram portanto ao cão ir dar uma volta pela terra e trazer uma amostra destes dois animais. Cheio

de corajoso ardor o cão partiu e percorreu o mundo em todos os sentidos quando, numa volta de caminho, encontrou-se frente a frente com um gato que, surpreendido, corcoveou-se. "Não pôde haver engano, pensou o cão, este é o dromedario com a sua corcunda!"...

Rapidamente agarrou o gato pela pele do pescoço e veio depô-lo aos pés do Creador, explicando: "Pae Eterno, não pude encontrar o gato, mas está aqui o dromedario, por ora!"...

Imagina-se bem as gargalhadas que acolheram esta ingenuidade e quanta troça não foi feita ao cão! Vexado ao ultimo ponto tomou odio ao gato: por esta razão não pôde vê-lo numa rua sem lançar-se em sua perseguição.

Ha outra lenda no mesmo genero: No tempo de outrora — trata-se da prehistoria — um cão, tendo encontrado um gato corcoveando as costas, dissera-lhe: "Bom dia, dromedario!"

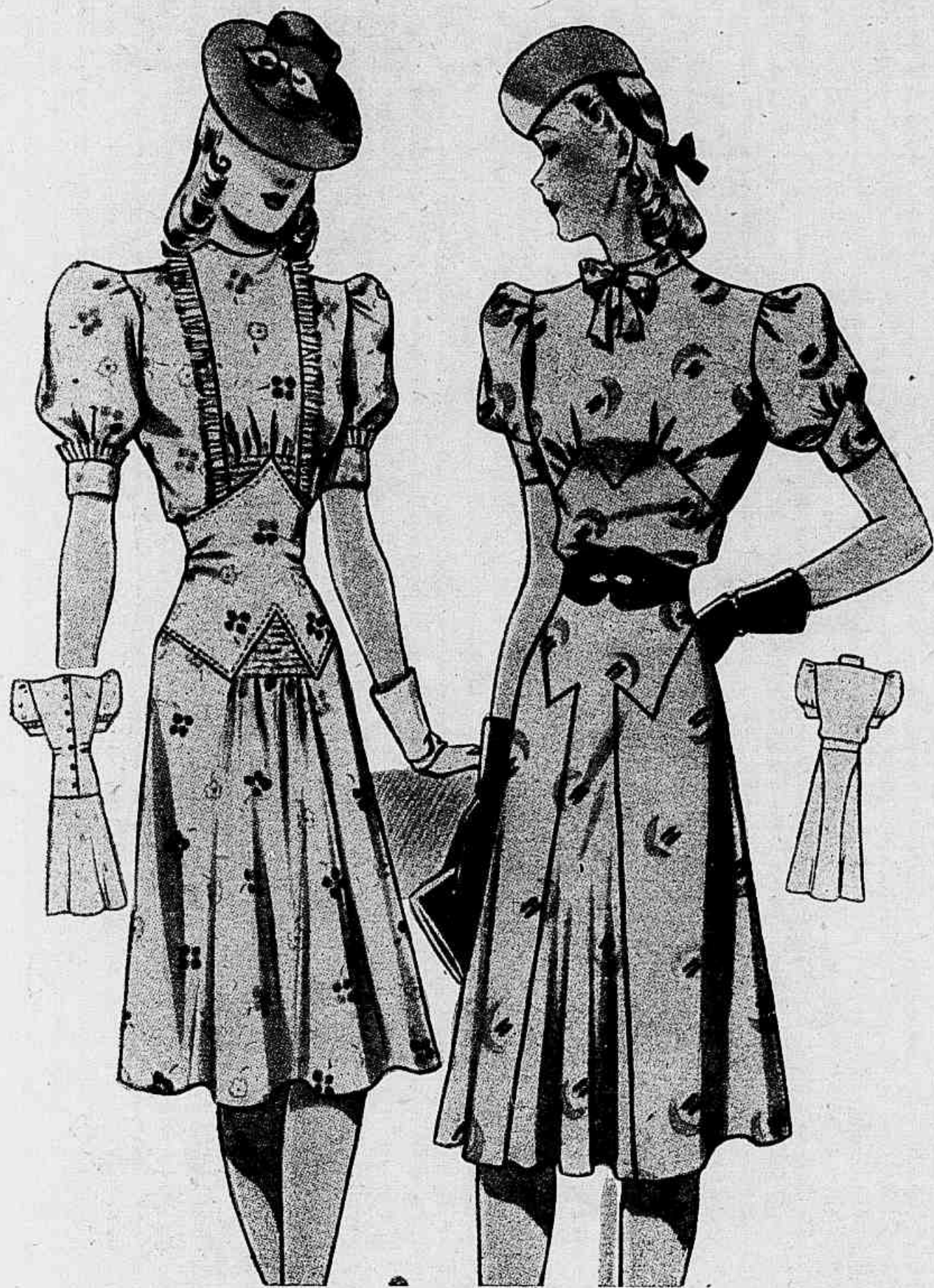
O gato, ofendido, teria dedicado um

odio mortal ao cão e o teria transmitido a toda a sua geração.

Em algumas provincias francesas diz-se **gulosos como um gato de juiz, descarados como um gato, fazer gata a alguém** significa não manter as promessas. As pessoas ruins são qualificadas de **más como um gato de Maio** (havendo esta superstição que os gatos que nascem neste mez são piores que os outros). Dizem também das pessoas que tem sorte: **ela tem um gato de prata**. Dizem também que a mulher que cuida bem dos gatos terá bom marido, assim como dizem que uma jovem que se quer casar deverá tomar cuidado para não pisar numa cauda de gato, senão... terá ainda sete anos de celibato...

Mas é preciso ainda acrescentar que não se deve acariciar o gato, porque ele caça o rato (animal portador de microbios de muitas doenças graves). O gato, depois de comer o rato, lambe-se todo, quer dizer que o seu pelo fica contaminado e que o acariciando pôde-se facilmente apanhar uma dessas terríveis doenças.

Vestidos para passeio



1 — Vestido de crêpe de fantasia, abotoamento nas costas e formando corselet na frente, enfeitado com ordens de franzidos e babadinhos plissados. 2 — Vestido de crêpe de fantasia, cinto de camurça no tom dos desenhos, manguinhas bouffantes.



Sobre um vestido de crepe preto com desenhos brancos, um casaco de crepe marocain branco.

Por que Encobrir

A ATRAÇÃO DO SEU ROSTO?



Se aparecem na sua pele — alva e delicada — manchas, sardas, cravos e espinhas, provocadas pela inclemência do Sol... Frio... Vento ou intempéries, não recorra aos excessivos artifícios para encobri-las ocultando, assim, a atração natural do seu rosto.

— CORRIJA

AS IMPERFEIÇÕES DA SUA PELE COM
LEITE DE COLONIA!

E reaparecerá, mais vivo, em seu rosto, o encanto natural que os artifícios desmerecem. Leite de Colonia remove manchas, sardas, cravos e espinhas. Aplique-o duas vezes ao dia: pela manhã e à noite. E aguarde os resultados desse fácil tratamento de beleza do Dr. Studart, que as mais lindas mulheres do Brasil já consagraram. Leite de Colônia limpa, alveja e amacia a pele. É também excelente fixador do pó de arroz.



Leite de Colonia,



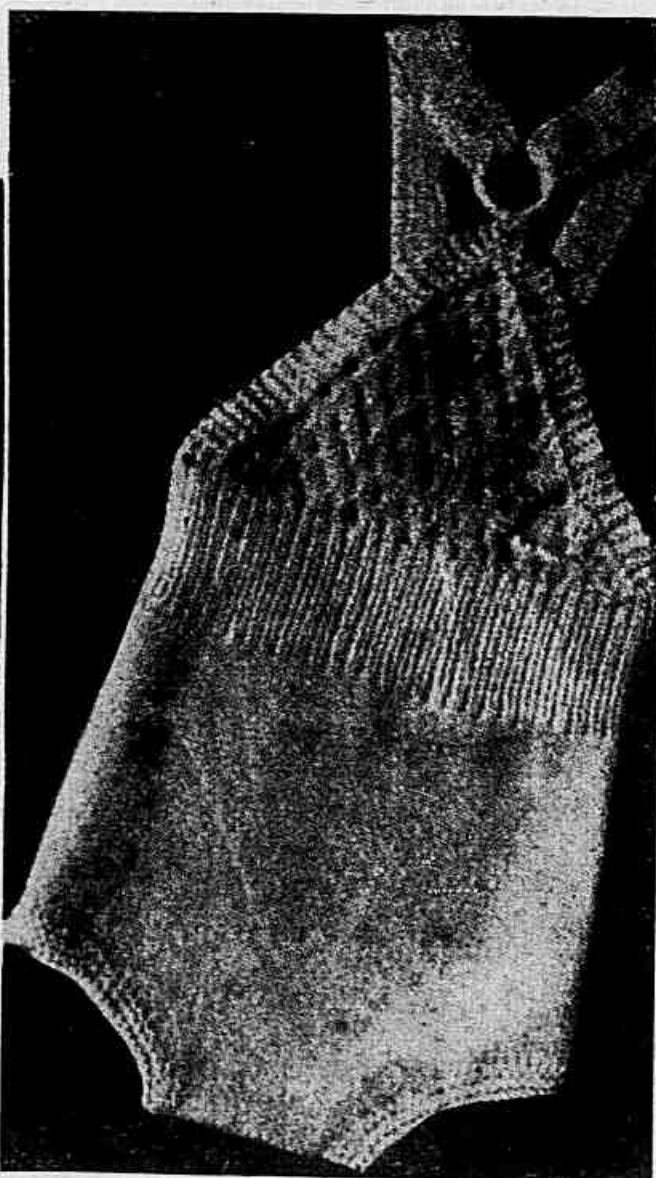
STAFIX fixa o penteado, mantendo-o sempre elegante. dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

Modelos para Crianças



1 — Vestido de crepe Georgette cor de morango, com faixa e gravata do mesmo tecido. 2 — Vestido de crepe baço azul claro, guarnecido com pregas, vize de crepe azul mais vivo formando desenhos na pala. Deste mesmo crepe a faixa.

Roupinha de tricot de lã para a praia



Para uma criança de dois anos a dois anos e meio são necessárias 100 grs. de lã de 6 fios e 2 agulhas de tricot de 4 mm. de diâmetro.

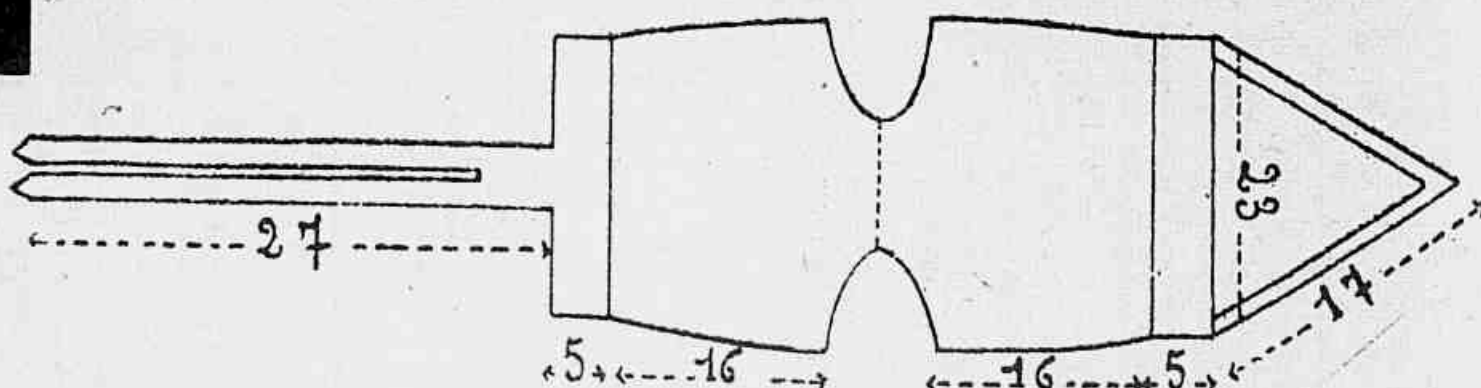
uma agulha de crochet de 3 mm. de diâmetro e uma argola de osso ou metal niquelado.

Pontos empregados — Ponto de crochet: meter a agulha, 1 laçada, puxar o fio, 1 laçada, escorregar as duas malhas.



1 — Vestidinho de tafetá azul, guarnecido com babadinhos e franzidosinho de abelha. 2 — Vestido de crepe rosa com desenhos azul marinho, manguinhas bouffantes e faixa do próprio tecido. 3 — Vestido de crepe branco, pala, mangas e barra da saia com finas pregas.

Ponto de musgo — com as agulhas de tricot, sempre todas as carreiras pelo direito.
Ponto de jersey: 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso.
Ponto rendado: 1.ª carreira: (x) 1 malha pelo direito, 2 malhas juntas pelo direito, 1 laçada, recomendar em (x).
2.ª carreira: todo pelo avesso.
3.ª carreira: toda pelo direito.
4.ª carreira: toda pelo avesso.
Recomeçar sempre essas 4 carreiras, mas deslocando para que os abertos fiquem em vize. Para isso começar a 5.ª carreira por 2 malhas pelo direito e em seguida 2 malhas juntas

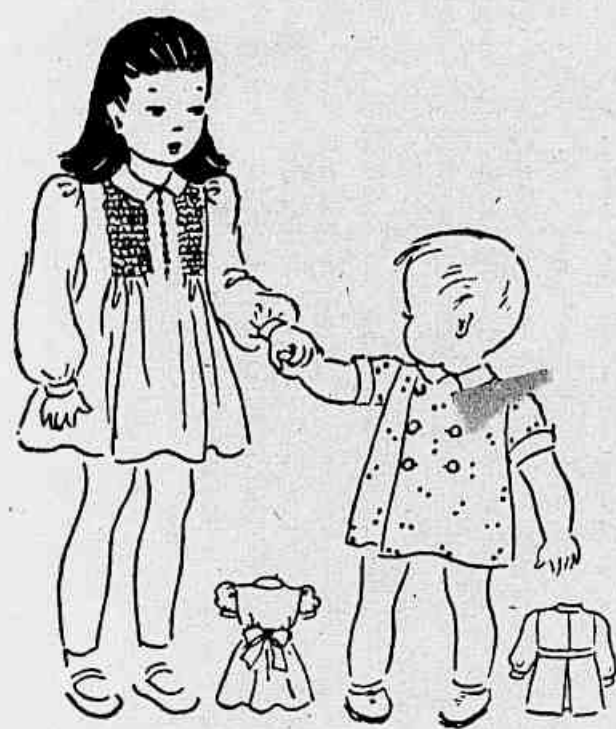


O molde com as suas medidas.

Vestidinhos para meninas



1 — Vestido longo de crepe da China branco com pintas azues, guarnecido com preguinhas e babadinhos. Faixa do próprio tecido. 2 — Vestido de tafetá verde jade, enfeitado com ruches. 3 — Vestido de setim rosa claro, guarnecido com renda branca, bouquet de rosinhas na pala.



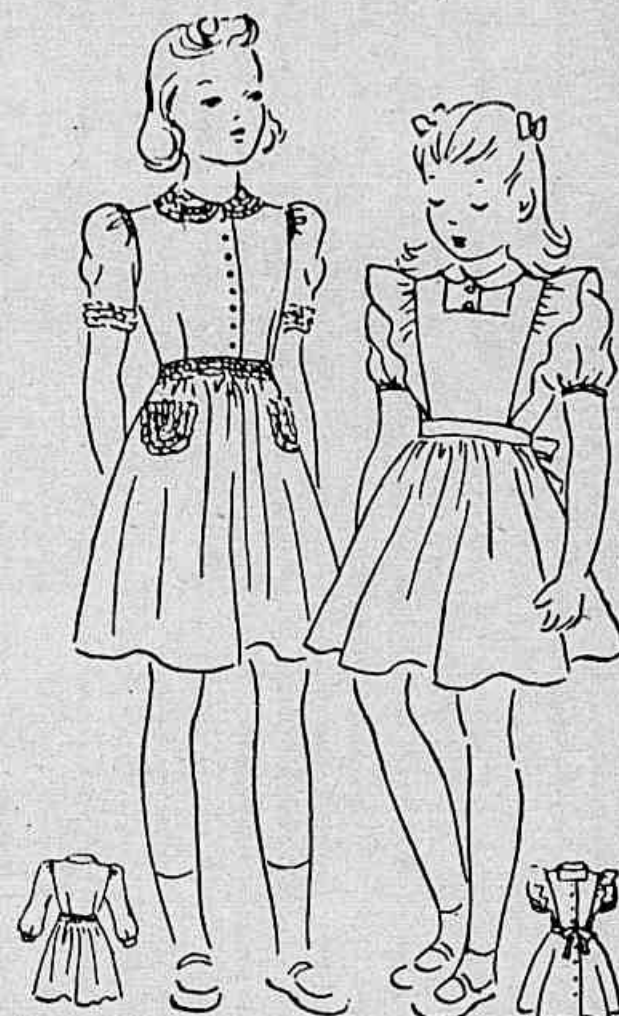
1 — Vestido de crepe rosa, as frentes guarnecidas com franzidos, faixa atrás. 2 — Casaco de fustão de fantasia.

A' direita:

Saia plissada com bretelles de linho branco. Blusa de opala branca com pintas vermelhas.



Casaco de fustão branco, a gola e punhos festonados e bordados.



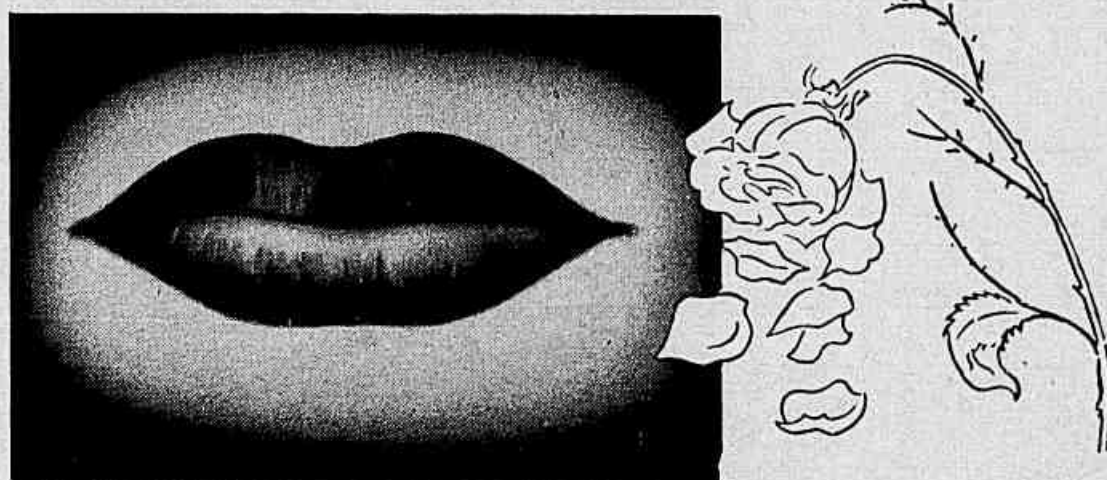
A' direita: 1 — Vestido de crepe georgette azul, a saia com ordens de franzidos. A gola, punhos e bolsos guarnecidos com renda valencienne. 2 — Avental de zefir rosa, abotoado nas costas.

Depois de feitas as costuras dos lados, apanhar as malhas em volta das pernas e fazer 6 carreiras no ponto de musgo.

Fazer a costura na entre-pernas.

Fazer com a agulha de **crochet** um ponto de malhas apertadas em volta da argola e pregá-la na ponta da frente. Fixar as pontas das **bretelles** na argola.

— UMA GRANDE NOTICIA para as moças de *Lábios Secos*



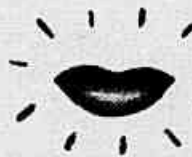
RESOLVIDO O PROBLEMA DOS LÁBIOS SÊCOS, MURCHOS, SEM VIDA!



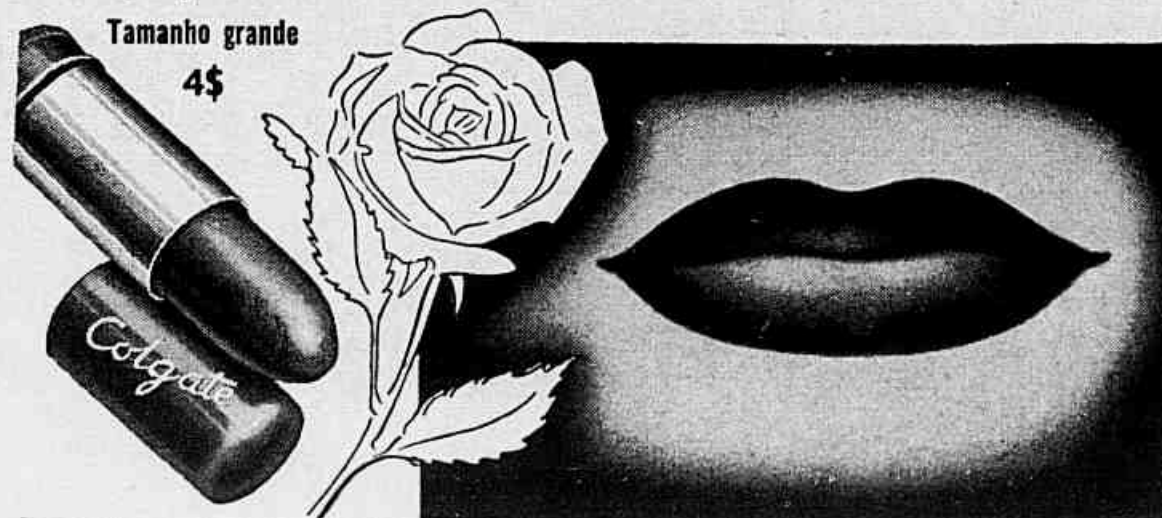
Sim! As moças de lábios sêcos, que ansiam torná-los suaves, frescos, com brilho, têm agora esta magnífica surpresa! Um NOVO Batom Colgate, importado da América do Norte, feito com uma fórmula especial

oleosa para suavizar e embelezar os lábios sêcos!

Este novo tipo oleoso de Batom Colgate contém finos cremes protetores e... oferece as mesmas 5 tonalidades do Batom Colgate Normal, inclusive a cor da moda: VERMELHO AMAZONAS!



O Batom Colgate vem agora num cartãozinho marcado: TIPO OLEOSO ou TIPO NORMAL!



ASSIGNATURAS DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

TRATAR NA **AGENCIA DE MARIA**

Rua José Bonifácio n. 392

Telephone 2 - 9827

Menu de almoço

SOPA DE MOCOTO' A' INGLESA — OSTRAS A' TARTARA —
SALADA DE ALFACE — RAVIOLI DE CARNEIRO A' GREGA —
TOURNEDOS A' FRANCESA — CENOURAS A' POULETTE —
AMBROSIA — BOLO AMERICANO

SOPA DE MOCOTO' A' INGLESA

Lavar bem dois pequenos mocotós de vitela, pôr num caldeirão com um pedaço de presunto cru, molhar com 4 ou 5 litros de água fria, escumar o líquido assim que ferver, depois pôr em fogo menos forte, juntar 2 **poireaux** e uma raiz de aipo e deixar cozinhar muito bem. Juntar 250 grs. de arroz lavado e deixar cozinhar.

No intervalo, aferventar 7 ou 8 pés de alface. Raspar um pepino e corta-lo em fatias, aferventa-lo também na água temperada com sal, pôr para cozinhar também 2 punhados de pontas de aspargos e igual quantidade de ervilhas em grão.

Um pouco antes de servir, passar na manteiga quente a alface e as rodela de pepino, arrumar no fundo da sopeira, assim como as pontas de espargos e as ervilhas que também foram passadas na manteiga. Coar a sopa e despejar devagar sobre os legumes. Cortar em pedacinhos a parte gelatinosa dos mocotós e juntar a sopa.

OSTRAS A' TARTARA

Pôr para cozinhar 3 ou 4 dúzias de ostras, escorrer bem a água e retirar a parte calosa das ostras, depois temperar com uma pitada de pimenta, um pouco de azeite e de suco de limão.

Preparar uma maionaise: — Bater muito bem 3 gemas de ovos juntando pouco a pouco um copo e meio de azeite, mas começando por uma pitada de sal; depois de bem espesso o molho temperar na hora de servir com um pouquinho de mostarda e de suco de limão.

Misturar parte da **maionaise** com as ostras, arrumar dentro de conchas ou tigelinhas, pondo em baixo um pouco da **maionaise** e cobrindo por cima com outra camada de **maionaise**. Póde-se também arrumar sobre folhas de alface e enfeitar a travessa com rodela de ovos duros.

RAVIOLI DE CARNEIRO A' INGLESA

Fazer uma massa com meio quilo de farinha de trigo amassada com 6 ovos e uma colherinha de sal; juntar um pouco de água morna, caso a massa ficar dura, deixar descansar a massa uma meia hora.

Passar na máquina um pedaço de carne de carneiro e amassar com um miolo de carneiro duas ou três gemas e um pouco de salsa picada. Abrir a massa com o rolo, corta-la com um copo, pôr um pouco de recheio numa parte da rodela e dobrar a outra parte por cima; apertar as beiradas com os dentes de um garfo.

Dez minutos antes de servir, mergulhar os pasteis dentro da água fervendo, deixar cozinhar de 3 a 4 minutos, retirar com uma escumadeira sobre uma peneira. Arrumar num prato que vá ao forno, por camadas, salpicando sobre cada camada queijo ralado, regar por cima com molho de tomates.

TOURNEDOS A' FRANCESA

Chamam tournedo, aos pequenos bifes cortados nas pontas dos filets, devem ter 6 a 7 centímetros de diâmetro e pouco mais ou menos 2 centímetros e meio de grossura. Devem ser muito regulares para dar um bonito aspecto ao prato.

Para cortar os tournedos — Separar com cuidado o filet e retirar todos os nervos e fibras, escolhendo a ponta do filet. Com a ajuda de um barbante aperta-se bem para ficar bem redondo o rolo de carne, vae-se amarrando com um espaço de dois centímetros e meio todo

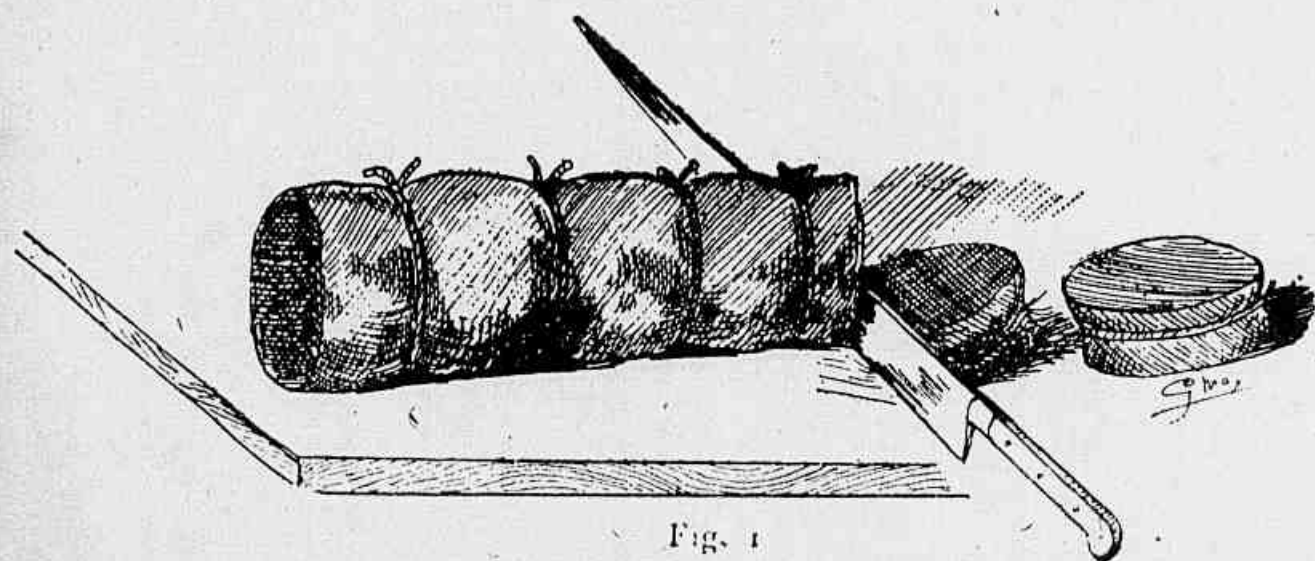


Fig. 1
Como amarrar o filet para cortar os "tournedos".

o filet. Tomando-se este cuidado, amarrar com os espaços bem iguais, facilita muito cortar os tournedos muito regulares, bem redondos. Conservar o amarrado durante o cozimento para conservarem o formato perfeito. Arrumar então os tournedos dentro de um prato e regar com a mistura de manteiga derretida e azeite, temperar com sal e pimenta, depois arrumar sobre a grelha e pôr para grelhar, quando estiverem grelhados de um lado, regar de novo com o tempero de manteiga e azeite, e colocar na grelha do outro lado. Cortar no pão de forma rodela do tamanho dos tournedos e de meio centimetro de espessura, fazer fritar na manteiga. Arrumar na travessa os tournedos sobre as fatias de pão e servir com o seguinte molho:

Pôr numa panela 60 grs. de manteiga, uma cebola cortada em fatias, 60 grs. de presunto e pedacinhos de carne de vaca, deixar refogar bem, depois juntar 60 grs. de farinha de trigo, mexer bem para a farinha tomar côr (mas não queimar), depois juntar caldo de carne e alguns tomates ou massa de tomates, deixar reduzir o caldo até ficar um molho com boa espessura. Coar o molho, despejar um pouco sobre cada tournedo e mandar o resto na molheira.

CENOURAS A' POULETTE

Pôr numa panela meio quilo de cenouras cortadas em fatias grossas, cobrir com caldo de carne e deixar cozinhar em fogo brando e panela tampada.

Pôr numa panela 30 grs. de manteiga, 15 grs. de farinha de trigo, desfazer com o caldo do cozimento das cenouras três quartos de um copo, pouco mais ou menos. Deixar cozinhar alguns minutos, depois juntar as cenouras, por ultimo duas gemas de ovos.

AMBROSIA

1 garrafa de leite, 5 gemas e 1 ovo inteiro. Uma libra de calda em ponto de açúcar. Mexe-se bem os ovos com o leite e deita-se tudo na calda, juntar 3 cravos da Índia. Depois de tudo bem misturado não se deve mexer mais.

O mesmo doce sem leite — Fazer uma calda em ponto de pasta com 3 chicharas (de chá) de açúcar. Tirar a calda do fogo e misturar com 11 gemas e 1 ovo inteiro e logo que voltar ao fogo juntar 1 colher (de sopa) de manteiga, e mexer até ferver em fogo muito brando.

BOLO AMERICANO

Meio quilo de açúcar, meio quilo de farinha de trigo peneirada, 1 garrafa de leite, 2 colheres de manteiga, 1 colherinha de chá de fermento inglês, 3 ou 4 ovos inteiros.

Bater a manteiga e desfazer em seguida com o leite. Bater as gemas com o açúcar, misturar com as claras batidas e juntar ao leite, (peneirar o fermento com a farinha de trigo) e por ultimo a farinha de trigo, mexer bem e pôr para assar em fôrma grande ou forminhas untadas com manteiga.

Da. JOSEFINA DA COSTA SILVEIRA diz:

Em casa, todos

apreciam Quaker Oats



Para maior valor - insista em **QUAKER OATS**

Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata hermeticamente fechada.



QUE alimento de valor extraordinário! Não há ninguém, em minha família, que não tire proveito da deliciosa Quaker Oats. O Thiamin (Vitamina B-1), o ferro, o fósforo e as proteínas que Quaker Oats contém em abundância, fortalecem o organismo, tonificam os nervos, auxiliam a digestão, enriquecem o sangue e evitam o nervosismo e o cansaço. Um mingau de manhã, uma sopa ao almoço ou alguns bolinhos para o chá, preparados com Quaker Oats, são sempre muito apreciados. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata

A influencia da Guerra na Moda Feminina

A Moda impõe para a Primavera um vestido vermelho e uma piteira branca, pelo menos

E' indiscutivelmente uma ironia bastante dolorosa o facto dos costureiros explorarem comercialmente a inspiração trazida pela guerra para aumentar a atracção feminina, e o das mulheres do mundo inteiro se deixarem seduzir por ela. Mas a ironia não impede que nessa inspiração haja detalhes realmente encantadores; notem a predominancia do vermelho, por exemplo. "Mas as piteiras, pen-



sará você, cara leitora, que tem a ver com a guerra? E é indiscutível que elas estão cada vez mais na moda. . . " E' claro que o seu uso quase obrigatorio, por parte das elegantes europeias, está estreitamente ligado a ela. Essa moda veio da França, onde a racionalização do fumo impede as mulheres de fumarem para que sobre cigarro para os soldados; ora, as mulheres francesas tem recursos fantásticos e resolveram adotar novamente as piteiras, para que assim os poucos cigarros que chegam às suas mãos possam ser saboreados até ao último resquicio de fumo. E nós, que temos a felicidade de não precisar desse recurso, aceitamos displicentemente a moda, porque é elegante e porque estamos habituadas a obedecer Paris, nesse setor. "Mas porque brancas, as piteiras?" dirá você. Talvez para formar um lindo contraste com o vermelho dos vestidos, talvez porque simbolize o anseio de paz que domina o nosso sexo. . . não sei. . . E você também não procure saber: para que? Faça um vestido vermelho lembrando-se de que há pouco, nos Estados Unidos, fizeram uma *enquête* para saber de que cor estavam vestidas as mulheres que faziam os homens voltar a cabeça na rua, e o resultado foi que 55% vestiam de vermelho! . . . Compre também uma piteira branca e fume com mais prazer.

É um prazer!



CIA SOUZA CRUZ